

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

CYNTHIA GOMES PINHEIRO

METÁFORAS E METONÍMIAS CONCEPTUAIS EM CRÔNICAS DE
LUIS FERNANDO VERÍSSIMO

João Pessoa

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

METÁFORAS E METONÍMIAS CONCEPTUAIS EM CRÔNICAS DE
LUIS FERNANDO VERÍSSIMO

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-graduação em Linguística da
Universidade Federal da Paraíba, na área de
Teoria e Análise Linguística e linha de
pesquisa Linguagem, Sentido e Cognição.

**Orientadora: Prof^a Dr^a Lucienne
Espíndola**

Cynthia Gomes Pinheiro

João Pessoa

2014

P654m Pinheiro, Cynthia Gomes.

Metáforas e metonímias conceptuais em crônicas de Luis Fernando Veríssimo / Cynthia Gomes Pinheiro.- João Pessoa, 2014.

140f.

Orientadora: Lucienne Espíndola

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA

1. Veríssimo, Luis Fernando, 1936- crítica e interpretação.
2. Linguística. 3. Crônicas - metáfora e metonímia conceptuais.
4. Modelos mentais.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

CYNTHIA GOMES PINHEIRO

METÁFORAS E METONÍMIAS CONCEPTUAIS EM CRÔNICAS DE
LUIS FERNANDO VERÍSSIMO

BANCA

ORIENTADORA: _____
Prof. Dr.^a Lucienne C. Espíndola

EXAMINADORES:

Prof. Dr. Erivaldo Pereira do Nascimento

Prof. Dr.^a Eliane Ferraz Alves

SUPLENTE:

Prof. Dr. Pedro Farias Francelino

João Pessoa - PB, ____ de _____ 2014.

Dedico este trabalho, fruto de tanta garra e persistência, aos meus pequenos Guilherme e Giselle. Meus filhos, amo vocês eternamente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado a saúde, a coragem e a determinação necessárias para seguir em busca dos meus sonhos, dentre eles, a minha realização profissional na área acadêmica.

Agradeço à professora Dr^a Lucienne Espíndola, minha querida orientadora, pela sensibilidade, paciência e competência para orientar esta pesquisa, e por todo o seu apoio nos momentos mais difíceis.

Agradeço à minha família, principalmente minha mãe, minha irmã e meu esposo, que são auxílio e porto seguro constantes em minha vida.

Agradeço aos professores Eliane Ferraz, Erivaldo Nascimento e Jan Edson pela gentileza e contribuições dadas para o aprimoramento desta pesquisa.

Agradeço aos meus amigos de universidade, especialmente à minha amiga Ellem, pelas constantes palavras de incentivo, e por me ajudar a seguir nesta caminhada. É muito bom poder contar com você!

Enfim, agradeço a todos os professores, funcionários e a todos aqueles que, direta ou indiretamente, ajudaram-me a concluir esta pesquisa.

O modo como pensamos, o que experienciamos e o que fazemos todos os dias são uma questão de metáfora.

(George Lakoff e Mark Johnson)

RESUMO

Este trabalho apresenta uma descrição das metáforas e metonímias conceptuais recorrentes em crônicas de Luis Fernando Veríssimo, bem como a identificação das inferências possíveis na compreensão das respectivas expressões linguísticas metafóricas e metonímicas a partir dos modelos mentais. Para tanto, utilizamos como referencial teórico duas teorias: a Teoria da Metáfora e da Metonímia Conceptuais (cf. Lakoff & Johnson, (1987, 2002 [1980], 2003 e outros) e a Teoria dos Modelos Mentais (cf. Van Dijk, (2012 [2008])). Nossa pesquisa, de natureza descritiva, é constituída de 31 crônicas contidas nos livros “Amor Veríssimo”, “Comédias da Vida Privada” e “Comédias da Vida Pública”, que retratam exemplos de situações que vivenciamos em dois contextos distintos e opostos: a vida privada e a vida pública. Primeiramente, identificamos as expressões linguísticas metonímicas e metafóricas existentes nos textos. Em seguida, verificamos as metonímias e as metáforas subjacentes a essas expressões. Por fim, investigamos as possíveis inferências na compreensão dessas expressões linguísticas a partir dos modelos mentais. Com os resultados encontrados, confirmamos a nossa hipótese de que as atualizações de metáforas e metonímias conceptuais retratadas nas crônicas investigadas remetem a modelos mentais que levam à compreensão dos aspectos discursivos e, conseqüentemente, à geração do sentido dessas crônicas.

Palavras-chave: Metáfora e Metonímia Conceptuais; Crônicas; Modelos Mentais.

ABSTRACT

This work presents a description of the conceptual metaphors and metonymy recurrent in chronicles by Luis Fernando Veríssimo, and the identification of possible inferences in understanding their metaphorical and metonymic linguistic expressions from the mental models. Therefore, we used as theoretical reference two theories: the Theory of Concept Metaphor and Metonymy (cf. Lakoff & Johnson, (1987, 2002 [1980], 2003 and others) and the Theory of Mental Models (cf. Van Dijk, (2012 [2008])). Our research, descriptive, consists of 31 chronicles present in the books “Amor Veríssimo”, “Comédias da Vida Privada” e “Comédias da Vida Pública” which show examples of situations we experience in two different and opposite contexts: private life and public life. First, we identified the metonymic and metaphorical linguistic expressions present in the texts. Then, we checked the metonymy and metaphor underlying these expressions. Finally, we investigated the possible inferences in understanding these linguistic expressions from the mental models. With the results, we confirmed our hypothesis that the updates of metaphors and metonymy portrayed in the investigated chronicles remit to mental models that lead to the understanding of the discursive aspects and hence the generation of the meaning of these chronicles.

Key-words: Concept Metaphors and Metonymy; Chronicles; Mental Models.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. A METÁFORA: DO PARADIGMA OBJETIVISTA AO PARADIGMA COGNITIVISTA.....	14
1.1. A origem da metáfora.....	14
1.2. Sobre a metáfora conceptual.....	16
1.3. O mapeamento metafórico.....	26
1.4. Classificação da metáfora conceptual proposta por Lakoff e Johnson em 1980.....	27
1.4.1. Metáforas orientacionais.....	28
1.4.2. Metáforas estruturais.....	29
1.4.3. Metáforas ontológicas.....	30
1.4.4. Sobre a revisão da teoria da metáfora conceptual de Lakoff e Johnson em 2003.....	34
1.5. O cruzamento entre a metáfora e a metonímia.....	36
1.6 A relação entre metáfora e literatura.....	42
2. MODELOS MENTAIS: CONTRIBUIÇÕES DE VAN DIJK.....	44
2.1- A interface entre discurso e sociedade.....	44
2.2- Contexto.....	44
2.3- Modelos mentais.....	46
2.3.1- As experiências como modelos mentais.....	47
2.3.2- Os contextos como modelos mentais.....	49

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	51
3.1. Considerações metodológicas.....	51
3.2. Caracterizando a crônica enquanto gênero textual.....	52
3.3. As expressões metafóricas e metonímicas conceptuais no <i>corpus</i>.....	53
3.4. Discussão e resultados.....	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS.....	69
ANEXOS.....	72

INTRODUÇÃO

Nossa compreensão do mundo está diretamente ligada às nossas experiências e práticas sociais, mediada pela linguagem. Contudo, para que haja essa compreensão é necessário categorizar as coisas que estão ao nosso redor. Desde a época de Aristóteles havia o interesse na prática de categorizar, nomear e definir as coisas do mundo, mas só a partir do surgimento da ciência cognitiva é que o processo de categorização deixa de ser considerado como individual e passa a ser visto como cognitivo e cultural.

Dessa forma, podemos afirmar que a categorização é um processo que faz parte da vida do ser humano, pois “without the ability to categorize, we could not function at all, either in the physical world or in our social and intellectual lives”¹ (LAKOFF, 1987, p.6). Segundo Lakoff, apesar da impressão de que nós só categorizamos as “coisas”, uma grande proporção das nossas categorias é de entidades abstratas, como eventos, ações, relacionamentos, emoções etc., sendo esse processo automático e inconsciente.

Nesse contexto, Lakoff (1987) revela que a categorização só é possível através dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), que são produtos da cognição humana e são os responsáveis pela organização de todo conhecimento adquirido ao longo das nossas vidas. Podemos dizer, portanto, que uma categoria é o resultado da combinação entre modelos cognitivos, experiências e o mundo. Os modelos cognitivos são vistos como idealizados porque são estruturados a partir de uma seleção de estímulos (crenças, valores bio-sócio-culturais) que orientam o pensar e o agir do indivíduo no processo de interação com o mundo.

A teoria dos MCIs é a base da Semântica Cognitiva de Lakoff e é constituída por cinco modelos estruturadores, a saber: os modelos de esquemas de imagem, os modelos cognitivos proposicionais, os modelos cognitivos metonímicos, os modelos cognitivos metafóricos e os modelos cognitivos simbólicos. Em função dos objetivos dessa investigação, vamos nos deter aos modelos cognitivos metonímicos e metafóricos, que consistem de um mapeamento cognitivo entre domínios da nossa experiência, mas em diferentes níveis.

¹ sem a habilidade de categorizar, nós não poderíamos funcionar como um todo, mesmo no mundo físico ou em nossas vidas social e intelectual (Tradução nossa).

Buscamos apresentar neste trabalho uma análise das expressões linguísticas metonímicas e metafóricas nas crônicas dos livros “Amor Veríssimo”, “Comédias da Vida Privada” e “Comédias da Vida Pública”, de Luis Fernando Veríssimo, bem como verificar de que forma essas expressões linguísticas são compreendidas a partir dos modelos mentais postulados por Van Dijk (2012 [2008]). A nossa hipótese está centrada na ideia de que as atualizações de metáforas e metonímias conceptuais retratadas nas crônicas remetem a modelos mentais que levam à compreensão dos aspectos discursivos dessas crônicas.

As perguntas que norteiam o desenvolvimento do nosso trabalho são: 1- Dentre as metáforas e metonímias conceptuais presentes nas crônicas em análise existe alguma que aparece com maior frequência? 2- Quais são as inferências possíveis na compreensão dessas expressões linguísticas metafóricas e metonímicas a partir dos modelos mentais? Em uma revisão bibliográfica, foram encontradas algumas pesquisas sobre a utilização do humor como instrumento de crítica social presente nos trabalhos do escritor, porém não foi evidenciado nenhum estudo que respondesse às questões levantadas nesta análise.

Tomamos como base para realização deste estudo a teoria da Metáfora Conceptual estabelecida por Lakoff & Johnson (1987, 2002[1980], 2003), que será utilizada para a identificação das expressões linguísticas atualizadoras de metáforas e metonímias conceptuais nas crônicas de Veríssimo. Também utilizamos os pressupostos da linha cognitiva desenvolvidos por Lakoff e Turner (1989), Barcelona (2003), Kövecses (2002), Sardinha (2007) entre outros.

Após o levantamento das metáforas e metonímias conceptuais, buscamos verificar quais são as inferências possíveis na compreensão das expressões linguísticas metafóricas e metonímicas com base na teoria dos Modelos Mentais postulada por Van Dijk (2012 [2008]). Estes são os objetivos da nossa pesquisa, que tem um caráter teórico, analítico e qualitativo.

A primeira fase da nossa pesquisa foi a leitura das obras que constituem o nosso *corpus*, para que, a partir dessa leitura, fosse possível o levantamento das expressões linguísticas metafóricas e metonímicas (unidade de análise), e a posterior identificação das metáforas/metonímias mais recorrentes, utilizando o método de leitura proposto por Sardinha (2007). Este modelo consiste em um procedimento simples, baseado na leitura do texto, no qual o pesquisador vai identificando os casos que podem ser considerados metafóricos ou metonímicos. Em seguida, investigamos as inferências possíveis na

compreensão dessas expressões linguísticas metafóricas e metonímicas a partir dos modelos mentais.

A pesquisa está dividida em três capítulos: no primeiro mostramos um breve panorama sobre a origem da metáfora para, em seguida, explorar a teoria da Metáfora Conceptual; no segundo abordamos a teoria dos Modelos Mentais, que inclui os contextos e as experiências como tipos especiais de modelos mentais; e, no terceiro, apresentamos a análise e discussão dos resultados da pesquisa, em que, após explicitar a forma metodológica do trabalho (características do *corpus*, os procedimentos analíticos etc.) e uma breve caracterização da crônica enquanto gênero textual, apresentamos a análise das crônicas, com o levantamento das metáforas e metonímias conceptuais e discussão sobre como as expressões linguísticas metafóricas e metonímicas são compreendidas a partir dos modelos mentais.

Por fim, apontamos algumas considerações a respeito dos resultados obtidos com a análise dos dados.

1- A METÁFORA: DO PARADIGMA OBJETIVISTA AO PARADIGMA COGNITIVISTA

1.1- A origem da metáfora

A metáfora surgiu a partir dos estudos aristotélicos (século IV a.C.) na tradição retórica, e durante um longo tempo ficou restrita à ideia de figura, ornamento linguístico de ordem poética ou persuasiva, sem nenhum valor cognitivo. Na *Arte Poética*, Aristóteles concebe a metáfora como uma transferência de um nome estranho de uma coisa para outra, ou de uma espécie para outra ou do gênero para a espécie (ou vice-versa), por via de analogia (2006, p.182).

Aristóteles também enquadra a metáfora como sendo uma comparação direta. Desta forma, “Zé trabalha devagar como uma tartaruga” e “a tartaruga está trabalhando”, em que tartaruga se refere ao Zé, são dois exemplos de metáforas, pois nos dois casos a ação de trabalhar de forma vagarosa foi transferida para o Zé.

Além disso, Aristóteles defende a ideia de que a metáfora exige do leitor ou do ouvinte um trabalho mental para que seja possível a compreensão. Quando dizemos “Maria é uma rosa”, precisamos encontrar uma propriedade comum entre Maria e a rosa (por exemplo, a pureza, a beleza etc.), para que a interpretação da frase seja possível. Sendo assim, podemos dizer que Aristóteles lançou os primeiros sinais de que a metáfora não seria só uma figura de linguagem.

Isso pode sinalizar que Aristóteles reconheceu o papel cognitivo da metáfora, na medida em que ela propicia aprendizado (de conceitos, palavras etc.), não sendo a sua visão a de que a metáfora seria apenas um artifício vazio (RAPP, 2002, *apud* SARDINHA, 2007, p.21).

Leezenberg (2001) vê diferentes possibilidades de interpretações da metáfora nos estudos aristotélicos devido às lacunas encontradas nesses estudos. Dentre os problemas levantados, está o fato de Aristóteles não apresentar justificativas para o uso da metáfora, pois ele não deixa claro se as pessoas a utilizam para embelezar a linguagem ou se ela é intrínseca ao ser humano, por fazer parte de uma operação cognitiva:

Further, he [Aristóteles] gives no general account of why people use metaphors, but it is clear that he considers metaphor useful if not necessary for various stylistic and 'cognitive' purposes: it can make things clear by putting them before our eyes; it may give language a lofty and dignified quality; it can fill semantic gaps, as in the case of the sun's activities; and finally, it can make an unfamiliar object familiar. Lastly, he gives no hint of considering metaphor deviant by definition, or of denying that metaphors can be just as true or false as literal language. His scattered remarks, then, remain tantalizingly incomplete, at times contradictory, and are, in the final analysis, rather unsatisfactory.¹ (LEEZENBERG, 2001, p.43)

Ainda encontramos uma concepção aristotélica da palavra metáfora no dicionário da língua portuguesa *Novo Aurélio Século XXI* que a define como “tropo que consiste na transferência de uma palavra para um âmbito semântico que não é o do objeto que ela designa, e que se fundamenta numa relação de semelhança subentendida entre o sentido próprio e o ‘figurado’; translação” (FERREIRA, 1999, p.1326).

Segundo Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 11), quando se queria falar objetivamente, a metáfora e outras figuras de linguagem não deveriam ser utilizadas, pois a razão era a única forma de o homem perceber e conhecer a realidade, conforme apregoava o objetivismo dominante da tradição filosófica ocidental.

O sentido comum/literal era a linguagem que conseguia “se enquadrar ao mundo”, ou seja, era aquela capaz de ser objetivamente falsa ou verdadeira e que podia ser vista em textos científicos, informativos e jornalísticos. Também era caracterizada como a linguagem convencional ordinária que estava em oposição à linguagem figurada/literária (VEREZA, 2007, p. 27).

A metáfora fazia parte apenas do universo da linguagem literária, caracterizada como plurissignificativa e empregada de forma conotativa, sendo observada em textos como o poema, o conto, o romance e a novela.

¹ Além disso, ele [Aristóteles] não apresenta nenhuma justificativa geral do motivo pelo qual as pessoas usam metáforas, embora esteja claro que ele considera a metáfora útil se não necessária para diferentes motivos estilísticos e ‘cognitivos’: a metáfora pode tornar as coisas mais claras colocando-as diante dos nossos olhos; ela pode dar à língua uma qualidade digna e sublime; ela pode preencher espaços semânticos vazios, como no caso das atividades do sol; e finalmente, ela pode tornar algo desconhecido familiar. Por último, ele não oferece nenhuma pista de que considera a metáfora um desvio por definição ou de que nega que as metáforas podem ser tanto verdadeiras ou falsas quanto a linguagem literal. Suas observações escassas, portanto, permanecem torturantemente incompletas, às vezes contraditórias, e são em última análise insatisfatórias (Tradução nossa).

Dessa forma, a distinção entre linguagem literal e linguagem figurada constituiu a base para a maior parte dos estudos sobre a metáfora. A linguagem literal, predominante no objetivismo, apregoava a construção de verdades incondicionais e absolutas; enquanto que a linguagem figurada, predominante no subjetivismo, estava alinhada às emoções e ao autoconhecimento.

Houve quase sempre uma aceitação tácita da objetividade da linguagem literal e de que esta retrata a realidade de tal sorte que para a compreensão de seus termos é necessário tão somente buscar seus referentes no mundo externo, sendo assim uma linguagem com base em valor de verdade. Além do mais, tendo sido quase sempre aclamada como uma linguagem séria e de grande valor para os assuntos que tratam o mundo de uma forma supostamente objetiva e direta como, por exemplo, a ciência, o direito, e o argumento racional, a linguagem literal sempre gozou do prestígio popular e, principalmente, científico e acadêmico. À linguagem figurada, por outro lado, sempre coube quase que incondicionalmente um lugar de prestígio circunscrito ao mundo literário. (BORBOREMA, 2004, p.17).

Com o advento da Semântica Cognitiva, a partir do século XX, inicia-se a ruptura do paradigma objetivista, colocando em xeque seus fundamentos e dando oportunidade para o desenvolvimento de uma nova perspectiva: o cognitivismo. A metáfora, nesse momento, passa a trilhar o seu caminho como um fenômeno de natureza cognitiva e o conhecimento da realidade passa a ser tratado como o resultado de uma ação individual que dependerá da interação do conhecimento preexistente do sujeito e do contexto no qual ele está inserido.

Assim, a metáfora que antes era vista apenas como um recurso estilístico passa a ser estudada também como um recurso que utilizamos, diariamente, em qualquer interação verbal (metáfora conceptual).

1.2- Sobre a metáfora conceptual

De acordo com o exposto anteriormente, a partir da década de 70 houve uma mudança paradigmática que levou a uma reformulação na maneira de conceber a metáfora. Neste novo paradigma, ela deixa de ser um ornamento linguístico utilizado em linguagens especiais (como a persuasiva e a poética), e passa a ser reconhecida como uma operação cognitiva fundamental.

Nesse contexto, Lakoff e Johnson provocam uma revolução nas pesquisas sobre a metáfora. Sua obra, *Metaphors we live by*, publicada em 1980, marcou de forma significativa os estudos sobre a metáfora conceitual. Para eles a metáfora não é um fenômeno puramente linguístico; ela faz parte da vida cotidiana e está presente em nossos pensamentos e ações:

A metáfora é, para a maioria das pessoas, um recurso da imaginação poética e um ornamento retórico – é mais uma questão de linguagem extraordinária do que de linguagem ordinária. Mais do que isso, a metáfora é usualmente vista como uma característica restrita à linguagem, uma questão mais de palavras do que de pensamento ou ação. Por esta razão, a maioria das pessoas acha que pode viver perfeitamente bem sem a metáfora. Nós descobrimos, ao contrário, que a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 45).

Diante dessa revelação, o sistema conceitual humano passa a ser visto como fortemente metafórico, isto é, os processos que constituem o pensamento são metaforicamente estruturados e definidos: “o conceito é metaforicamente estruturado, a atividade é metaforicamente estruturada e, em consequência, a linguagem é metaforicamente estruturada” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 48). Porém esse fato não é algo de que temos plena consciência, pois estamos quase sempre pensando e agindo automaticamente.

A metáfora é uma forma de conceptualizar nossas experiências, em que é verificado um mapeamento entre dois domínios (domínio fonte para o domínio alvo). Porém, conforme exposto por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), apenas uma parte do conceito do domínio fonte é usada para estruturar o conceito do domínio alvo. Na metáfora AMOR É GUERRA é possível utilizar alguns aspectos do domínio fonte GUERRA (lutar, conquistar) para construir o conceito de AMOR. Ou seja, algumas ações relacionadas ao amor são parcialmente estruturadas pelo conceito de guerra. Quando dizemos “Ele *lutou* por ela” ou “Apesar do seu grande esforço, o rapaz não conseguiu *conquistá-la*”, sabemos que não há uma batalha física, mas atitudes que correspondem à parte usada do conceito do domínio fonte GUERRA e pertencem à nossa maneira ordinária de falar do AMOR.

Importante observar que um mesmo domínio alvo pode ser estruturado por diferentes domínios fontes, dependendo do contexto de cada situação. As metáforas

AMOR É GUERRA, AMOR É LOUCURA e AMOR É MAGIA possuem um mesmo domínio alvo (AMOR) e diferentes domínios fontes (GUERRA, LOUCURA, MAGIA), ou seja, o ‘amor’ pode ser definido (conceituado) em termos de ‘guerra’, de ‘loucura’ ou de ‘magia’. Exemplos desses casos estão nas frases “A moça *fugiu* das investidas dele” (AMOR É GUERRA), “Estou *louca* por Brad” (AMOR É LOUCURA), “Fui enfeitiçada” (AMOR É MAGIA).

De uma forma geral, os conceitos a que se referem as emoções (ex: amor, felicidade, tristeza etc.) são quase totalmente estruturados metaforicamente:

O conceito de AMOR, por exemplo, é fortemente estruturado metaforicamente: AMOR É UMA VIAGEM, AMOR É UM PACIENTE, AMOR É UMA FORÇA FÍSICA, AMOR É LOUCURA, AMOR É GUERRA etc. O conceito de AMOR tem um núcleo que é minimamente estruturado pela subcategorização AMOR É UMA EMOÇÃO e por ligações com outras emoções, por exemplo, gostar. Isso é típico de conceitos de emoção que não são claramente delineados em nossa experiência de forma direta e, portanto, devem ser compreendidos, primeiramente, de forma indireta, via metáfora. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 163).

Assim, a linguagem que usamos para falar do amor “não é poética, ornamental, ou retórica; é literal” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 48). Falamos (e agimos!) desta ou daquela forma com relação ao **amor** porque o concebemos assim.

Como vimos, o sistema conceptual de cada um de nós é composto por metáforas, em que um conceito de uma coisa (domínio alvo) é definido em termos de outra (domínio fonte). Lakoff e Jonhson (2002) ressaltam a existência dos seguintes diferentes tipos de metáforas:

- 1- Metáfora no domínio do literal;
- 2- Metáfora literal *versus* metáfora imaginativa;
- 3- Metáfora viva *versus* metáfora morta.

O primeiro caso, metáfora no domínio do literal, pode ser exemplificado pela metáfora TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES, em que é possível utilizarmos termos do domínio CONSTRUÇÃO (ex: construir, alicerçar etc.) para falar sobre o conceito de TEORIA. Porém, utilizamos apenas a base e a parte externa do conceito de

CONSTRUÇÃO para estruturar o conceito de TEORIA. A parte interna, como os cômodos, os telhados e os corredores, são elementos de uma construção que não são usados quando falamos de teorias. Esse exemplo nos mostra que, para se construir um conceito metafórico, uma parte do conceito do domínio fonte é usada, e outra parte não. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 121,122).

No entanto, quando a parte “não usada” da metáfora aparece em expressões linguísticas, essas expressões ficam fora do domínio da linguagem literal e passam a constituir a linguagem “figurada” ou “imaginativa”, pois não é uma forma comum de se falar sobre o conceito. Dessa forma, surge a metáfora imaginativa, exemplificada por Lakoff e Johnson (p. 122) através de expressões linguísticas que atualizam a metáfora TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES:

- ✓ A teoria dele tem milhares de quatinhos e corredores compridos e tortuosos.
- ✓ Ele prefere pesadas teorias góticas cobertas por gárgulas.
- ✓ Teorias complexas normalmente apresentam problemas de encanamento.

Sendo assim, os estudiosos concluem que “expressões literais (“Ele construiu uma teoria”) e expressões imaginativas (“Sua teoria reveste-se de gárgulas”) podem ser exemplos da mesma metáfora geral (TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES)” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 122).

Quanto à metáfora morta, Lakoff e Johnson (2002) explicam que são aquelas que não são usadas de forma sistemática, e ficam isoladas, como é o caso da expressão *pé da montanha*, licenciada pela metáfora MONTANHA É UMA PESSOA. A única parte usada dessa metáfora é o pé de montanha, pois geralmente não se fala em cabeça, ombro ou tronco da montanha no discurso normal. Portanto, esse é um caso típico de metáfora marginal em nossa língua e em nossa cultura, e pode ser considerada “morta”, pois não a vivenciamos regularmente.

Exemplos como pé de montanha são idiossincráticos, não sistemáticos e isolados. Não interagem com outras metáforas, não desempenham papel importante em nosso sistema conceitual e, portanto, não são metáforas que vivenciamos (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 124).

Vimos, até então, vários exemplos de metáforas conceituais e suas respectivas expressões linguísticas metafóricas. Passaremos agora a discorrer sobre a diferença entre essas duas definições. A metáfora conceitual, escrita em caixa alta, fornece um conceito de uma coisa em termos de outra, como em DISCUSSÃO É GUERRA em que é possível utilizar alguns aspectos do domínio GUERRA (atacar, ganhar etc.) para construir o conceito de DISCUSSÃO. Já a expressão linguística metafórica é a manifestação linguística de uma metáfora conceitual, como em “Ele atacou todos os meus argumentos” ou “Nunca ganhei uma discussão com meu chefe”, que são exemplos de expressões linguísticas metafóricas que atualizam a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA.

Conforme Kövecses, as metáforas conceituais em geral utilizam um conceito mais concreto (domínio fonte), advindo da nossa experiência com o mundo físico, para compreender um conceito mais abstrato (domínio alvo), porém essa condição não se dá de forma reversa. Ou seja, o processo metafórico acontece tipicamente numa única direção, em que um domínio estrutura o outro sem que este seja influenciado por aquele.

Our experiences with the physical world serve as a natural and logical foundation for the comprehension of more abstract domains. This explains why in most cases of everyday metaphors the source and target domains are not reversible. For example, we do not talk about ideas as food or journey as love. This is called the principle of unidirectionality; that is, the metaphorical process typically goes from the more concrete to the more abstract but not the other way around.² (KÖVECSES, 2010, p.7)

Os conceitos metafóricos são estruturados de maneira sistemática, mas para que a metáfora seja entendida é necessário que esteja coerente com o contexto social em que é proferida, caso contrário ela poderá ser mal interpretada. Por exemplo, no Brasil e em outros países, encontramos várias manifestações linguísticas da metáfora TEMPO É DINHEIRO, conforme abaixo:

² Nossa experiência com o mundo físico serve como base lógica e natural para compreensão dos domínios mais abstratos. Isso explica o porquê de na maioria dos casos das metáforas cotidianas os domínios fonte e alvo não serem reversíveis. Por exemplo, não falamos sobre ideias como alimento ou sobre viagem como amor. Este é o princípio de unidirecionalidade, isto é, o processo metafórico vai tipicamente do conceito mais concreto para o mais abstrato, mas não o contrário (Tradução nossa).

- ✓ Como você gasta seu tempo hoje em dia?
- ✓ Tenho investido muito tempo nela.
- ✓ Você deve calcular bem o seu tempo.
- ✓ Você está desperdiçando meu tempo

Dessa forma, observamos que o tempo é entendido como algo que pode ser gasto, investido, orçado ou mesmo desperdiçado. Concebemos o tempo assim porque agimos como se o tempo fosse um bem valioso, um recurso limitado como o dinheiro. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 51).

Além disso, ressaltamos a existência das metáforas TEMPO É UM RECURSO LIMITADO e TEMPO É UM BEM VALIOSO derivadas da metáfora TEMPO É DINHEIRO, pois, em nossa sociedade, o dinheiro é um recurso limitado e recursos limitados são bens preciosos. Logo, entendemos o tempo conforme o modo como este é concebido em nossa cultura. Essas relações de implicação entre as metáforas são chamadas de relações de subcategorização, em que, mesmo diante da existência de expressões específicas que se referem a dinheiro (como investir e gastar), outras que se referem a recursos limitados (como esgotar e ter suficiente) e ainda outras que se referem a bens valiosos (como perder e ter), observamos relações de implicações entre elas, responsáveis pela caracterização de um sistema coerente de conceitos metafóricos. Se, por exemplo, dissermos “Estou perdendo o meu tempo com você”, ou “ Por favor, retire-se pois o seu tempo está esgotado.”, agimos como se o tempo fosse um bem valioso/um recurso limitado, como o dinheiro. Logo, “TEMPO É DINHEIRO implica TEMPO É UM RECURSO LIMITADO, que, por sua vez, implica TEMPO É UM BEM VALIOSO” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 52).

De acordo com Kövecses (2010), tanto as expressões linguísticas metafóricas quanto as suas respectivas metáforas conceptuais são altamente convencionais (ou convencionalizadas) no uso de uma comunidade linguística. Isso quer dizer que os falantes daquela comunidade utilizam, diária e naturalmente, algumas expressões linguísticas licenciadas por metáforas conceptuais para falar de conceitos como discussão, amor, teorias, ideias, organizações sociais, vida etc., conforme exemplos abaixo:

DISCUSSÃO É GUERRA: Eu defendi meu argumento.

AMOR É UMA VIAGEM: Amor, temos que seguir nossos caminhos separados.

TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES: Precisamos construir uma nova teoria.

IDEIAS SÃO ALIMENTOS: Eu não posso digerir todos esses fatos.

ORGANIZAÇÕES SOCIAIS SÃO PLANTAS: A empresa está crescendo rapidamente.

VIDA É UMA VIAGEM: Apesar de todas as dificuldades, ela está conseguindo seguir sozinha na vida.

Verificamos, portanto, que as metáforas conceptuais e suas expressões linguísticas são formas comuns e naturais de se falar e pensar sobre esses assuntos e, por isso, são bastante convencionalizadas. Elas estão enraizadas no discurso do falante, que, geralmente, não percebe que está utilizando termos de um conceito mais concreto para se referir a outro mais abstrato.

In fact, most speakers would not even notice that they use metaphor when they use the expression defend in connection with arguments, construct in connection with theories, go our separate ways in connection with love, grow in connection with company, digest in connection with ideas, or head start in connection with life. For native speakers of English, these are some of the most ordinary and natural ways to talk about these subject matters.³ (KÖVECSES, 2010, p.34)

Contudo, quando as experiências estão fora do alcance dos mecanismos convencionais é necessário utilizar domínios de origem menos convencional. Por exemplo, a metáfora não convencional AMOR É UMA OBRA DE ARTE COLABORATIVA enfatiza os aspectos voltados para o lado colaborativo e cooperativo do amor, enquanto que as metáforas mais convencionais enfatizam os aspectos emocionais do amor. Sendo o amor uma obra de arte colaborativa, os amantes deveriam ser capazes de resolver objetivos em comum, de compartilhar responsabilidades etc., ou seja, é uma noção de amor bem diferente daquela trazida pelas metáforas convencionais, em que os amantes “vivem” por amor. (KÖVECSES, 2002, p.36).

³ De fato, a maioria dos falantes nem mesmo percebe que eles usam metáfora quando usam termos como defender com relação à discussão, construir com relação a teorias, seguir caminhos separados com relação ao amor, crescer com relação à empresa, digerir com relação a ideias, ter um bom começo com relação à vida. Para falantes nativos de inglês, estas são algumas das formas mais comuns e naturais de se falar sobre estes assuntos (tradução nossa).

Para um melhor entendimento, trazemos abaixo dois exemplos de metáforas relacionadas ao amor, e suas respectivas expressões linguísticas: o primeiro corresponde a uma metáfora convencional e o segundo a uma metáfora não convencional:

- 1- AMOR É LOUCURA: Mariana fica *fora de si* quando Rogério entra na sala de aula e pisca o olho esquerdo para ela.
- 2- AMOR É UMA OBRA DE ARTE COLABORATIVA: Após o casamento, eles passaram a *dividir* todas as tarefas domésticas.

Assim,

Certas ações, inferências e metas são ditadas pela metáfora AMOR É UMA OBRA DE ARTE COLABORATIVA, mas não pela metáfora AMOR É LOUCURA. Se o amor é loucura, não me concentro no que tenho de fazer para mantê-lo. Porém se é trabalho, então ele exige atividade e, se é uma obra de arte, requer um *tipo* muito especial de atividade e, se é colaborativa, então ela é ainda mais restrita e específica. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 239).

De acordo com Lakoff e Turner (1989), apesar de muitos conceitos convencionais serem compreendidos através de metáforas, também existem aqueles que podem ser compreendidos sem a utilização de metáforas, como é o caso do conceito de cão. Ou seja, a cauda de um cão, nariz e pernas são entendidos sem a necessidade de utilizar aspectos de outro conceito. Já a fidelidade do cão é conceituada de forma metafórica, pois esta é entendida como uma característica do ser humano.

De uma forma geral, a metáfora permite focalizar um determinado aspecto de um conceito, mas esconde outros aspectos desse mesmo conceito. Em AMOR É GUERRA, por exemplo, focalizamos exclusivamente os aspectos bélicos do amor, pois estamos engajados no objetivo de lutar, perseguir, conquistar a pessoa amada, o que nos impede de focalizar outros aspectos desse conceito, como os aspectos referentes ao tempo investido nesta ação. O amante pode ser visto como alguém que está gastando o seu tempo em busca da pessoa amada, em um esforço para conseguir que seu amor seja correspondido. Porém quando pensamos nos aspectos bélicos do amor, dificilmente lembramos do tempo utilizado nessa conquista.

A metáfora do canal, documentada por Reddy (1979), é um exemplo de como um conceito metafórico pode encobrir algum aspecto da nossa experiência. Ele observa

que o nosso modo de falar sobre a linguagem é estruturado pela seguinte metáfora complexa: IDEIAS (OU SIGNIFICADOS) SÃO OBJETOS, EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO RECIPIENTES e COMUNICAÇÃO É ENVIAR. Ou seja, “o falante coloca ideias (objetos) dentro de palavras (recipientes) e as envia (através de um canal) para um ouvinte que retira as ideias-objetos das palavras-recipientes” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 54). Mas, se observarmos as implicações da metáfora do canal, verificamos que ela ressalta apenas o aspecto da comunicação, porém mascara aspectos sobre o contexto ou falante, importantes para o sucesso comunicativo.

Em primeiro lugar, uma das partes da metáfora do canal, isto é, EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO RECIPIENTES DE SIGNIFICADOS, implica que palavras e sentenças tenham significado em si mesmas, independentemente de qualquer contexto ou falante. Um outro aspecto dessa metáfora, ou seja, SIGNIFICADOS SÃO OBJETOS, implica que significados tenham uma existência independente de pessoas e contextos (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 55).

Portanto, a metáfora do canal trata a comunicação como sendo perfeita, sem ruídos, em que o ouvinte pega o significado das palavras proferidas pelo falante e o coloca na sua cabeça. Porém, não podemos pensar que todas as conversas são claras, que todas as situações comunicativas são realizadas com sucesso, pois é necessário levar em consideração a influência exercida pelo contexto comunicativo e a experiência de vida dos participantes para que haja a verdadeira construção do sentido.

O trabalho desenvolvido por Reddy (1979) foi de extrema importância para o estudo da metáfora, na medida em que esta passou a ser tratada como um recurso cognitivo, e não mais como um recurso figurativo, que fazia parte das linguagens especiais, como a retórica e a poética.

Posteriormente, Lakoff e Johnson avançam com os estudos de Reddy, revelando que “a metáfora do canal não é simplesmente uma forma de falar sobre a comunicação, mas uma forma de pensar e agir quando nos comunicamos” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 19). Isto é, a metáfora do canal faz parte do nosso sistema conceptual metafórico e não é somente uma linguagem sobre a linguagem. Nesse contexto, os autores evidenciam as metáforas conceituais subjacentes às expressões linguísticas metafóricas documentadas por Reddy (1979), conforme exemplos abaixo:

MENTE É UM RECIPIENTE

- Não consigo *tirar* essa música da cabeça.
- Será que vou conseguir *enfiar* essas estatísticas na tua cabeça?

IDEIAS (OU SENTIDOS) SÃO OBJETOS

- Quem te *deu* essa ideia?
- Você *encontrará* ideias melhores que essa na biblioteca.

PALAVRAS OU EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS SÃO RECIPIENTES

- O significado é o que *está nas palavras*, bem aí.
- Quando você tiver uma boa ideia, tente *colocá-la* imediatamente *em palavras*.

COMUNICAR É ENVIAR OU TRANSFERIR A POSSE

- Vou tentar *passar* o que tenho na cabeça.
- Eu lhe *dei* essa ideia.

COMPREENDER É PEGAR (OU VER)

- Não consegui *pegar* o sentido desse texto
- Você pode *ver* ideias coerentes nesse trabalho?

Dessa forma, Reddy tem o seu trabalho merecidamente reconhecido, pois ele foi o primeiro a demonstrar, por meio de rigorosa análise linguística (que resultou na metáfora do canal), que a metáfora não é um desvio da linguagem cotidiana, como era entendida na visão tradicional; muito pelo contrário, a metáfora **faz parte** dessa linguagem e do modo comum de conceptualizar o mundo.

Explicar a maneira como as pessoas compreendem suas experiências exige uma concepção de definição muito diferente da visão tradicional. Uma teoria experiencial de definição utiliza uma noção diferente do que deve ser definido e do que permite definir. Em nossa proposta, os conceitos individuais não são definidos de uma forma isolada, mas, ao contrário, eles são definidos em termos de seus papéis nos tipos naturais de experiências. Os conceitos não são definidos exclusivamente em termos de propriedades inerentes; ao invés disso, eles são definidos basicamente em termos de propriedades interacionais (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 217).

Compreender conceitos como a linguagem, o amor, a discussão, a guerra, entre tantos outros, requer que as pessoas percebam que estes não precisam ser rigidamente definidos em termos de características próprias; ao invés disso, os conceitos precisam ser entendidos a partir das associações com as experiências pessoais, e construídos através da metáfora conceptual.

1.3- O mapeamento metafórico

Conforme exposto por Grady (2007), o *mapeamento* é a noção mais fundamental da teoria da metáfora conceptual e se refere a correspondências metafóricas sistemáticas entre diferentes conceitos. O autor explica através da metáfora NAÇÕES/ESTADOS SÃO NAVIOS que é comum conceptualizar, através de correspondências metafóricas, nações/estados (ou outro corpo político) como navios, a progressão histórica do estado como o curso do navio, as questões políticas e outras circunstâncias enfrentadas pelo estado como os mares que o navio atravessa, e assim por diante. Dessa forma, a projeção sistemática de elementos de um domínio conceptual para outro domínio envolve, além de objetos e propriedades, relações, eventos e cenários que caracterizam aquele domínio.

Para citar mais um exemplo, descrevemos abaixo a análise para se chegar ao mapeamento da metáfora complexa PROPÓSITO DE VIDA É UMA JORNADA, segundo o levantamento realizado por Lakoff e Johnson (1999):

1. Crença: espera-se que as pessoas tenham propósitos na vida e que elas executem ações para atingir estes propósitos.

2. Metáforas primárias que compõem a metáfora complexa:

PROPÓSITOS SÃO DESTINOS
AÇÕES SÃO MOVIMENTOS

3. Crença a partir das metáforas primárias: espera-se que as pessoas tenham destinos na vida e que elas se movam para atingir seus destinos.
4. Prerrogativa adicional: uma longa viagem para vários destinos é uma jornada.

Portanto, a fusão das afirmações 3 e 4 nos leva a observar a concretização da metáfora complexa PROPÓSITO DE VIDA É UMA JORNADA com o seguinte mapeamento metafórico:

- ✓ Um propósito de vida é uma jornada;
- ✓ Uma pessoa que vive a vida é um viajante;
- ✓ Objetivos de vida são os destinos;
- ✓ Plano de vida é um itinerário.

Sendo assim, o mapeamento supracitado define uma metáfora complexa formada por quatro submetáforas. Ela é consequência da crença de que todos os indivíduos precisam ter um propósito na vida, da fusão das metáforas primárias PROPÓSITOS SÃO DESTINOS e AÇÕES SÃO MOVIMENTOS, e do fato de que uma longa viagem para vários destinos é uma jornada (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p.36)

1.4- Classificação da metáfora conceptual proposta por Lakoff e Johnson em 1980

Lakoff e Jonhson (2002[1980]) classificam as metáforas conceptuais em três categorias: orientacionais, estruturais e ontológicas. A seguir, passaremos a discorrer sobre essa classificação inicial.

1.4.1- Metáforas orientacionais

As metáforas orientacionais são aquelas que organizam todo um sistema de conceitos em relação a outro, baseado na orientação espacial do tipo para cima-para baixo, frente-trás, dentro-fora, central-periférico, fundo-raso. Essas metáforas, de acordo com os autores citados anteriormente, não surgem por acaso; elas são reflexos da forma como o nosso corpo funciona no ambiente físico no qual estamos inseridos.

Explicaremos melhor esse conceito através de alguns exemplos de metáforas de espacialização para cima - para baixo estudadas exaustivamente por William Nagy em 1974 e citadas por Lakoff e Jonhson (2002[1980], p.60).

FELIZ É PARA CIMA; TRISTE É PARA BAIXO

- Você está de *alto astral*.
- Pensar nos meus filhos sempre me *levanta* o ânimo.
- Marcos está mesmo *para baixo* desde ontem.
- Silvana *caiu* em depressão.

Nessa metáfora percebemos que a postura ereta corresponde a um estado emocional positivo, de felicidade, enquanto que a postura caída corresponde a um estado emocional negativo, de tristeza e depressão.

SAÚDE E VIDA SÃO PARA CIMA; DOENÇA E MORTE SÃO PARA BAIXO

- Você está no *auge* da sua forma física.
- Ele não está totalmente curado, mas está se *levantando*.
- José *caiu* doente.
- A dengue o *derrubou*.

Nesse caso observamos que a saúde e a vida correspondem a uma postura ereta (de pé), enquanto que doenças graves ou a morte correspondem a um estado caído (deitado).

CONSCIENTE É PARA CIMA; INCONSCIENTE É PARA BAIXO

- *Levante-se*, pois já é hora de sair.
- Nós já estamos *de pé*.
- Vanessa está *sob* efeito da hipnose.
- Ele *caiu* em coma profundo.

Nessa metáfora verificamos que os homens e outros mamíferos levantam-se quando acordam e deitam-se quando dormem.

Ressaltamos que as metáforas orientacionais que são fundamentadas nas oposições binárias (para cima – para baixo, dentro – fora etc.) possuem, além de uma base em nossa experiência física, uma base em nossa experiência cultural, ou seja, pode variar de uma cultura para outra. É o caso do futuro que, em algumas culturas, está na nossa frente (ex: você tem muito pela frente), enquanto, em outras, está atrás de nós (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 60).

1.4.2- Metáforas estruturais

As metáforas estruturais são aquelas que nos permitem estruturar um conceito em termos de outro conceito mais concreto em nossa consciência. Um exemplo desse tipo de metáfora citado por Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 134, 135) é DISCUSSÃO RACIONAL É GUERRA, em que as batalhas verbais são compreendidas em termos muito parecidos aos das batalhas físicas. Em uma discussão, assim como em uma guerra, é possível atacar, contra-atacar, defender, ganhar, perder etc. Podemos entrar numa discussão usando táticas “irracionais”, ou seja, intimidando, insultando, negociando, subestimando, ameaçando ou até mesmo apelando à autoridade. Ou podemos discutir usando táticas politicamente corretas, mas que ainda assim o conceito de discussão permanece sendo compreendido e desenvolvido em termos de guerra, pois tentamos *derrotar* o argumento do oponente, temos uma posição para ser *defendida*, podemos vencer ou *perder* na discussão etc.:

- Eu *derrubei* todos os seus argumentos!
- Maria sempre *defende* a sua opinião.
- Vamos encerrar este assunto. Você *ganhou*!

Embora haja diferentes formas de discussões, desde as “irracionais” até aquelas consideradas “racionais”, elas estão sempre recheadas de aspectos pertencentes ao conceito de guerra:

As táticas de intimidação, de ameaça, de apelo à autoridade etc., embora embutidas, talvez, em frases mais refinadas, estão tão presentes na discussão racional quanto na discussão cotidiana e na guerra. Quer estejamos em cenários científicos, acadêmicos ou legais, aspirando ao ideal da discussão racional, quer estejamos apenas resmungando durante o nosso serviço doméstico, a maneira como concebemos, desenvolvemos e descrevemos nossos argumentos fundamentam-se na metáfora DISCUSSÃO É GUERRA (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 138).

Vale ressaltar que, ao realizarmos o mapeamento entre o domínio fonte e o domínio alvo, não trazemos todos os aspectos daquele para este. Tomamos apenas alguns aspectos do domínio fonte para compreendermos o domínio alvo. Ou seja, nem todos os aspectos da GUERRA são utilizados para falar de DISCUSSÃO, senão uma coisa seria a outra. Dessa forma, podemos afirmar que a conceptualização de um domínio em termos de outro é apenas parcial e não total, pois existem aspectos do domínio origem que não são usados para explicar o domínio alvo. Na metáfora DISCUSSÃO É GUERRA podemos verificar que, normalmente, não falamos em tiros, sangue e morte, aspectos pertencentes ao domínio da guerra, para entendermos o conceito de uma discussão.

1.4.3- Metáforas ontológicas

O terceiro tipo de metáfora, de acordo com a classificação de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), refere-se às metáforas ontológicas, que são aquelas que transformam conceitos abstratos (eventos, atividades, emoções, ideias etc.) em entidades e substâncias. Elas servem a uma grande variedade de fins, como referir-se, quantificar, estabelecer metas e motivar ações, identificar aspectos e causas, dentre outros. Vejamos os exemplos abaixo desses casos:

Função de *referir-se*:

- Meu *medo* de lagartixa está enlouquecendo meu marido. (MEDO É UMA ENTIDADE).

Função de *quantificar*:

- Há *tanto amor* entre eles (AMOR É UMA ENTIDADE).

Função de *estabelecer metas e motivar ações*:

- Ela foi para Londres em busca de *fama e fortuna*. (FAMA/FORTUNA É UMA ENTIDADE).

Função de *identificar aspectos*:

- A sua *saúde física* tem deteriorado recentemente. (SAÚDE FÍSICA É UMA ENTIDADE).

Função de *identificar causas*:

- Juliana fez aquilo de *raiva*. (RAIVA É UMA ENTIDADE).

As metáforas ontológicas podem ser ainda mais elaboradas, como nos casos MENTE É UMA MÁQUINA e MENTE É UM OBJETO QUEBRADIÇO, desenvolvidas a partir da metáfora MENTE É UMA ENTIDADE, que focalizam diferentes aspectos da experiência mental. Ou seja, quando falamos “a minha cabeça não está *funcionando* hoje” ou “não consigo escrever este texto em inglês porque ainda estou muito *enferrujado*” nos remetemos à metáfora MENTE É UMA MÁQUINA, pois somente as máquinas podem deixar de funcionar ou enferrujar. Já quando falamos “Eu estou *em pedaços*” ou “Joana *se despedaçou* ao ver Tiago beijando Carolina” atualizamos a metáfora MENTE É UM OBJETO QUEBRADIÇO, pois quando algum objeto frágil quebra, suas partes ficam espalhadas.

Verificamos que, quando uma máquina se quebra, ela simplesmente para de funcionar, enquanto que, quando um objeto se quebra, ele fica em pedaços, podendo gerar consequências graves ou mesmo irreparáveis. Dessa forma, a sentença “Meu pai explodiu”, que atualiza a metáfora MENTE É UM OBJETO QUEBRADIÇO, pode significar que meu pai ficou completamente fora de si, ao passo que quando dizemos

“Meu pai pifou”, atualizando a metáfora MENTE É UMA MÁQUINA, pode significar que meu pai não consegue fazer algo por razões unicamente psicológicas. “As metáforas ontológicas como essas são tão naturais e tão onipresentes em nosso pensamento que elas normalmente são consideradas como evidentes por si mesmas e descrições diretas de fenômenos mentais” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 80).

Um tipo especial de metáfora ontológica é a metáfora de recipiente, que revela os seres vivos, as casas, as substâncias etc. como recipientes. Por exemplo, a nossa pele é uma superfície que demarca e nos separa do resto do mundo, portanto, cada ser humano é um recipiente. Nesse mesmo sentido, os objetos que nos cercam também são vistos como recipientes que possuem o lado de dentro e o lado de fora. Até mesmo quando não há uma demarcação natural física própria dos recipientes, nós impomos as fronteiras, fazendo com que a substância possua um interior e uma superfície delimitada. É o caso de uma banheira com água, em que tanto a banheira como a água são consideradas recipientes, pois quando entramos na banheira (objeto recipiente) necessariamente também entramos na água (substância recipiente).

O campo visual também é entendido como recipiente, à medida que, aquilo que está no nosso campo de visão, ou o que podemos ver, define justamente uma demarcação do território. Vejamos os exemplos abaixo da metáfora CAMPOS VISUAIS SÃO RECIPIENTES:

- Não há *nada* à vista
- O barco está *no centro* de meu *campo* de visão.

Também usamos metáforas ontológicas para entendermos eventos, ações, atividades e estados. A seguir, apresentamos algumas expressões linguísticas metafóricas que concebem eventos e ações como objetos, atividades como substâncias e estados como recipientes:

- Você *viu* o campeonato de futebol? – campeonato de futebol como objeto.
- Ela estava *na* corrida. – corrida como objeto recipiente.
- Como você entrou na profissão de lavar carros. - atividade de lavar como substância recipiente.

- Eu entrei em um estado de loucura quando o vi – estado emocional como recipiente.

A personificação é um dos tipos mais evidentes das metáforas ontológicas. Segundo Lakoff e Johnson (2002 [1980]), este processo conceptual é responsável pelo entendimento de uma enorme variedade de experiências que se referem a entidades não humanas em termos de motivações e características humanas. Vejamos os exemplos abaixo em que observamos algo não humano como sendo humano:

- A *experiência* de Albert Einstein *gerou* uma nova teoria física.
- Este *fato ataca* todas as justificativas dela.
- A *vida* me *trapaceou*.
- A sua *religião* lhe *diz* que ele não pode beber bebidas alcoólicas.
- A *depressão* o *pegou*.

Lakoff e Johnson trazem o exemplo INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO, como sendo uma personificação, na medida em que a inflação pode nos atacar, nos ferir, nos roubar ou nos destruir, assim como o faz um inimigo. No entanto, Espíndola (2011) postula que essa metáfora pode ser atualizada por expressões linguísticas que veiculam tanto ações próprias do ser humano, como ações de um ser vivo que não seja necessariamente de um humano.

Na expressão “A *inflação ludibriou* as melhores mentes econômicas de nosso país”, verificamos que ocorre a humanização, pois o verbo ludibriar pertence ao campo semântico do ser humano, ou seja, atribuímos à inflação o status de ser humano. Já na frase “A *inflação está devorando* nossos lucros” percebemos um caso de animação onde uma experiência (a inflação) possui traços característicos de um ser vivo (não racional) e não de um ser humano (ESPÍNDOLA, 2011, p.16).

Nesse sentido, Espíndola (2009) propõe dois tipos de metáforas ontológicas de personificação: por animação e por humanização. A primeira é aquela em que pegamos características ou ações próprias de um ser não racional e as projetamos para uma experiência ou objeto físico. Enquanto que a segunda é aquela em que tomamos características ou ações próprias do ser humano para conceituar algo abstrato (ESPÍNDOLA, 2008, p. 2568, 2569).

1.4.4 Sobre a revisão da teoria da metáfora conceptual de Lakoff e Johnson em 2003.

A primeira teoria científica para a compreensão da metáfora conceptual foi baseada na matemática, pois se pensava que havia um mapeamento matemático entre os domínios conceptuais. De acordo com Lakoff e Johnson (2003), essa metáfora provou ser útil em muitos aspectos, pois já se falava em correspondências sistemáticas e o mapeamento permitia o uso de padrões de inferência do domínio fonte para raciocinar sobre o domínio alvo. Podemos dizer, portanto, que esta teoria foi uma boa primeira aproximação da atual teoria da metáfora conceptual.

No entanto, o mapeamento matemático das metáforas revelou-se não ser o mais apropriado, pois este não cria entidades alvos, assim como o fazem as metáforas conceptuais. É o caso da metáfora conceptual TEMPO É DINHEIRO que, apesar de estar bastante disseminada no Brasil, não existe em todas as culturas ao redor do mundo; ou seja, há lugares onde as pessoas vivem sem se preocupar se estão gastando seu tempo de maneira eficiente.

For example, time doesn't necessarily have a use and isn't necessarily a resource. Many people in cultures around the world simply live their lives without being concerned about whether they are using their time efficiently. However, other cultures conceptualize time metaphorically as though it were a limited resource. The Time Is Money metaphor imposes on the time domain various aspects of resources. In doing so, it adds elements to the time domain, creating a new understanding of time.⁴ (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 252, 253).

Desta forma, surgiu uma nova teoria para explicar a metáfora conceptual, a Metáfora de Projeção (Projection Metaphor), que funcionava semelhante a um retroprojector: o domínio alvo seria um slide inicial do projetor e a projeção metafórica aconteceria colocando um outro slide em cima do primeiro, adicionando, assim, a estrutura do domínio fonte ao domínio alvo. Nesta nova teoria, era possível acrescentar entidades e relações ao domínio alvo.

⁴ Por exemplo, tempo não necessariamente tem um uso e não é necessariamente um recurso. Muitas pessoas em culturas ao redor do mundo simplesmente vivem suas vidas sem se preocupar se elas estão usando seu tempo de forma eficiente. Contudo, outras culturas conceituam o tempo metaforicamente como se fosse um recurso limitado. A metáfora Tempo É Dinheiro impõe ao domínio tempo muitos aspectos de recursos. Ao fazê-lo, adiciona elementos para o domínio tempo, criando uma nova compreensão do tempo (tradução nossa).

Porém, a teoria da metáfora de projeção também não foi suficientemente adequada, pois, de acordo com esta, todo o domínio fonte deveria ser projetado sobre o domínio alvo, no entanto, alguns aspectos do domínio fonte não são mapeados. Na metáfora TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES, por exemplo, utilizamos o alicerce que é usado nas construções para estruturar o conceito de teoria. Já os cômodos, os telhados e os corredores, bem como a pintura e a fiação elétrica são elementos que fazem parte de uma construção, mas que não são usados quando falamos de teorias. “In short, mappings tend to be partial, but the Projection metaphor doesn't allow this.”⁵ (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 254).

Logo, foi necessário adicionar à teoria da projeção a ideia do mapeamento parcial, ou seja, não podemos mapear um elemento do domínio fonte para o domínio alvo se isto levar a uma contradição. Quando isso acontece, o mapeamento precisa ser substituído.

Em 1997, a teoria da metáfora de projeção deu lugar a uma teoria neural, baseada no projeto da Teoria Neural da Linguagem, dirigido por Jerome Feldman e George Lakoff, no Instituto Internacional da Ciência da Computação, em Berkeley.

A Teoria Neural da Metáfora, desenvolvida por Srinivas Narayanan em 1997, usa técnicas da computação para a modelagem neural, em que sistemas conceituais são modelados através de redes neurais. De acordo com essa teoria, as inferências metafóricas acontecem através das representações do domínio fonte e esses resultados são conduzidos ao domínio alvo pelas ligações neurais. A aprendizagem de novas metáforas ocorre, dessa forma, devido ao surgimento de novas ligações neurais e não por causa da criação de cópias complexas, conforme afirmava a teoria da projeção metafórica, em que todo o domínio fonte deveria ser projetado no domínio alvo. (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 255).

Essa nova teoria revelou que a linguagem metafórica é natural e intrínseca ao ser humano; o mapeamento metafórico faz parte do nosso cérebro e, por esse motivo, pensamos e falamos metaforicamente a todo o momento, mesmo quando não temos consciência desse fenômeno:

⁵ Em suma, os mapeamentos tendem a ser parcial, mas a metáfora de projeção não permite isso (tradução nossa).

You don't have a choice as to whether to think metaphorically. Because metaphorical maps are part of our brains, we will think and speak metaphorically whether we want to or not. Since the mechanism of metaphor is largely unconscious, we will think and speak metaphorically, whether we know it or not. Further, since our brains are embodied, our metaphors will reflect our commonplace experiences in the world.⁶ (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 257).

Outra questão que merece destaque na revisão feita por Lakoff e Johnson em 2003 é a classificação das metáforas conceituais em estruturais, orientacionais e ontológicas. Os autores consideram artificial essa divisão inicial, pois todas as metáforas são estruturais, à medida que elas mapeiam estruturas a estruturas; todas são ontológicas, pois elas criam entidades no domínio alvo, e grande parte são orientacionais, visto que elas mapeiam esquemas imagéticos orientacionais (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 264).

1.5- O cruzamento entre a metáfora e a metonímia.

Nesta subseção, pretendemos estabelecer a diferença entre esses dois tipos de modelos cognitivos, tendo como apoio os estudos desenvolvidos por Lakoff e Johnson (2002 [1980], 2003), Barcelona (2003) e Kövecses (2010).

Segundo Lakoff e Johnson (2002 [1980]), assim como a metáfora, a metonímia também é reconhecida como uma operação cognitiva fundamental e não apenas uma questão de linguagem. Ou seja, ambos os conceitos (metonímicos e metafóricos) fazem parte do modo como agimos, pensamos e falamos no cotidiano. Então, qual seria a diferença entre a metáfora e a metonímia?

A metáfora é principalmente um modo de conceber uma coisa em termos de outra, e sua função primordial é a compreensão. A metonímia, por outro lado, tem principalmente uma função referencial, isto é, permite-nos usar uma entidade para *representar* outra. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 93).

⁶ Você não tem uma escolha a respeito de se pensar metaforicamente. Porque mapas metafóricos fazem parte de nosso cérebro, vamos pensar e falar metaforicamente quer queiramos ou não. Uma vez que o mecanismo da metáfora é em grande parte inconsciente, vamos pensar e falar metaforicamente, quer saibamos ou não. Além disso, como nossos cérebros são incorporados, nossas metáforas irão refletir nossas experiências comuns no mundo (tradução nossa).

Vamos discorrer com mais detalhes sobre o conceito de metonímia. Um dos exemplos colocados pelos autores revela uma pessoa sendo chamada de *sanduíche de presunto*, mas que não se trata de um caso de personificação:

- ✓ O *sanduíche de presunto* está esperando sua conta.

Nesse exemplo, não estamos atribuindo características humanas ao sanduíche de presunto, mas apenas usando uma entidade (o sanduíche de presunto) para se referir a outra (o cliente) que é relacionada a ela. O falante não está interessado no cliente como pessoa, mas somente como freguês, por isso prefere se referir a ele de acordo com o produto que comprou. Logo, estamos diante de uma metonímia (BEM CONSUMIDO PELO CONSUMIDOR).

Observamos um outro exemplo de metonímia e algumas expressões linguísticas correspondentes, em que a parte representa o todo. Esse é um caso especial de metonímia chamado pelos retóricos tradicionais de sinédoque:

PARTE PELO TODO

- O *automóvel* está congestionando nossas ruas. (= o conjunto de automóveis)
- Tem uma porção de *boas cabeças* na escola. (=pessoas inteligentes)
- Ela está andando com *pneus novos*. (=carro, moto etc.)
- Precisamos de *sangue novo* na empresa. (=pessoas novas)

A metonímia tem, pelo menos em parte, o mesmo uso que a metáfora, mas ela permite-nos focalizar mais especificamente certos aspectos da entidade a que estamos nos referindo. Assemelha-se também à metáfora no sentido de que não é somente um recurso poético ou retórico, nem é somente uma questão de linguagem. Conceitos metonímicos (como PARTE PELO TODO) fazem parte da maneira como agimos, pensamos e falamos no dia-a-dia. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 93)

Ressaltamos que a metonímia não é somente um recurso referencial. Ela também propicia o entendimento, pois tem a função de conceituar alguma coisa através da sua relação com outra. Quando pensamos em um Mercedes, por exemplo, não estamos pensando apenas em um carro, mas também no seu valor comercial, design,

desempenho etc., o que nos leva a entender que a metonímia PRODUTOR PELO PRODUTO está relacionada com o nosso pensamento e nossa ação.

A metonímia, assim como a metáfora, é um processo cognitivo que possui uma determinada sistematicidade e não acontece de forma aleatória. Conforme exposto por Espíndola (2011), ambas são maneiras de conceptualizar nossas experiências através de um mapeamento cognitivo, mas em diferentes níveis. Na metáfora, verificamos um mapeamento entre dois domínios (domínio fonte para o domínio alvo), enquanto que na metonímia verificamos um mapeamento em um único domínio, ou seja, um item de um domínio representa outro item do mesmo domínio.

In a metaphor; there are two domains: the target domain, which is constituted by the immediate subject matter, and the source domain, in which important metaphorical reasoning takes place and that provides the source concepts used in that reasoning. Metaphorical language has literal meaning in the source domain.

In a metonymy, there is only one domain: the immediate subject matter. There is only one mapping; typically the metonymic source maps to the metonymic target (the referent) so that one item in the domain can stand for the other.⁷ (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 265)

Em outras palavras, a metáfora utiliza aspectos de um conceito para falar de outro em domínios diferentes, ao passo que a metonímia representa uma coisa em termos de outra dentro de um mesmo domínio. Quando falo “Não consigo digerir esta ideia de uma só vez”, concebo a ideia em termos de alimento (IDEIAS SÃO ALIMENTO); porém, se eu digo “estou lendo Jorge Amado”, utilizo o nome do autor ao invés da obra (AUTOR PELA OBRA), devido à relação que existe entre eles. A seguir, apresentaremos alguns exemplos de metonímias citados por Lakoff e Johnson (2002[1980]), bastante representativas em nossa cultura:

⁷ Em uma metáfora; há dois domínios: o domínio alvo, o qual é constituído pelo assunto imediato, e o domínio fonte, em que importantes raciocínios metafóricos acontecem e fornecem os conceitos fontes usados nos raciocínios. Linguagem metafórica tem significado literal no domínio fonte.

Em uma metonímia, há somente um domínio: o assunto imediato. Há somente um mapeamento; normalmente a fonte metonímica mapeia o alvo metonímico (o referente) de modo que um item do domínio pode representar o outro (tradução nossa).

PRODUTOR PELO PRODUTO

- Ele comprou um *Ford*.
- Ele tem um *Picasso* em seu gabinete.
- Eu vou tomar um *Liebefraumilch*.

OBJETO PELO USUÁRIO

- O *revólver* que ele alugou pedia \$50.
- O *saxofone* está resfriado hoje.
- Precisamos de uma *luva* melhor na base 3.

CONTROLADOR PELO CONTROLADO

- O (time de) *Casey Stengel* ganhou muitas medalhas.
- Um *Mercedes* bateu em mim por trás.
- *Napoleão* perdeu em Waterloo.

INSTITUIÇÃO PELOS RESPONSÁVEIS

- A *Esso* aumentou seus preços novamente.
- O *Senado* acha que o aborto é imoral.
- O *Exército* quer reinstaurar o recrutamento

LUGAR PELA INSTITUIÇÃO

- A *Casa Branca* não está se pronunciando.
- *Washington* é insensível às necessidades dos pobres.
- *Hollywood* não é mais o que era.

LUGAR PELO EVENTO

- Não deixemos que a Tailândia se torne um outro *Vietnã*.
- *Watergate* mudou nossa política.
- *Pearl Harbor* ainda tem consequências para nossa política externa.

Kövecses (2002) afirma que a metonímia é baseada num relacionamento bastante próximo entre dois elementos, ou entidades, dentro de um mesmo domínio. Por exemplo, o todo está intimamente relacionado com suas partes (TODO PELA PARTE),

o produtor está estreitamente relacionado com o produto fabricado (PRODUTOR PELO PRODUTO), a instituição está intimamente relacionada com os responsáveis que fazem parte dela (INSTITUIÇÃO PELOS RESPONSÁVEIS) e o objeto está estreitamente relacionado com o seu usuário (OBJETO PELO USUÁRIO). Essa proximidade ocorre sempre no nível conceptual. “Metonymies, then, similar to metaphor, are conceptual in nature, and the conceptual metonymies are revealed by metonymic linguistic expressions.”⁸ (KÖVECSES, 2010, p.173)

Por outro lado, nem sempre é tão fácil distinguir a metáfora e a metonímia em algumas expressões, pois há situações em que nos deparamos com um cruzamento entre esses dois processos cognitivos. Ou seja, a metáfora e metonímia podem coocorrer em uma mesma expressão linguística. Dessa forma, optamos por utilizar as noções conceituais trazidas por Barcelona (2003), uma vez que existem casos que são interpretados tanto como uma metonímia quanto como uma metáfora.

De acordo com Barcelona (2003, p.10), os padrões de interação ou combinação entre metáfora e metonímia podem ser reduzidos a dois tipos gerais:

- 1- Interação no nível puramente conceptual.
- 2- Coinstanciação puramente textual da metáfora e da metonímia na mesma expressão linguística.

Abordaremos inicialmente a interação no nível puramente conceptual, que pode ser dividida em dois subtipos:

- 1.1- A motivação conceptual metonímica da metáfora
- 1.2- A motivação conceptual metafórica da metonímia

O primeiro subtipo nos mostra que muitas metáforas são motivadas conceptualmente por uma metonímia, uma vez que estão mais próximas da base experiencial. Por exemplo, a metáfora FELIZ É PARA CIMA/TRISTE É PARA BAIXO é conceptualmente motivada por uma metonímia (POSTURA PELA EMOÇÃO) em que o efeito comportamental da alegria (postura ereta) ou da tristeza (postura caída) representa uma emoção.

⁸ Metonímias, então, semelhante à metáfora, são de natureza conceptual e as metonímias conceptuais são reveladas por expressões linguísticas metonímicas (tradução nossa).

O segundo subtipo pode ser percebido em interpretações metonímicas de uma expressão linguística que só parece ser possível quando fazemos o cruzamento com o mapeamento metafórico. Isto ocorre no exemplo dado por Barcelona (2003), emprestado de Goosens (1990):

- ✓ Ela *pegou na orelha do Ministro* e o persuadiu a aceitar o plano dela.

A metáfora aqui atualizada é ATENÇÃO É UMA ENTIDADE FÍSICA, pois a atenção precisa ser atraída. Ao mesmo tempo encontramos nessa sentença a metonímia convencional PARTE DO CORPO PELA FUNÇÃO, em que o ouvido passa a ter uma atribuição específica (atenção) derivada da sua função principal (ouvir).

A versão específica da metonímia convencional no exemplo acima é OUVIDO/ORELHA PELA ATENÇÃO, em que uma parte do corpo é representada de uma maneira muito particular “com atenção”. Esta versão específica da metonímia apenas acontece no mapeamento metafórico envolvendo a atenção como domínio alvo, para que seja possível a realização do mapeamento metonímico (BARCELONA, 2003, p. 11).

O segundo tipo de interação, no nível puramente textual (coinstanciação puramente textual da metáfora e da metonímia na mesma expressão linguística), acontece quando metáfora e metonímia se cruzam. Ou seja, uma metonímia coocorre em uma mesma expressão linguística com um determinado mapeamento metafórico, em que é conceptualmente independente. Essa coocorrência não se deve ao fato de metáfora e metonímia motivarem uma a outra conceptualmente, mas ao fato de que são compatíveis (BARCELONA, 2003, p. 12).

Vejamos o exemplo citado pelo autor para explicar este caso:

- ✓ O sanduíche de presunto começou a ranger os dentes.

A sentença remete ao comportamento agressivo do consumidor de um sanduíche de presunto. A metonímia identificada neste exemplo é PRODUTO PELO CONSUMIDOR, em que o sanduíche é usado para se referir à pessoa que o comprou. Também observamos a metáfora PESSOAS SÃO ANIMAIS, pois a ação de ranger os dentes é própria dos animais, mas está sendo usada para caracterizar uma pessoa, neste caso, o freguês.

Comprova-se, no exemplo acima, que a metáfora e a metonímia são compatíveis, mas são conceitualmente independentes, conforme explica Barcelona (2003, p.12):

The metaphor and the metonymy in (The ham sandwich started snarling) are compatible with each other because both have (a class of) people as target. But they are conceptually independent from each other. It is easy to see this fact, as regards the metonymy, by noting that example (The ham sandwich is waiting for his check) can occur without the metaphor. As for the metaphor, it is enough to replace the subject in (The ham sandwich started snarling) to realize that the metaphor does not depend conceptually on this metonymy:

John started snarling.⁹

Na análise do nosso *corpus* tomaremos os conceitos apresentados por Barcelona (2003) para explicar a grande recorrência de expressões linguísticas as quais atualizam metáforas e metonímias interagindo no nível puramente conceptual.

1.6- A relação entre metáfora e literatura

Desde a virada cognitiva da metáfora, observou-se a necessidade de investigar as características que esclareçam a relação entre metáfora e literatura. Sendo assim, Gerard Steen, em sua obra *Understanding Metaphor in Literature* (1994), afirma que é possível estabelecer um campo comum entre os estudos da metáfora na linguística cognitiva e na pesquisa em literatura. Ele procura desenvolver uma teoria que explique como acontece o processamento de metáforas na literatura, a partir da relação entre o tipo de processamento com a função da metáfora nos textos literários.

⁹ A metáfora e a metonímia em (o sanduíche de presunto começou a ranger os dentes) são compatíveis entre si porque ambas têm (uma classe de) pessoas como alvo. Mas elas são conceitualmente independentes entre si. É fácil visualizar este fato, considerando a metonímia, observada naquele exemplo (o sanduíche de presunto está esperando pela sua conta), que pode ocorrer sem a metáfora. Enquanto para a metáfora, é suficiente substituir o sujeito em (o sanduíche de presunto começou a ranger os dentes) para perceber que a metáfora não depende conceitualmente desta metonímia: John começou a ranger os dentes. (tradução nossa).

Steen utiliza a denominação metáforas linguísticas para se referir às expressões linguísticas metafóricas, ou seja, para falar das manifestações verbais das metáforas conceptuais. Contudo, enfatiza que existem várias maneiras para uma expressão linguística metafórica afetar a aparência de uma determinada metáfora conceptual.

Com o objetivo de investigar a relação existente entre a metáfora conceptual e a literatura, o autor propõe uma avaliação dos processos mentais reais de leitores durante a interpretação de metáforas nos mais variados tipos de textos literários. Ele revela que a metáfora, além de ser muito utilizada na linguagem cotidiana, tem um emprego especial na literatura, pois esta é uma área do conhecimento em que geralmente ocorre a construção de novas expressões linguísticas metafóricas que podem revelar novas metáforas conceptuais.

Steen acredita que a compreensão das metáforas encontradas nos textos literários seja influenciada por quatro aspectos, a saber: **subjetividade**, pois a leitura do texto não tem funções práticas específicas, ou seja, o leitor tem o máximo de liberdade para realizar a interpretação subjetiva do texto; **polivalência**, devido às diferentes possibilidades de atribuição de significado ao texto sem conflitos de interpretação; **ficcionalidade**, pois o leitor não relaciona o texto a circunstâncias fatuamente relevantes; e **orientação para a forma**, pois o leitor percebe os textos literários com atenção especial à forma. Esses aspectos caracterizam o texto literário e orientam o leitor na construção de determinadas estratégias para sua compreensão. Contudo, mesmo em literatura, as metáforas são guiadas por princípios gerais de cognição que precisam ser observados.

Nesse contexto, buscamos identificar expressões linguísticas atualizadoras de metáforas e metonímias conceptuais no gênero literário crônica, mais especificamente nas crônicas do escritor Luis Fernando Veríssimo.

2- MODELOS MENTAIS: CONTRIBUIÇÕES DE VAN DIJK

2.1- A interface entre discurso e sociedade

Levando em conta que a metáfora e a metonímia conceptuais são operações cognitivas e que a cognição é uma das propriedades que opera na interface entre a sociedade e as realizações discursivas, os modelos mentais aparecem como representações cognitivas de nossas experiências. Portanto, utilizaremos em nossa pesquisa a noção de modelos mentais proposta por Van Dijk (2012 [2008]) para entender como acontece a compreensão, do ponto de vista textual, das expressões linguísticas metafóricas e metonímicas no texto.

2.2- Contexto

Os estudos sobre os ‘contextos’ cognitivos e particularmente sobre os ‘contextos’ sociais e culturais do uso da língua só vieram à tona em 1960 com o surgimento de novas interdisciplinas a exemplo da Pragmática, da Psicolinguística, da Sociolinguística e da Etnografia de Fala. Especificamente sobre a Pragmática, temos o estudo dos atos de fala de Austin (1962) e Searle (1969) e das implicaturas conversacionais de Grice (1975) que, além de investigar o papel da ação social no uso da língua, procurou explicar as condições contextuais da adequação dos enunciados (DIJK, 2012 [2008], p.22).

De acordo com Susan Ervin-Tripp, é fundamental que haja o estudo explícito do contexto nos tratamentos linguísticos, mas só recentemente surgiu esta preocupação entre os linguistas:

O que estamos fazendo agora é começar a usar o contraste entre os traços linguísticos, incluindo o que são variáveis, como nossas placas de sinalização para identificar tanto a estrutura da conversação como a estrutura do contexto, que é de fato a estrutura social imediata para os falantes. Os traços linguísticos podem nos dizer quais são as categorias naturais para o contexto. Uma abordagem desse tipo pode, finalmente, sistematizar o domínio do contexto (ERVIN-TRIPP, 1996 *apud* DIJK, 2012 [2008], p. 22).

Salomão (1997) aponta que ainda é comum tratar o contexto como sendo um conjunto de variáveis estáticas (espaço-temporais, sociais, comunicativas), tipicamente não linguísticas. Ou seja, o contexto ainda é visto como um tipo de situação social objetiva. Van Dijk (2012 [2008]) discorda dessa ideia e revela que os contextos são construções interacionais dos participantes de uma situação social; são interpretações subjetivas dos vários elementos envolvidos num processo de interação que os interlocutores consideram relevantes para a sua produção discursiva. Esses elementos são as instituições, gênero, idade, cultura, classe social etc. que são relevantes para a elaboração de discursos, mas que não podem ser entendidos como determinantes. Assim, os contextos são “construtos dos participantes, subjetivos embora socialmente fundamentados, a respeito das propriedades que para eles são relevantes em tal situação” (DIJK, 2012 [2008], p. 87).

Ainda não há uma teoria cognitiva sistemática sobre o papel que o contexto exerce no processamento do discurso, embora existam interesse e iniciativa da Psicologia do Discurso. O contexto ainda é estudado como características individuais inerentes (não controladas) sem explicar como tais aspectos contextuais são capazes de influenciar esse processamento. Muitas investigações psicológicas acerca do contexto consideram traços isolados, como a classe social, idade, gênero ou o conhecimento, e estudam apenas os aspectos mais gerais do uso da língua (como a compreensão da sentença), sem se preocuparem com as estruturas específicas do discurso.

As teorias existentes relacionam as estruturas do discurso diretamente a representações subjacentes do texto ou a modelos mentais (‘modelos de situação’ etc.) dos eventos ou situações às quais se faz referência, ou *acerca das quais* se fala, e não à situação *em que* os participantes estão falando. Ou seja, a teoria do modelo psicológico é semântica, não pragmática: não postula uma representação intermediária da situação comunicativa em termos de modelos mentais (DIJK, 2012 [2008], p. 88, 89).

Dessa forma, Van Dijk (2012 [2008]) propõe a elaboração de uma teoria abrangente do contexto como uma construção mental específica que influencia a produção e a compreensão do discurso.

2.3- Modelos mentais

Em 1983, Johnson-Laird lançou uma teoria dos modelos mentais com a finalidade de resolver alguns problemas de inferência relativos à compreensão do discurso, caracterizada por sua estreita relação com a teoria dos modelos da Lógica (Semântica Formal). Paralelamente, Van Dijk e Kintsch postularam uma teoria mais geral sobre como as pessoas compreendem o discurso em nível de processamento, nomeando-a de ‘modelos de situações’. Até aquele momento, as propostas sobre compreensão do discurso abordavam apenas algum tipo de representação mental dos sentidos de um texto.

Os ‘modelos de situação’ são modelos mentais que os usuários da língua constroem cognitivamente a respeito dos eventos ou fatos que são assuntos de um texto, o que vai além da simples representação do sentido do texto (DIJK, 2012 [2008], p. 90).

Observou-se, assim, que a coerência de um texto só vem à tona quando os usuários da língua, além de construir modelos mentais dos eventos ou fatos tratados no texto, conseguem relacionar entre si os eventos ou fatos que constituem esses modelos.

Os modelos mentais podem também ser significativos ou não, pois aquilo que faz sentido para o falante, pode não fazer sentido para o ouvinte. Ou seja, se falante e ouvinte possuírem modelos mentais diferentes, ainda que estes sejam superpostos, eles podem interpretar de modos diferentes o ‘mesmo’ discurso o que pode ocasionar, em algum momento, um mal-entendido.

Os modelos mentais incorporam obrigatoriamente elementos de ordem pessoal, fazendo com que todas as produções e interpretações sejam únicas. Portanto, a essência pessoal e subjetiva dos modelos mentais explica porque o usuário da língua também expõe suas emoções e opiniões e não se limita a representar os fatos.

Assim, a unicidade e a subjetividade são algumas das principais propriedades dos modelos mentais:

Uma das muitas propriedades fundamentais dos modelos mentais é serem pessoalmente únicos e subjetivos. Eles não representam objetivamente os eventos de que fala o discurso, mas antes a maneira como os usuários da língua interpretam ou constroem cada um a seu modo esses eventos, por exemplo, em função de objetivos pessoais, conhecimentos ou experiências prévias – ou em função de outros aspectos do ‘contexto’ (DIJK, 2012 [2008], p. 92).

Porém, a unicidade e a subjetividade dos modelos mentais não implicam que eles sejam totalmente subjetivos e que todo discurso individual seja totalmente original. Isto quer dizer que os modelos mentais também podem ser influenciados por propriedades ‘objetivas’ do discurso, como por exemplo, a organização espacial de uma situação. Logo, devido às circunstâncias e contingências da situação presente, a estrutura abstrata de cada modelo mental (mesmo este sendo único) pode ser definida ‘objetivamente’ pelas percepções ou experiências acumuladas das pessoas.

2.3.1- As experiências como modelos mentais

Os modelos mentais podem ser definidos como representações cognitivas de nossas experiências. Portanto, as interpretações pessoais de tudo aquilo que acontece conosco compõem um conjunto de modelos mentais, que ficam armazenados na nossa memória episódica (DIJK, 2012 [2008], p. 94).

Porém, muitas experiências pessoais comuns, como comer pão com queijo no café da manhã ou assistir à notícia sobre um bebê abandonado em uma lixeira, são facilmente esquecidas, pois não estão conectadas significativamente a outras experiências, tornando difícil a recuperação dessas experiências na memória episódica. Já o conhecimento pessoal de uso frequente, como ter que chegar ao trabalho às 07h30, ou aquele que é compartilhado socialmente, são mais facilmente recuperados. Ainda assim, os modelos mentais (sejam eles ‘antigos’ ou ‘atuais’) fazem parte das ações de antecipação, planejamento e compreensão dos acontecimentos e discursos.

Há uma relação direta entre os modelos mentais pessoais e o conhecimento social geral, pois o conhecimento compartilhado socioculturalmente é sempre ativado durante a construção ou atualização do modelo mental sobre um acontecimento. Por exemplo, quando estamos lendo uma notícia sobre a epidemia do Ebola, é necessário um uso extenso do conhecimento geral sobre vírus, contágio, pacientes e alguns outros aspectos da doença para que o processo de construção ou atualização desse modelo mental seja bem sucedido.

Vale ressaltar que grande parte do aprendizado diário baseia-se em experiências pessoais. Portanto, o nosso conhecimento geral pode ser derivado de modelos mentais (que representam as experiências), por exemplo, por abstração, generalização e contextualização, conforme explica Van Dijk (2012 [2008], p.98):

Se lemos regularmente nos jornais matérias sobre ataques terroristas ou guerras, pouco a pouco aprendemos sobre tais ataques ou sobre guerras em geral. Embora no ensino formal, e também através do discurso dos nossos pais, possamos também aprender muitas coisas abstratas ou gerais de maneira direta (tipicamente em textos e falas de caráter expositivo), em geral, o aprendizado a partir de experiências pessoais acontece por generalização e abstração a partir de modelos mentais.

A estrutura dos modelos mentais não é arbitrária, mesmo diante da existência de variações culturais e pessoais na maneira como os indivíduos representam suas interpretações das situações ou planos para ações futuras. Nesse contexto, Van Dijk (2012 [2008], p.99) observou que os modelos mentais são provavelmente organizados por categorias fixas que constituem um esquema de modelo.

As categorias de um esquema de modelo previamente aprendidas nos levam a compreender a maioria dos acontecimentos diários rapidamente, sem precisar conceber modelos mentais completamente novos em cada situação. Essas categorias, segundo o autor, são as seguintes: o *ambiente espaço temporal*, os *protagonistas*, os *eventos* (e suas relações, por exemplo, a *causação*) e/ou as *ações* (que necessitam de uma análise em termos de *intenções*). Importante observar que, por questões óbvias, a categoria da *intenção* não vai estar representada nos modelos mentais dos eventos naturais.

Várias situações e experiências cotidianas são representadas pelos esquemas de modelos com essas categorias, ou seja, encontramos regularmente categorias como o *lugar*, o *tempo*, e os *participantes* em vários papéis na *ação* ou no *estado* de coisas. Assim, grande parte dos eventos acontece num certo lugar, num determinado período de tempo, ou com uma certa pessoa, pertence a uma ação ou situação mais geral, e assim por diante.

Além disso, esses esquemas nos ajudam a recuperar modelos antigos, possibilitando recordar experiências passadas, conforme exposto por Van Dijk:

Os esquemas de modelos são úteis não só para organizar nossas experiências do dia a dia, compreender o discurso ou contar histórias, mas também para os momentos em que precisamos buscar e recuperar nossas ‘memórias pessoais’, isto é, modelos mentais ‘velhos’. (DIJK, 2012 [2008], p. 101)

Dessa forma, podemos dizer que nossa vida cotidiana é uma complexa estrutura de modelos mentais, visto que estes representam as experiências vividas e que são estruturadas por categorias como o tempo, os lugares, os participantes, a causalidade etc. Por exemplo, cada indivíduo que exerce uma ocupação possui um modelo mental que representa a experiência em seu trabalho, categorizado pelo tempo (período desde a contratação), lugar (ambiente de trabalho), participantes (pessoas com quem ele trabalha), a causalidade (causas, condições ou consequência do trabalho), entre outras dimensões.

Os modelos mentais não são estáticos. Eles precisam ser representações dinâmicas, à medida que o tempo, o lugar, os participantes e suas ações estão sempre mudando durante a experiência. Necessitamos, por exemplo, atualizar nosso modelo mental pessoal que representa globalmente nossas experiências com eleições quando estamos votando num determinado candidato à Presidência da República nas Eleições do ano corrente.

Diante do exposto, podemos concluir que as nossas experiências pessoais compõem um conjunto de modelos mentais que fazem parte da nossa memória. “Termos consciência de nós mesmos, do que estamos fazendo, observando ou vivenciando significa – entre outras coisas – que estamos construindo e atualizando modelos mentais que interpretam, representam e guardam tais experiências.” (DIJK, 2012 [2008], p. 102).

2.3.2- Os contextos como modelos mentais

O contexto tem um papel fundamental na teoria dos modelos mentais, pois os usuários da língua nunca narram os mesmos acontecimentos exatamente da mesma forma. Ou seja, ao narrar um evento, precisamos modelar a nós próprios e a outros aspectos do discurso em que estamos inseridos. Assim, “os modelos de contextos se tornam a interface crucial entre os modelos mentais e os discursos sobre esses eventos” (DIJK, 2012 [2008], p. 92).

Os contextos podem ser definidos como um tipo especial de modelo mental da experiência cotidiana e são chamados de modelos de contextos. Eles são capazes de organizar a forma como os usuários da língua conseguem adaptar seus textos e suas falas aos diversos eventos comunicativos da vida cotidiana. Também possuem

propriedades comuns a outros modelos da experiência, para as quais citamos algumas apresentadas por Van Dijk (2012 [2008], p. 107):

- fazem parte da memória episódica;
- têm como base (ou instanciam) conhecimentos socioculturais e crenças gerais;
- são subjetivos, pessoais e únicos;
- representam eventos ou situações comunicativas específicas;
- podem ser utilizados em discursos futuros, como contar histórias a respeito de nossas experiências comunicativas passadas;
- são capazes de controlar a (inter)ação verbal em andamento e a adaptam a seu entorno social;
- são construídos ou atualizados por uma interpretação estratégica dos eventos, assim como pela instanciação de conhecimentos socioculturais desses eventos;
- são organizados por esquemas e categorias responsáveis em definir os vários tipos de eventos comunicativos, como os gêneros.

Dessa forma, Van Dijk afirma que:

os modelos de contexto são também as representações cognitivas que integram e combinam as exigências tanto pessoais como socioculturais que se fazem aos eventos comunicativos e, portanto, explicam tanto as propriedades socioculturalmente compartilhadas de todos os discursos, como suas propriedades individuais e únicas (DIJK, 2012 [2008], p.110).

Consideraremos na análise do nosso *corpus* uma avaliação das experiências e contextos enquanto modelos mentais a partir do ponto de vista textual. Sendo assim, não nos deteremos em representações que poderiam estar mais próximas da base neurológica dos modelos mentais.

3- ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1- Considerações metodológicas

A fim de verificar os objetivos estabelecidos, apresentamos o levantamento e a discussão das expressões linguísticas metonímicas e metafóricas identificadas em nosso *corpus*. Posteriormente, identificamos as metáforas e metonímias conceptuais que subjazem essas expressões, permitindo-nos tecer algumas considerações acerca das inferências possíveis na compreensão dessas expressões a partir dos modelos mentais.

O *corpus* da nossa pesquisa é constituído de 11 crônicas publicadas em “Amor Veríssimo”, 12 crônicas publicadas em “Comédias da Vida Privada” e 8 crônicas publicadas em “Comédias da Vida Pública”, totalizando 31 crônicas, onde foram encontradas metáforas e metonímias recorrentes. Selecionamos essas obras porque retratam exemplos de situações que vivenciamos em dois contextos distintos e opostos: a vida privada e a vida pública.

Esse estudo não busca enfatizar a quantidade de expressões linguísticas metafóricas e metonímicas encontradas no *corpus* investigado. Contudo, os números se fazem necessários nessa análise para identificar qual é o tipo de metáfora, metonímia, ou o cruzamento dessas é mais recorrente.

Procuramos testar a hipótese de que as atualizações de metáforas e metonímias conceptuais retratadas nas crônicas, remetem a modelos mentais que levam à compreensão dos aspectos discursivos. Sendo assim, buscamos verificar quais são as possíveis inferências na compreensão das expressões linguísticas metafóricas e metonímicas encontradas nas crônicas a partir dos modelos mentais.

No que se refere aos procedimentos utilizados, salientamos que este estudo tem um caráter teórico, analítico e qualitativo. A análise do *corpus* tem como base a Teoria da Metáfora Conceptual estabelecida por Lakoff e Johnson (2002 [1980], 2003, 1987) e outros e a Teoria dos Modelos Mentais desenvolvida por Van Dijk (2012 [2008]).

Dessa forma, apresentamos em três etapas a análise das crônicas das obras selecionadas: a primeira etapa se refere à identificação das expressões metafóricas e metonímicas existentes nos textos, utilizando o método de leitura proposto por Sardinha (2007); a segunda etapa diz respeito ao levantamento das metonímias e das metáforas subjacentes a essas expressões; a terceira etapa se refere a uma análise das metáforas e metonímias mais recorrentes à luz da Teoria dos Modelos Mentais, verificando quais

são as possibilidades de inferência na compreensão dessas expressões linguísticas metafóricas e metonímicas a partir dos modelos mentais.

3.2. Caracterizando a crônica enquanto gênero textual

Sabemos que os gêneros textuais são fundamentalmente essenciais para a realização dos atos comunicativos, sejam estes orais ou escritos, pois eles têm a função de contribuir para a ordenação e estabilização das atividades comunicativas do cotidiano.

De acordo com Marcuschi (2010), a grande diversidade de gêneros textuais existente hoje está relacionada não apenas às necessidades e atividades socioculturais, mas também às inovações tecnológicas. Com o avanço da tecnologia, mais especificamente na área computacional (por exemplo, a *internet*), observamos uma expansão significativa no número de gêneros e novas formas de comunicação, tanto na escrita quanto na oralidade.

Bakhtin (2000 [1992]) conceitua os gêneros textuais como tipos de enunciados relativamente estáveis, classificados de acordo com seus aspectos funcionais e socioeconômicos, e com características específicas quando utilizados em diferentes contextos e comunidades linguísticas. Marcuschi reforça essa ideia afirmando que a utilização de um determinado gênero pelo locutor “não será nunca um ato individual, mas sim uma forma de inserção social e de execução de um plano comunicativo intencional” (2000, p.24).

A crônica é um gênero textual que existe desde a Idade Antiga, tendo sofrido várias transformações ao longo do tempo. Surgiu pela necessidade de fazer o registro em ordem cronológica de importantes acontecimentos históricos, e só a partir do século XIX, passou a veicular, através de revistas e jornais, informações sobre a vida social e política, além dos costumes e das situações cotidianas de cada tempo.

Segundo Amaral (2009), muitas são as características atuais do gênero crônica. Uma das mais importantes é a capacidade de relatar transformações sociais, por vezes de forma humorística, através dos acontecimentos do cotidiano de diversas classes sociais. A linguagem desse gênero textual mescla aspectos da escrita com outros da oralidade e, portanto, os diálogos são recursos abundantemente utilizados pelos cronistas, tornando a leitura leve, envolvente e divertida e, ao mesmo tempo, fazendo os leitores refletirem sobre o tema abordado no texto.

As crônicas do escritor Luis Fernando Veríssimo apresentam uma visão descontraída dos fatos do cotidiano, bem como dos conflitos políticos, culturais e ideológicos, que revelam uma análise séria e inteligente dos temas abordados. Segundo Kozen (2002), o sucesso do escritor se deve a capacidade de captar cenas, muitas vezes insignificantes à primeira vista, e torná-las visíveis e geralmente risíveis, além de levar o leitor a uma reflexão crítica sobre os fatos que o cercam na sociedade em que ele está inserido. “Suas crônicas abordam temas que envolvem toda a sociedade de uma época, como as disparidades sociais, os dramas do cotidiano e, até mesmo, a forma como se organiza” (Camargo, 2007).

3.3- As expressões metafóricas e metonímicas conceptuais no *corpus*.

Conforme vimos nos pressupostos teóricos, Lakoff e Johnson (1980) classificam a metáfora conceptual em três tipos diferentes: as orientacionais, as estruturais, e as ontológicas. Visando obter um melhor entendimento, optamos por separar o *corpus* não pelas crônicas analisadas, mas pelas metáforas e metonímias conceptuais encontradas, que subjazem às expressões linguísticas.

Para identificar os dados referentes aos excertos que estão transcritos abaixo, convencionamos apresentar duas informações: as iniciais da obra analisada (AV: Amor Veríssimo; CVPr: Comédias da Vida Privada; CVPu: Comédias da Vida Pública) e o número da crônica onde a expressão linguística metafórica/metonímica se encontra. Encontra-se em **negrito** a parte propriamente dita da expressão que atualiza uma metáfora e/ou metonímia conceptual.

Apresentamos, inicialmente, a análise das crônicas encontradas nas obras “Amor Veríssimo” e “Comédias da Vida Privada”, que retratam os mais variados tipos de relações da vida cotidiana de forma humorística em que o amor aparece em muitas das suas variantes.

Metáfora Conceptual Estrutural : AMOR É GUERRA
Acho que o que houve entre nós dois foi profundo demais para ser destruído . (CVPr; C: 01)
Nos conhecemos. No sentido bíblico, inclusive. Foi o amor da minha vida. Quase me matei por ela. Sou capaz de morrer agora. Ah, vida, vida. (CVPr; C: 02)
Disse que aquilo significava uma crise no casamento deles, mas que eles, com bom senso, a venceriam . (CVPr; C: 03)
Você sabe, é claro, que no momento em que abrir esta porta estará arruinando o nosso casamento. (CVPr; C: 04)
Marido reagrupando as suas forças. Passando para o ataque . (CVPr; C: 04)
Nosso casamento ia ser um estouro . (CVPr; C: 05)
Está pensando o quê? Mulher nenhuma vai me dominar . (CVPr; C: 06)
Ele sentiu que sua vitória precisava ser consolidada. Era frágil ainda, o inimigo mantinha a iniciativa. (CVPr; C: 07)
... ela descruzou e cruzou de novo! Ai meu Deus. Foi pra me matar . (CVPr; C: 08)
... beija ela ali que é tiro e queda . (CVPr; C: 05)
Audácia e surpresa, e o inimigo recuaria em desordem. (CVPr; C: 09)
O primeiro comeu uma azeitona para reagrupar as suas forças. Reatacou . (CVPr; C: 09)
Assim termina um grande amor. Não com uma explosão , não com um suspiro. (AV; C: 10)

... quando a mulher morre, ela já tem um dossiê pronto sobre o viúvo, inclusive com situação financeira atualizada. Trabalha em cima dos convites para enterro, empiricamente com pouco tempo para organizar o ataque . (AV; C: 11)
Porque nenhuma mulher tão linda se entregaria a mim tão facilmente, se não fosse uma armadilha . (AV; C: 12)
Eu talvez tenha me precipitado, ao ceder tão facilmente. Gostaria de ouvir seus versos, que também são famosos. Se eu tivesse resistido um pouco mais...(AV; C: 12)
Pode acontecer num acidente, num detalhe do cotidiano, um roçar de dedos ou um cruzar de olhares que detona a paixão incontrolável. (AV; C: 13)
Brillat-Savarin insinua que o pretendente insistiu e a dama resistiu até ele oferecer trufas de Perigueux inteiras assadas na cinza. (AV; C: 14)

Observamos inicialmente uma significativa recorrência de expressões linguísticas (total: 18) as quais atualizam, especificamente, a metáfora estrutural AMOR É GUERRA. Nesse caso, o conceito de guerra é utilizado para falar de amor, pois todas as expressões em destaque pertencem ao campo semântico da guerra, como *matar, morrer, destruir, vencer, arruinar, reatar, dominar, resistir, estouro, armadilha, inimigo, tiro e queda* etc. Ou seja, o amor (conceito abstrato) está sendo definido em termos de guerra, pois nas expressões encontradas nas crônicas é possível matar/morrer por amor, os amantes podem se tornar inimigos, um dos amantes pode atacar, dominar ou vencer o outro, o amor pode ser destruído ou arruinado etc.

Conforme vimos anteriormente, o *mapeamento* é a noção mais básica da teoria da metáfora conceptual. Em AMOR É GUERRA, percebemos que este acontece da seguinte forma:

- ✓ O sentimento amor é uma guerra;
- ✓ Os amantes são combatentes de guerra;
- ✓ As atitudes dos amantes são as armas utilizadas;
- ✓ As estratégias dos amantes são os objetivos de guerra.

Ou seja, o amor é compreendido como sendo uma guerra em que os amantes são os combatentes em guerra, as armas utilizadas são as atitudes que eles tomam para, por

exemplo, conquistar ou dominar a pessoa amada, as estratégias nessa conquista ou domínio são os objetivos de guerra etc.

As metáforas estruturais são aquelas que nos permitem estruturar um conceito em termos de outro conceito mais concreto em nosso domínio cognitivo, como acontece na metáfora mais recorrente em nosso corpus, AMOR É GUERRA, já levantada por Lakoff e Johnson (2002 [1980], p.115).

Metáfora Conceptual Estrutural : AMOR É LOUCURA
Mas isso é uma loucura ! Eu, namorando um garoto? (CVPr; C: 15)
E como nenhum dos dois é um monstro de frivolidade, e como a vida não é uma comédia romântica, é uma coisa muito séria, e como eles não podem largar tudo e fugir, trocam informações rápidas, para pelo menos ter mais o que lembrar quando lembrarem aquele momento sem nenhum futuro, aquela quase loucura . (AV; C: 16)
E declara que não houve dia em que não pensasse nela, e no que poderia ter sido se tivessem saído juntos daquele consultório, anos atrás, e seguido seus instintos, e feito aquela loucura . (AV; C: 16)
Pensou em dizer que também estava desorientado (o amor, o amor) e levá-la para o seu quarto, para a sua cama.. (AV; C: 17)
Resistira ao André se fazendo de louco apaixonado. (AV; C: 18)
Eu só tinha dúvida de que, com o outro, ou com os outros, ela se mexia. Uma loucura , eu sei. Mas eu tinha pedido aquilo. Eu tinha criado o meu próprio tormento. Não se tem companhia humana impunemente. (AV; C: 19)
E o escritor Hector Dirssot preparava-se para noites de loucura na alcova (AV; C: 14)

Ainda analisando as obras “Amor Veríssimo” e “Comédias da Vida Privada” percebemos certa recorrência de expressões (total: 07) as quais atualizam, especificamente, a metáfora estrutural AMOR É LOUCURA. Portanto, temos mais um exemplo no qual o amor tem seu sentido metaforicamente construído. Por deixar os amantes loucos e desorientados, aproximamos o conceito de amor ao de algo que deixa as pessoas fora de si, como num estado de loucura.

Nesse contexto, descrevemos abaixo o mapeamento de AMOR É LOUCURA, a fim de explicar como ocorrem as respectivas correspondências metafóricas:

- ✓ O sentimento amor é uma loucura;
- ✓ Os amantes são indivíduos enlouquecidos;
- ✓ As atitudes dos amantes são atitudes de pessoas que estão num estado de loucura.

Portanto, o amor é entendido como sendo uma loucura em que os amantes são vistos como indivíduos enlouquecidos, as atitudes que eles tomam por amor são atitudes de pessoas que estão num estado de loucura etc.

Metáfora Conceptual Ontológica : AMOR É UMA SUBSTÂNCIA
Eu não acredito Lurdes. Você vai desmanchar nosso casamento por isso? Por uma convenção? (CVPr; C: 20)
Se você desligar está tudo acabado . Tudo acabado . (CVPr; C: 21)
Mas o amor acaba e fica a baboseira. (AV; C: 22)
Nosso amor acabou , doutor. (AV; C: 22)
O amor às vezes acaba na mesma música que começou, com o mesmo drinque, diante dos mesmos cisnes. (AV; C: 23)

Outra metáfora que ocorre nas obras “Amor Veríssimo” e “Comédias da Vida Privada”, porém com uma menor quantidade de expressões linguísticas (total: 05) é a metáfora ontológica AMOR É UMA SUBSTÂNCIA. Nesse caso, o amor enquanto processo (ato de amar) é entendido em termos de substância, já que geralmente é possível ver ou sentir quando uma substância, seja ela líquida, sólida ou gasosa, está se esgotando ou mesmo se desmanchando. Logo, recorreremos a expressões utilizadas do conceito de substância, como *acabar* e *desmanchar*, para falar de amor, como sendo algo que pode chegar ao fim do seu conteúdo, como qualquer substância.

Quanto ao mapeamento metafórico de AMOR É UMA SUBSTÂNCIA, observamos que ele acontece da seguinte forma:

- ✓ O sentimento amor é uma substância;
- ✓ O sentimento amor, sendo uma substância, pode ter o seu volume aumentado ou reduzido, chegar ao fim, ou mesmo se desmanchar.

Logo, conceber o amor como uma substância nos permite indentificar um aspecto particular dele, como o fato de poder aumentar ou diminuir (em volume), chegar ao fim, ou se desmanchar, sendo possível lidarmos racionalmente com essa experiência.

Nessas ocorrências de metáforas, verificamos que um mesmo domínio alvo (amor) foi explicado através de três domínios fontes (guerra, loucura e substância), ou seja, recorreremos aos conceitos de guerra, loucura e substância, mais concretamente definidos em nossas mentes, para falar de amor, corroborando com a tese de Lakoff e Jonhson (1980) de que alguns conceitos são fortemente estruturados metaforicamente, como é o caso do conceito de AMOR.

Observamos, nos exemplos supracitados, que certos aspectos do conceito de amor foram iluminados e outros foram atenuados ou mesmo escondidos. Ou seja, essas metáforas deixam de lado alguns aspectos de nossas experiências amorosas e selecionam outros para colocar em evidência. Em AMOR É GUERRA, por exemplo, o foco são os aspectos bélicos do amor, pois o amante busca conquistar, perseguir ou até dominar a pessoa amada, deixando de lado outros aspectos desse mesmo conceito, como o tempo investido na conquista da pessoa amada. Além disso, essa metáfora atenua aquelas experiências que se ajustam, por exemplo, à metáfora AMOR É LOUCURA, sendo consistente com as experiências amorosas que são razoavelmente descritas por “Sou capaz de cometer uma loucura por ela”. Por fim, ela esconde, por exemplo, aquelas experiências amorosas que se encaixam na metáfora AMOR É UMA SUBSTÂNCIA, pois não há sobreposição consistente entre as duas metáforas. As expressões que pertencem ao campo semântico das substâncias (ex: acabar, desmanchar) e que utilizamos para falar do amor são inconsistentes e, conseqüentemente, escondem os aspectos agressivos, arrasadores e dominadores de nossas experiências amorosas enquanto conceituadas como guerra.

Conforme abaixo, ainda encontramos outras metáforas nas obras “Amor Veríssimo” e “Comédias da Vida Privada”, mas devido à existência de apenas uma expressão linguística atualizadora dessas metáforas, não nos deteremos a analisá-las nessa pesquisa:

Metáfora Conceptual Estrutural : AMOR É MAGIA
Sim, mas na minha experiência, quanto mais linda a mulher, mas difícil a sedução. E com você não precisei usar nenhum dos meus truques . (AV; C: 12)
Metáfora Conceptual Ontológica : AMOR É OBJETO
O problema, para Jorge, passou a ser o que fazer com sua paixão . (AV; C: 13)
Metáfora Conceptual Estrutural : AMOR É VIAGEM
"Mas Leila aceitou a carona. Afinal, sabia se defender. Se aprendera alguma coisa nos anos de convivência com o inconsequente André, era resistir aos seus avanços ." (AV; C: 18)
Metáfora Conceptual Estrutural : AMOR É CONSTRUÇÃO
Um casamento deve se...se...como é mesmo a palavra?... se alicerçar na confiança mútua.. (CVPr; C: 21)

A seguir, apresentamos a análise das crônicas encontradas na obra “Comédias da Vida Pública”, que revela muitos exemplos de situações ocorridas na esfera pública.

Metáfora Conceptual Ontológica : INSTITUIÇÕES SÃO PESSOAS
Metonímia: INSTITUIÇÕES PELOS RESPONSÁVEIS
... a política institucionalizada vive do possível e se nutre do compromisso. (CVPu; C: 24)
Não existe, nos Estados Unidos, uma competição aberta entre a Nasa e os militares. (CVPu; C: 25)
Há pouco, o New York Review of Books , dedicou quase duas páginas ao assunto. (CVPu; C: 26)
Está claro que é por se prezarem que esses escritores se recusam a ser classificados, pelo ministro ou pela delegacia de polícia mais próxima.... (CVPu; C: 27)
... criteriosa cobertura que nossos jornais dão a boatos envolvendo prisioneiros políticos. (CVPu; C: 26)

... veriam como a revista Veja , tendo iniciado uma pesquisa a fundo sobre o problema. (CVPu; C: 26)
... prepara um relatório sobre o problema para o governo de Washington . (CVPu; C: 26)
Certamente nada que é, em termos moralmente absolutos, proibido ao indivíduo pode ser permitido ao Estado . (CVPu; C: 28)
O governo tem agido , geralmente, sem paixão na sua guerra contra o terrorismo. (CVPu; C: 28)
Andou envolvido com o governo por ter se negado a pagar seu Imposto de Renda. (CVPu; C: 29)
... mas acho que chegou a hora de as Câmaras Municipais assumirem (CVPu; C: 30)
O Poder Executivo está ocupadíssimo, governando o país (CVPu; C: 30)
A aristocracia européia tirava férias até que o Homem voltasse à Razão (CVPu; C: 31)

A partir da leitura da obra em referência, verificamos a presença de expressões linguísticas (total: 13) as quais atualizam, especificamente, a metonímia INSTITUIÇÕES PELOS RESPONSÁVEIS, assim como a metáfora ontológica de personificação INTITUIÇÕES SÃO PESSOAS.

Conforme vimos anteriormente, a metáfora e a metonímia são formas de conceptualizar nossas experiências através de um mapeamento cognitivo, porém em diferentes níveis: na metáfora há um mapeamento entre dois domínios distintos enquanto que na metonímia o mapeamento acontece em um só domínio, isto é, um aspecto desse domínio representa outro aspecto do mesmo domínio.

Observamos nas expressões encontradas no *corpus* que um conceito é usado para se referir a outro, isto é, o conceito de *Nasa* é usado no lugar das pessoas que trabalham nesta instituição, o *New York Review of Books* e a *revista Veja* são usados pelas pessoas que trabalham nessas empresas, o *Poder Executivo* se refere aos responsáveis por essa esfera do poder, a *política institucionalizada* é usada para falar

dos políticos que fazem este tipo de política, bem como *a delegacia de polícia, nossos jornais, o governo, as Câmaras Municipais e a aristocracia europeia*. Podemos dizer, portanto, que todas essas expressões atualizam a metonímia INSTITUIÇÕES PELOS RESPONSÁVEIS.

Essas instituições também possuem características que normalmente são atribuídas a seres humanos, observadas através da utilização de verbos indicativos de ações humanas como viver, participar de uma competição, dedicar-se, dar, iniciar, agir etc. Logo, essas expressões atualizam a metáfora ontológica de personificação INSTITUIÇÕES SÃO PESSOAS, cujo mapeamento detalhamos abaixo:

- ✓ Uma instituição é uma pessoa;
- ✓ Uma instituição, sendo uma pessoa, pode agir ou se sentir como tal.

Sendo assim, compreendemos uma entidade não humana, nesse caso a instituição, em termos de motivações, características e atividades humanas, corroborando com a tese de Lakoff e Johnson (1980) de que as entidades podem ser personificadas, permitindo-nos dar sentido a fenômenos do mundo em termos categoricamente humanos.

Verificamos ainda uma interação da metáfora e metonímia em cada uma das expressões acima, situação já observada por Barcelona (2003) que demonstrou ser possível o cruzamento da metáfora e da metonímia em uma mesma expressão linguística no nível puramente textual: “a metonymy co-occurs in the same linguistic expression with a certain metaphorical mapping, from which it is conceptually independent.”¹⁰ (BARCELONA, 2003, p. 12). Observamos, portanto, que cada metáfora e metonímia encontradas nos casos acima são compatíveis, porém são conceitualmente independentes, isto é, uma não depende da outra para existir. É o caso, por exemplo, da expressão “O Poder Executivo está ocupadíssimo, governando o país”, em que percebemos a existência da metáfora INSTITUIÇÕES SÃO PESSOAS, pois apenas as pessoas podem se ocupar com algo, e, ao mesmo tempo, evidenciamos a presença da metonímia INSTITUIÇÕES PELOS RESPONSÁVEIS, pois a expressão não se refere ao Poder Executivo, mas sim aos representantes deste poder.

¹⁰ Uma metonímia ocorre na mesma expressão linguística com um certo mapeamento metafórico, do qual é conceitualmente independente.

3.4- Discussão e resultados

As crônicas de Luis Fernando Veríssimo mostram que a vida em sociedade é um processo de interação entre (im)precisas situações privadas e eventos públicos. A partir da nossa análise, observamos nas crônicas das obras “Amor Veríssimo” e “Comédias da Vida Privada” uma grande recorrência de expressões linguísticas que atualizam metáforas sobre o AMOR, revelando que esse é um sentimento que faz parte dos mais diversos tipos de relações da vida cotidiana. Já na obra “Comédias da Vida Pública”, verificamos uma significativa recorrência de expressões linguísticas que atualizam a metáfora INSTITUIÇÕES SÃO PESSOAS e, ao mesmo tempo, a metonímia INSTITUIÇÕES PELOS RESPONSÁVEIS, mostrando que as instituições, de uma forma geral, são o foco principal de grande parte das crônicas sobre os acontecimentos públicos.

A metáfora mais recorrente encontrada em nosso *corpus* foi AMOR É GUERRA. Verificamos que expressões linguísticas que atualizam essa metáfora remetem a modelos mentais negativos como a questão da morte, destruição e domínio. Portanto, falar em amor como se fosse uma guerra faz parte do contexto dessas crônicas e isto só é possível porque estamos inseridos num modelo sociocognitivo específico: inferimos que uma relação amorosa pode assumir aspectos da estrutura de uma guerra à medida que um dos amantes pode ver o outro como um adversário, atacando ou dominando a pessoa amada, o amor pode ser destruído ou arruinado, é possível morrer por amor etc. Conforme colocado por Van Dijk (2012), o modelo mental que a maioria das pessoas possui sobre a guerra é, em grande parte, construído através das notícias que lemos ou ouvimos sobre o assunto que nos leva a aprender pouco a pouco sobre guerras em geral.

Outra metáfora encontrada no *corpus*, porém com uma menor quantidade de expressões linguísticas, foi AMOR É LOUCURA. Nesse caso, precisamos atualizar modelos mentais que se referem a atos ou estados de loucura, como a imagem de alguém desorientado ou fora de si, para que seja possível a compreensão do conceito de amor como uma forma de loucura. No entanto, não se faz necessário que tenhamos vivido a loucura para que façamos a inferência de que uma pessoa que ama demais pode ter um comportamento que corresponde ao de uma pessoa louca; como vimos anteriormente, uma grande parte do nosso conhecimento geral é derivada de modelos mentais, que representam as nossas experiências pessoais (particulares ou não),

possibilitando a compreensão do sentido das crônicas que revelam relações amorosas explicadas através de expressões correspondentes a atos ou estado de loucura.

Na metáfora AMOR É UMA SUBSTÂNCIA, também encontrada em nosso *corpus*, observamos o conceito de substância sendo utilizado para falar de amor. Nesse exemplo, precisamos recuperar, em nossa memória episódica, o conhecimento sobre propriedades de substâncias diversas, como a possibilidade de chegar ao fim do seu conteúdo ou se desmanchar, para entender o amor como uma substância. Isto é, a partir do nosso modelo mental sobre substâncias, construído através da experiência física com os mais variados tipos de substâncias que nos rodeiam (exemplos: a água dentro de um copo, o gás contido no botijão de cozinha, a massa de ingredientes utilizada para fazer um bolo etc.), podemos inferir que o amor pode assumir aspectos de substâncias, como nos exemplos retirados das crônicas “nosso amor *acabou*, doutor” ou “você vai *desmanchar* nosso casamento por isso? Por uma convenção?”.

Já na obra Comédias da Vida Pública, verificamos a presença da metáfora INSTITUIÇÕES SÃO PESSOAS e da metonímia INSTITUIÇÕES PELOS RESPONSÁVEIS nas mesmas expressões linguísticas. Para compreender cada um desses processos cognitivos, precisamos realizar diferentes inferências a partir de modelos mentais específicos: no caso da metáfora INSTITUIÇÃO SÃO PESSOAS, inferimos que uma instituição pode assumir características de um ser humano à medida que ela pode agir ou se sentir como tal, ou seja, pode assumir compromissos, negar-se a pagar o imposto de renda, estar ocupado, tirar férias etc.; ao mesmo tempo, inferimos que não é a instituição que executa a ação, mas sim os responsáveis que nela trabalham, ou seja, o nome da instituição é usado para se referir às pessoas que fazem parte dela; dessa forma, também somos capazes de compreender a metonímia INSTITUIÇÃO PELOS RESPONSÁVEIS.

Podemos dizer, então, que durante a interpretação das expressões linguísticas metafóricas e metonímicas que constituem o *corpus* do nosso trabalho, precisamos fazer inferências que remetem a determinados modelos mentais (definido como representações cognitivas das experiências pessoais) para que haja a construção do

sentido das crônicas. Em paralelo, o conhecimento compartilhado socioculturalmente¹⁰ também desempenha um papel importante nesse processo, pois ele é sempre recuperado durante a construção ou atualização do modelo mental responsável pela compreensão das expressões linguísticas metafóricas e metonímicas que fazem parte das crônicas. Assim, o conceito de modelo mental trazido por Van Dijk mostrou-se necessário e eficaz, na medida em que o texto não pode ser visto apenas como um artefato linguístico, cujo sentido está explícito, mas antes é preciso relacioná-lo a um contexto sociocognitivo que contemple as experiências dos participantes (escritor e leitor) envolvidos.

¹⁰ O conhecimento compartilhado socioculturalmente é o conhecimento geral, social, que temos, por exemplo, sobre armas, soldados e vítimas, quando estamos lendo sobre a guerra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, fizemos o levantamento das expressões linguísticas metafóricas e metonímicas que atualizam metáforas e metonímias conceptuais nas crônicas dos livros “Amor Veríssimo”, “Comédias da Vida Privada” e “Comédias da Vida Pública”, do escritor Luis Fernando Veríssimo. Para tanto, buscamos respaldo na teoria das metáforas e metonímias conceptuais, estudada por Lakoff e Johnson (2002 [1980], 2003, 1987) e outros.

A partir da publicação da obra *Metaphors we Live By* (1980) de Lakoff e Johnson, ocorre a chamada *virada cognitiva*, isto é, uma mudança de paradigma em relação à metáfora. Como consequência dessa mudança, opera-se a remoção do estigma de desvio que a metáfora trazia e a perda do caráter bem delimitado que a metáfora possuía quando era tratada como figura ou ornamento da linguagem. Dessa forma, a metáfora passa a ser vista como um recurso cognitivo presente em nosso dia a dia, e não apenas na linguagem literária.

Utilizamos também em nossa pesquisa a teoria dos modelos mentais, postulada por Van Dijk (2012 [2008]) para investigar de que forma essas expressões linguísticas metafóricas e metonímicas são compreendidas a partir dos modelos mentais.

Conforme verificamos nas crônicas de Veríssimo, podemos dizer que os modelos mentais consistem em um conceito teórico muito rico e produtivo na interpretação de textos. Eles permitem que os gêneros não se definam apenas por suas propriedades verbais, mas também por aspectos contextuais, ratificando, assim, a tese de Van Dijk (2012 [2008]).

O *corpus* da nossa pesquisa foi constituído de 31 crônicas retiradas das obras supracitadas em que verificamos, através da análise, que o uso de expressões linguísticas metonímicas e metafóricas é um recurso utilizado com frequência por Veríssimo em suas crônicas. Também analisamos quais as inferências que surgiram na compressão destas expressões linguísticas metonímicas e metafóricas a partir dos modelos mentais. Portanto, com base nos dados apresentados nesta análise, pudemos tecer algumas considerações que relacionamos com a hipótese de que os efeitos cognitivos produzidos pelas metáforas e metonímias conceptuais remetem a modelos mentais que levam à compreensão dos aspectos discursivos das crônicas.

Como pudemos constatar em nossa investigação, Lakoff e Johnson fazem em 2003 uma revisão da classificação das metáforas, inicialmente dividida em estruturais,

ontológicas e orientacionais, e passam a considerar todas as metáforas como estruturais. Ainda assim, optamos por utilizar a classificação inicial, onde identificamos o predomínio das metáforas estruturais AMOR É GUERRA e AMOR É LOUCURA e das metáforas ontológicas AMOR É UMA SUBSTÂNCIA e INSTITUIÇÕES SÃO PESSOAS. Também observamos a presença da metonímia INSTITUIÇÕES PELOS RESPONSÁVEIS coocorrendo nas mesmas expressões linguísticas que atualizam a metáfora INSTITUIÇÕES SÃO PESSOAS, mas no nível puramente textual.

Observamos que, nas metáforas retratadas nas crônicas, um conceito é usado para compreender outro com o qual não mantém relação semântica. Já nas metonímias, uma entidade é usada para representar outra com a qual mantém alguma relação semântica.

De acordo com os dados apresentados, verificamos que a metáfora AMOR É GUERRA foi a mais recorrente, atualizada por expressões linguísticas como “Marido reagrupando as suas forças. Passando para o **ataque**.”, “Está pensando o quê? Mulher nenhuma vai me **dominar**.”, “ela descruzou e cruzou de novo! Ai meu Deus. Foi pra me **matar**”. A presença dessas metáforas nas crônicas indica que o amor pode ser entendido em termos de guerra, pois, conforme os exemplos citados, um dos amantes pode atacar ou dominar a pessoa amada, bem como é possível morrer por amor. Dessa forma, a inferência de que uma relação amorosa pode assumir aspectos da estrutura de uma guerra remete a modelos mentais negativos, como a questão do ataque, domínio e morte.

Verificamos também certa recorrência da metáfora AMOR É LOUCURA, atualizada por expressões linguísticas como “E o escritor Hector Dirssot preparava-se para noites de **loucura** na alcova”, “Pensou em dizer que também estava **desorientado** (o amor, o amor) e levá-la para o seu quarto, para a sua cama.” “Resistira ao André se fazendo de **louco** apaixonado”. Nesses exemplos, aproximamos o conceito de amor ao conceito de loucura, a partir da atualização de modelos mentais que correspondem a atos que deixam as pessoas fora de si como num estado de loucura, tornando, assim, possível a compreensão do conceito de amor como uma forma de loucura.

Em seguida, percebemos a recorrência da metáfora AMOR É UMA SUBSTÂNCIA atualizada por expressões linguísticas como “Eu não acredito Lurdes. Você vai **desmanchar** nosso casamento por isso? Por uma convenção?”, “Mas o amor **acaba** e fica a baboseira.”, “O amor às vezes **acaba** na mesma música que começou, com o mesmo drinque, diante dos mesmos cisnes.”. Observamos, nesses casos, que o

amor é entendido como substância, através da recuperação em nossa memória episódica sobre o conhecimento de propriedades de substâncias diversas, como a possibilidade de chegar ao fim do seu conteúdo ou se desmanchar. Ou seja, inferimos que o amor pode assumir aspectos de substâncias a partir do modelo mental que possuímos sobre substâncias.

Sendo assim, verificamos que os conceitos são, em grande parte, definidos culturalmente. A partir das experiências que vivenciamos dentro de uma determinada cultura, vamos construindo ou atualizando um complexo modelo mental de cada (complexo) acontecimento. O conceito mais popular de amor, por exemplo, envolve a formação de um vínculo emocional com alguém através de um sentimento puro, ideal e alheio a interesses, mas nem todas as pessoas compreendem o amor dessa forma. Para alguns, o amor pode ser entendido como uma guerra, uma loucura ou mesmo uma substância, conforme observamos na análise do nosso *corpus*.

Identificamos também a presença de expressões linguísticas as quais atualizam a metonímia INSTITUIÇÕES PELOS RESPONSÁVEIS e, ao mesmo tempo, a metáfora INSTITUIÇÕES SÃO PESSOAS, como em “**O governo tem agido**, geralmente, sem paixão na sua guerra contra o terrorismo”, “criteriosa cobertura que **nossos jornais dão** a boatos envolvendo prisioneiros políticos”, “mas acho que chegou a hora de **as Câmaras Municipais assumirem**”. Nesses casos, é necessário fazer diferentes inferências a partir de modelos mentais específicos para compreender cada um desses processos cognitivos: em INSTITUIÇÕES SÃO PESSOAS, inferimos que uma instituição pode realizar ações normalmente executadas por pessoas, como agir, assumir etc., pois assim podemos entender o funcionamento das instituições com base em nossas próprias ações e características; em INSTITUIÇÕES PELOS RESPONSÁVEIS inferimos que o nome da instituição é usado para se referir às pessoas que fazem parte dela, ou seja, o conceito de governo, jornais e Câmaras Municipais é usado no lugar dos responsáveis por estas instituições, muitas vezes para não comprometer aquele que realiza a ação divulgada, já que qualquer responsabilidade está sendo atribuída às instituições.

De acordo com as considerações acima, confirmamos a nossa hipótese de que os efeitos cognitivos produzidos pelas metáforas e metonímias conceptuais retratadas no gênero investigado (crônica) remetem a modelos mentais que levam à compreensão dos aspectos discursivos e, conseqüentemente, à geração do sentido das crônicas.

Acreditamos que nosso estudo não se apresenta de forma alguma acabado, mas que pode servir de base para a realização de pesquisas posteriores que queiram aprofundar a análise sobre esses elementos linguístico-discursivos.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Arte Poética*. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- AMARAL, H. *O gênero textual crônica*. Disponível em <http://miltsladeia.blogspot.com/2009/08/genero-textual-cronica.html>. Acesso em 14/08/2012.
- AZEVEDO, K. F. *(Des)legitimação: ações discursivo-cognitivas para o processo de categorização social*. Recife, 682 p. Tese (Doutorado em Linguística)-Universidade Federal de Pernambuco, 2008.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal* (trad. M.E.G. Gomes). São Paulo: Martins Fontes, 2000 (1992).
- BARCELONA, A. *Metaphor and metonymy at the crossroads*. New York, 2003.
- BORBOREMA FILHO, E. de A. *A metáfora na construção da percepção da realidade no discurso jornalístico*. Recife, 265 p. Tese (Doutorado em Linguística)-Universidade Federal de Pernambuco, 2004.
- CAMARGO, Luiz Rogério. *Luis Fernando Veríssimo: a verdade por detrás do riso: o humor como instrumento de crítica social*. Disponível em: http://web03.unicentro.br/pet/pdf/07_rogerio.pdf. Acesso em 15/08/2014.
- DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (org.) *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2003.
- KONZEN, Paulo Cezar. *Ensaio sobre a arte da palavra*. Cascavel: Edunioeste, 2002
- ESPÍNDOLA, L. *Metáforas conceptuais no discurso*. João Pessoa: Idéia/ Editora da UFPB, 2011.
- ESPÍNDOLA, L.; MENDES, T. Metáforas conceptuais em editoriais com tema sobre economia. In: *Revista do GELNE – Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste*. João Pessoa: Idéia, 2006.
- ESPÍNDOLA, L. Metáforas conceptuais, gêneros discursivos e sentido. In: *VI Congresso Internacional da ABRALIN*. João Pessoa: Idéia, 2009.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GRADY, J. E. Metaphor. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert (Ed.). *The Oxford Handbook of Cognitive linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007

- HOFFMAN, R. Metaphor in science, in: HONECK, R.P e HOFFMAN, R.R. (org.) *Cognition and figurative language*. Hillsdale, N.J., Lawrence Erlbaum Associates, 1980.
- KNOWLES, M. MOON, R. *Introducing Methaphor*. London and New York, 2006.
- KÖVECSES, Z. *Metaphor: a practical introduction*. Oxford: OUP, 2010.
- LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things*. University of Chicago Press: Chicago, 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. (coordenação da Tradução Mara Sophia Zanotto). Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo : EDUC, 2002.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the Flesh*. New York: Basic Books, 1999.
- LAKOFF, G.; TURNER, M. *More than cool reason: a field to poetic metaphor*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.
- LEEZENBERG, M. *Contexts of metaphor*. Amsterdam: Elsevier, 2001.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARCUSCHI, L. A. *Gêneros Textuais: o que são e como se classificam*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade. In: *Gêneros Textuais e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MIRANDA, N. S.; NAME, M. C.. (Org.). *Linguística e Cognição*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- ORTONY, A. (org.). *Metaphor and thought*. 2ª ed. Nova York: Cambridge University Press, 1993.
- PAIVA, V. L. M. O. *Metáforas do cotidiano*. Belo Horizonte: UFMG, 1998
- REDDY, M. The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, A. (Org.) (1979) *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 284-324.
- SALOMÃO, M.M.M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. In: *Veredas: revista de estudos linguísticos*. Juiz de Fora, v3-n1-p. 61-79.
- SARDINHA, T. B. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- STEEN, G. *Understanding metaphor in literature*. New York : Logman, 1994.

VAN DIJK, T.A. *Ideology and Discourse: a multidisciplinary introduction*. Pompeu Fabra University, Barcelona.

VAN DIJK, T.A. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva* (Tradução de Rodolfo Ilari). São Paulo: Contexto, 2002.

VEREZA, S. C. *Literalmente falando: sentido literal e metáfora na metalinguagem*. Niterói: EdUFF, 2007.

VEREZA, S. C. *Sob a ótica da metáfora: tempo, conhecimento e guerra*. Niterói: Editora da UFF, 2012.

VERISSIMO, L. F. *Amor Veríssimo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

VERISSIMO, L. F. *Comédias da Vida Privada: 101 crônicas escolhidas*. Porto Alegre: L&PM, 1996.

VERISSIMO, L. F. *Comédias da Vida Pública*. São Paulo: L&PM, 1995.

ANEXOS – As 31 crônicas retiradas dos livros “Amor Veríssimo”, “Comédias da Vida Privada” e “Comédias da Vida Pública”.

CRÔNICA 01

Posto 5

Cena acre-doce de praia.

Alzira, 43 anos, funcionária pública graduada, bonita mesmo se não tivesse feito a plástica, divorciada, uma filha que mora com o pai, Posto 5, domingo de manhã, avista, vindo na sua direção entre os guarda-sóis e os argentinos, Rogério, de 22 anos. Seu coração pula no peito como se tivesse 19. Ela procura seus cigarros dentro da grande bolsa de praia – loção, lenço de papel, o JB, meu Deus, ele está chegando perto! – para disfarçar seu alvoroço. Rogério pára entre ela e o mar e diz, meu Deus:

– Oi, Alzira.

Ela ainda não decidiu o que fazer, que cara usar, o que dizer. Seis meses e ele diz “Oi”. Ela devia mandá-lo passear. Virar a cara. Chamá-lo de cafajeste e mal agradecido. Tudo menos aquela vontade de abraçar as suas pernas e recebê-lo de volta.

– Como vai, Rogério?

– Legal, e você? Tá boazinha?

Ele agacha-se ao seu lado. Ela intensifica a busca dos cigarros. Calma, Alzira. Lembre-se do que você jurou. Nunca mais. Mesmo se ele voltasse de joelhos. Ele põe um joelho no chão. Toca o cabelo dela com a ponta dos dedos.

– Você parece ótima.

– Eu estou ótima.

– Então, ótimo.

– E você?

– Vai-se levando.

– Você tem um cigarro? Eu não encontro os...

– Você está fumando de novo?

Por sua causa, cafajeste. Cigarro, valium e desespero. Só não me matei por causa da minha filha.

– Fumo pouco.

– Corta essa.

– Você não veio aqui para me dizer isso, foi?

– Você está magoada comigo.

– Por que magoada? Só o que você fez foi me deixar um dia, sem qualquer explicação, sem um telefonema, sem... Acontece todos os dias.

– Não tinha o que explicar.

– Esperei dois meses e dei as suas cuecas para o porteiro.

– Alzira...

Aquele sorriso. Calma, Alzira. Frieza. Não peça compaixão. Não peça nada. Se ele quiser voltar, imponha condições. Você está indo bem, Alzira. Ele se deu conta do que perdeu. Não diga nada. Deixe ele falar. Ele está falando.

– Você é uma pessoa muito importante pra mim.

– Sou?

– Nunca conheci ninguém como você.

– Sei.

– Verdade. Acho que com você, sei lá. Eu me transformei, com você. Fiquei mais maduro. Foi um negócio muito sério. Profundo...

É o seu triunfo, Alzira. Saboreie.

– Acho que o que houve entre nós dois foi profundo demais para ser destruído. Entende? Eu estava errado. Não devia ter dado no pé como dei.

– Acontece.

– Não seja assim, Alzira.

– Assim, como?

– Você ficou magoada.

– Não fiquei. Foi bom e acabou. Pronto.

Agora ele vai dizer que não acabou. Que não precisa acabar. Ele está com os dois joelhos na areia. Ele vai implorar, Alzira. Ele diz:

– Tem uma pessoa que eu quero que você conheça.

Alzira, Alzira...

– Quem é?

– Ela está comigo. Posso trazer aqui?

– Traz, ora.

Ele ergue-se e corre para a beira do mar. São onze horas. Alzira pensa em correr também. Para casa. Dar no pé. Está tonta. Procura os óculos escuros no bolsão. Encontra os cigarros mas não encontra os óculos, Rogério está voltando. Traz uma moça pela mão. Dezoito anos.

– Alzira, Silvia. Silvia, Alzira.

– Oi, Silvia.

– Como vai a senhora?

– A Silvia é minha noiva, Alzira.

– Opa. Noiva?

– Eu queria que você conhecesse.

– Ela é muito bonita.

– A Alzira é uma pessoa...

Ele vai dizer que você é quase uma mãe para ele, Alzira. Ele tocou o seu cabelo com a ponta dos dedos, Alzira.

– ... uma pessoa que eu respeito muito. A opinião dela.

– Pois a minha opinião é que a Silvia é um doce. Parabéns.

– Muito obrigada.

– Obrigado, hein, Alzira?

– Obrigado por quê?

– Por tudo.

– O que é isso, meu filho?

Depois que eles se afastam, Alzira abre sua bolsa de praia com firmeza. Primeiro, precisa encontrar os óculos escuros. Depois pegar um lenço de papel para assoar o nariz, que a vida é assim mesmo.

CRÔNICA 02

Trinta anos

Encontraram-se, trinta anos depois, numa festa. Ela sorriu e disse: "Como vai?"

– Vocês já se conhecem? – perguntou a dona da casa.

Ele não disse: "Nos conhecemos. No sentido bíblico, inclusive. Foi o amor da minha vida. Quase me matei por ela. Sou capaz de morrer agora. Ah, vida, vida".

Disse:

– Já.

– Faz horas, né? – disse ela.

Sentou-se ao lado dela. Estava emocionado. Mal conseguia dizer:

– Trinta anos...

– Xiii! Nem fala. Estou me sentindo uma velha.

E acrescentou:

– Caquética.

Curioso. Ela engordara, claro. Tinha rugas. Mas o que realmente mudara fora a sua voz. Ou será que ela sempre tivera aquela voz estridente? Impossível. Ele se lembrava de tudo dela. Tudo. O amor da sua vida. Ela agora lhe cutucava o braço.

– Tu tá um broto, hein?

– Que fim você levou? Quer dizer...

– Nem me fala, meu filho. Sabe que eu já sou avó?

– Não!

Ele não conseguira esconder o horror na sua voz. Mas ela tomou como um elogio. Gritou "Haroldo!", chamando o marido, que veio sorrindo. Ela apresentou: "Este aqui é um velho amigo..."

Mas não disse o nome. Meu Deus, ela esqueceu o meu nome! Ela instruiu o marido:

– Mostra o retrato do Gustavinho.

E para ele:

– Tu vai ver que mimo de neto.

O Haroldo pegou a carteira. Ela esqueceu o meu nome. E eu me lembro de tudo! A cicatriz do apêndice. O apartamento na André da Rocha. "Vou te amar sempre, sempre"! Tudo!

O Haroldo tirou o retrato da carteira. Ele pegou o retrato. O Gustavinho olhava assustado para a câmara.

– Não é um amor? – perguntou ela.

Ele devolveu o retrato para o Haroldo. Disse:

– Não.

– Como, "não" ?

– Não achei, pronto.

E saiu atrás de um uísque.

CRÔNICA 03

A aliança

Esta é uma história exemplar, só não está muito claro qual é o exemplo. De qualquer jeito, mantenha-a longe das crianças. Também não tem nada a ver com a crise brasileira, o *apartheid*, a situação na América Central ou no Oriente Médio ou a grande aventura do homem sobre a Terra. Situa-se no terreno mais baixo das pequenas aflições da classe média. Enfim. Aconteceu com um amigo meu. Fictício, claro.

Ele estava voltando para casa como fazia, com fidelidade rotineira, todos os dias à mesma hora. Um homem dos seus quarenta anos, naquela idade em que já sabe que nunca será o dono de um cassino em Samarkand, com diamantes nos dentes, mas ainda pode esperar algumas surpresas da vida, como ganhar na loto ou furar-lhe um pneu. Furou-lhe um pneu. Com dificuldade ele encostou o carro no meio-fio e preparou-se para a batalha contra o macaco, não um dos grandes macacos que o desafiavam na jângal dos seus sonhos de infância, mas o macaco do seu carro tamanho médio, que provavelmente não funcionaria, resignação e reticências... Conseguiu fazer o macaco funcionar, ergueu o carro, trocou o pneu e já estava fechando o porta-malas quando a sua aliança escorregou pelo dedo sujo de óleo e caiu no chão. Ele deu um passo para juntar a aliança do asfalto, mas sem querer a chutou. A aliança bateu na roda de um carro que passava e voou para um bueiro. Onde desapareceu diante dos seus olhos, nos quais ele custou a acreditar.

Limpou as mãos o melhor que pôde, entrou no carro e seguiu para casa. Começou a pensar no que diria para a mulher. Imagi-

nou a cena. Ele entrando em casa e respondendo às perguntas da mulher antes de ela fazê-las.

– Você não sabe o que me aconteceu!

– O quê?

– Uma coisa incrível.

– O quê?

– Contando ninguém acredita.

– Conta!

– Você não nota nada de diferente em mim? Não está faltando nada?

– Não.

– Olhe.

E ele mostraria o dedo da aliança, sem a aliança.

– O que aconteceu?

E ele contaria. Tudo, exatamente como acontecera. O macaco. O óleo. A aliança no asfalto. O chute involuntário. E a aliança voando para o bueiro e desaparecendo.

– Que coisa – diria a mulher, calmamente.

– Não é difícil de acreditar?

– Não. É perfeitamente possível.

– Pois é. Eu...

– SEU CRETINO!

– Meu bem...

– Está me achando com cara de boba? De palhaça? Eu sei o que aconteceu com essa aliança. Você tirou do dedo para namorar. E ou não é? Para fazer um programa. Chega em casa a esta hora e ainda tem a cara-de-pau de inventar uma história em que só um imbecil acreditaria.

– Mas, meu bem...

– Eu sei onde está essa aliança. Perdida no tapete felpudo de algum motel. Dentro do ralo de alguma banheira redonda. Seu sem-vergonha!

E ela sairia de casa, com as crianças, sem querer ouvir explicações.

Ele chegou em casa sem dizer nada. Por que o atraso? Muito trânsito. Por que essa cara? Nada, nada. E, finalmente:

– Que fim levou a sua aliança?

E ele disse:

– Tirei para namorar. Para fazer um programa. E perdi no motel. Pronto. Não tenho desculpas. Se você quiser encerrar nosso casamento agora, eu compreenderei.

Ela fez cara de choro. Depois correu para o quarto e bateu com a porta. Dez minutos depois reapareceu. Disse que aquilo significava uma crise no casamento deles, mas que eles, com bom senso, a venceriam.

– O mais importante é que você não mentiu pra mim.

E foi tratar do jantar.

CRÔNICA 04

Farsa

Quando ouviu o ruído da porta do apartamento sendo aberta, a mulher soergueu-se ligeiro na cama e disse, ela realmente disse:

– Céus, meu marido!

O amante ergueu-se também, espantado, menos com o marido do que com a frase.

– O que foi que você disse?

– Eu disse “Céus, meu marido!”

– Foi o que eu pensei, mas não quis acreditar.

– Ele me disse que ia para São Paulo!

– Talvez não seja ele. Talvez seja um ladrão.

– Seria sorte demais. É ele. E vem vindo para o quarto. Rápido, esconda-se dentro do armário!

– O quê? Não. Tudo menos o armário!

– Então embaixo da cama.

– O armário é melhor.

O amante pulou da cama, pegou sua roupa de cima da cadeira e entrou no armário, pensando “isto não pode estar acontecendo”. Começou a rir, descontroladamente. Até se lembrar que tinha deixado seus sapatos ao lado da cama. Ouviu a porta do quarto se abrir. E a voz do marido.

– Com quem é que você estava conversando?

– Eu? Com ninguém. Era a televisão. E você não disse que ia para São Paulo?

– Espere. Aqui no quarto não tem televisão.

– Não mude de assunto. O que é que você está fazendo em casa?

O amante começou a rir. Não podia se conter, mesmo sentindo que assim fazia o armário sacudir. Tapou a boca com a mão. Ouviu o marido perguntar:

- Que barulho é esse?
- Não interessa. Por que você não está em São Paulo?
- Não precisei ir, pronto. Estes sapatos...

O amante gelou. Mas o marido se referia aos próprios sapatos, que estavam apertados. Agora devia estar tirando os sapatos. Silêncio. O ruído da porta do banheiro sendo aberta e depois fechada. Marido no banheiro. O amante ia começar a rir outra vez quando a porta do armário se abriu subitamente e ele quase deu um berro. Era a mulher para lhe entregar seus sapatos. Ela fechou a porta do armário e se atirou de novo na cama antes que ele pudesse avisar que aqueles sapatos não eram os dele, eram os do marido. Loucura!

Porta do banheiro se abrindo. Marido de volta ao quarto. Longo silêncio. Voz do marido:

- Estes sapatos...
- O que é que tem?
- De quem são?
- Como, de quem são? São os seus. Você acabou de tirar.
- Estes sapatos nunca foram meus.

Silêncio. Mulher obviamente examinando os sapatos e dando-se conta do seu erro. O amante, ainda por cima, com falta de ar. Voz da mulher, agressiva:

- Onde foi que você arranjou estes sapatos?
- Estes sapatos não são meus, eu já disse!
- Exatamente. E de quem são? Como é que você sai de casa com um par de sapato e chega com outro?
- Espera aí...
- Onde foi que você andou? Vamos, responda!
- Eu cheguei em casa com os mesmos sapatos que saí. Estes é que não são os meus sapatos.
- São os sapatos que você tirou. Você mesmo disse que estavam apertados. Logo, não eram os seus. Quero explicações.
- Só um momentinho. Só um momentinho!

Silêncio. Marido tentando pensar em alguma coisa para dizer. Finalmente, a voz da mulher, triunfante:

- Estou esperando.

Marido reagrupando as suas forças. Passando para o ataque.

– Tenho certeza absoluta – absoluta! – que não entrei neste quarto com estes sapatos. E olhe só, eles não podiam estar apertados porque são maiores do que o meu pé.

Outro silêncio. A mulher, friamente:

– Então só há uma explicação.

O marido:

– Qual?

– Eu estava com outro homem aqui dentro quando você chegou. Ele pulou para dentro do armário e esqueceu os sapatos.

Silêncio terrível. O amante prenderia a respiração se não precisasse de ar. A mulher continuou:

– Mas nesse caso onde é que estão os seus sapatos?

O homem, sem muita convicção:

– Você poderia ter entregue os meus sapatos para o homem dentro do armário, por engano.

– Muito bem. Agora, além de adúltera, você está me chamando de burra. Muito obrigada.

– Não sei não, não sei não. E eu ouvi vozes aqui dentro...

– Então faz o seguinte. Vai até o armário e abre a porta.

O amante sentiu que o armário sacudia. Mas agora não era o seu riso. Era o seu coração. Ouviu os pés descalços do marido aproximando-se do armário. Preparou-se para dar um pulo e sair correndo do quarto e do apartamento antes que o marido se recuperasse. Derrubaria o marido na passagem. Afinal, tinha os pés maiores. Mas a mulher falou:

– Você sabe, é claro, que no momento em que abrir essa porta estará arruinando o nosso casamento. Se não houver ninguém aí dentro, nunca conseguiremos conviver com o fato de que você pensou que havia. Será o fim.

– E se houver alguém?

– Aí será pior. Se houver um amante de cuecas dentro do armário, o nosso casamento se transformará numa farsa de terceira categoria. Em teatro barato. Não poderemos conviver com o ridículo. Também será o fim.

Depois de alguns minutos, o marido disse:

– De qualquer maneira, eu preciso abrir a porta do armário para guardar a minha roupa...

– Abra. Mas pense no que eu disse.

Lentamente, o marido abriu a porta do armário. Marido e amante se encararam. Nenhum dos dois disse nada. Depois de três ou quatro minutos o marido disse: “Com licença” e começou a pendurar sua roupa. O amante saiu lentamente de dentro do armário, também pedindo licença, e se dirigiu para a porta. Parou quando ouviu um “psiu”. Disse:

– É comigo?

– É – disse o marido. – Os meus sapatos.

O amante se lembrou que estava com os sapatos errados na mão, junto com o resto da sua roupa. Colocou os sapatos do marido no chão e pegou os seus. Saiu pela porta e não se falou mais nisso.

CRÔNICA 05

Homens

Deus, que não tinha problemas de verba, nem uma oposição para ficar dizendo “Projetos faraônicos! Projetos faraônicos!”, resolveu, numa semana em que não tinha mais nada para fazer, criar o mundo. E criou o céu e a terra e as estrelas, e viu que eram razoáveis. Mas achou que faltava vida na sua criação e – sem uma idéia muito firme do que queria – começou a experimentar com formas vivas. Fez amebas, insetos, répteis. As baratas, as formigas etc. Mas, apesar de algumas coisas bem-resolvidas – a borboleta, por exemplo – nada realmente o agradou. Decidiu que estava se reprimindo e partiu para grandes projetos: o mamute, o dinossauro e, numa fase especialmente megalomaniaca, a baleia. Mas ainda não era bem aquilo. Não chegou a renegar nada do que fez – a não ser o rinoceronte que até hoje Ele diz que não foi Ele – e tem explicações até para a girafa, citando Le Corbusier (“A forma segue a função”). Mas queria outra coisa. E então bolou um bípede. Uma variação do macaco, sem tanto cabelo. Era quase o que Ele queria. Mas ainda não era bem aquilo. E, entusiasmado, Deus trancou-se na sua oficina e pôs-se a trabalhar. E moldou sua criatura, e abrandou suas feições, e arredondou suas formas, e tirou um pouquinho daqui e acrescentou um pouquinho ali. E criou a Mulher, e viu que era boa. E determinou que ela reinaria sobre a sua criação, pois era a sua obra mais bem-acabada.

Infelizmente, o Diabo andou mexendo na lata de lixo de Deus e, com o que sobrou da Mulher, criou o Homem. E é por isso que, alguns milhões de anos depois, a Lalinha e o Teixeira estão sentados num bar, o Teixeira com as mãos da Lalinha entre as suas,

olhando fundo nos seus olhos, tremendo romance, e de repente a Lalinha puxa as mãos violentamente.

– Seu grandessíssimo...

– O que é isso, Lalinha?

– Agora eu saquei. Saquei tudo. Foi ele que instruiu você!

– Você está delirando.

– Mas claro. Como eu fui boba. Como é que você ia saber que o meu perfume preferido era aquele? Foi o Vinicius que te disse.

– Lalinha, eu juro...

– Mas eu sou uma imbecil! E o disco. O primeiro disco que você me dá é justamente um disco do Ivan Lins. Meu Deus, até o beijo atrás da orelha!

O Teixeira olha em volta, preocupado. Lalinha está exaltada.

– Lalinha, calma.

– Posso até ver o Vinicius ensinando você. Olha, beija ela ali que é tiro e queda. Ele escolheu você a dedo. Sabia que você é do tipo que eu gosto. Igual a ele, o cachorro!

– Lalinha, eu juro pela minha mãe...

– Estava tudo bom demais para ser verdade. Agora tudo encaixa.

– Não é nada disso que você está pensando.

– Claro que é! Mas diz pro seu amigo Vinicius que não vai dar certo. Diz que quase deu, mas eu acordei a tempo. Diz que ele vai continuar me pagando pensão por muitos e muitos anos porque tão cedo eu não caso de novo. Ainda mais com um capacho como você!

– Lalinha, então você acha que eu ia me submeter a... Ó Lalinha!

– Acho sim, acho sim.

– Está certo. Foi isso mesmo. Mas eu me apaixonei de verdade, Lalinha. Nosso casamento ia ser um estouro. Vai ser um estouro.

– Pede a conta.

– Mas Lalinha...

– Pede a conta, Teixeira.

CRÔNICA 06

O Maridinho e a Mulherzinha

Todos conhecem o Maridinho. Sempre bem arrumado. E perfumado. Quando tem alguém novo no grupo, o Maridinho se apresenta com uma pergunta:

- Como é que a sua esposa lhe chama?
- "Ei, você!" "Ó peste." Às vezes até pelo nome...

Os outros dão risada mas o Maridinho fica sério. Espera até que o barulho acabe e então continua:

- A minha mulher me chama de *Maridinho*.

Os outros fazem força para não rir. O novo no grupo pergunta:

- Maridinho?
- Ela me adora - diz o Maridinho, faceiro. - Agora mesmo ela me vestiu, me penteou e me deixou sair para dar uma volta.
- É a sua mulher que veste você?
- É. Depois de me dar banho.
- E deixou você sair para dar uma volta...
- E aí que não deixasse. Aí que não deixasse!
- O que é que você faria?
- Me atirava no chão e começava a espernear. Comigo é assim. Dureza.

- E você pode ficar na rua o tempo que quiser?

- Você está brincando? O tempo que quiser. Até escurecer, é claro.

- Ela não quer que você fique na rua de noite?

- Não.

O Maridinho aproxima-se do outro para cochichar. Diz:

– Você sabe que maridinho solto na rua depois que escurece a carrocinha pega?

– A carrocinha?

– Tem uma carrocinha que pega maridinho solto e leva para fazer sabão. Minha mulher me contou.

– Sua mulher lhe contou...

– Ela me adora.

– Mas você às vezes não tem vontade de ficar na rua, tomar uns chopes...

– Não diga essa palavra!

– Que palavra?

– Não posso dizer.

– Chope?

– É.

– Você não pode dizer nem a palavra?

– Não. Senão eu chego em casa, minha mulher cheira o meu hálito e diz: “Você andou dizendo chope”. Ai, meu Deus, agora eu já disse...

– E o que é que acontece?

– Ela me bota de castigo, sem comida.

– E você aceita isso?

– Claro que não! Está pensando o quê? Mulher nenhuma vai me dominar. Depois que ela dorme eu vou na cozinha e como uma bolacha. Comigo é assim.

– Dureza...

– Dureza. Levantou a voz comigo, já sabe.

– O que é que acontece?

– Eu choro.

– Mas vem cá...

O Maridinho interrompe o outro com o dedo na frente dos lábios.

– Shhh. Ouviu isso? É a mulher me chamando. Tenho que voltar para casa.

– Eu não ouvi nada.

– Ela usa um apito especial. Só maridinho é que ouve. Tenho que ir.

– Mas olha, dureza, hein?

– Dureza. Comigo é assim.

Esta história é da Mulherzinha. O marido sempre a tratava assim. “Minha mulherzinha...” Tinha um enorme carinho pela mulher. Olhava para ela como se olha para uma criança, ou para um cachorrinho. Sua mulherzinha. Ela às vezes tentava reclamar, reagir, e então ele ria muito. Virava-se para quem estivesse perto e dizia:

– Viram só? Ela virou fera! Essa mulherzinha...

E a abraçava ternamente.

A mulherzinha vivia na sombra do marido. Quando tentava dar a sua opinião sobre algum assunto mais sério, ele piscava o olho, afagava a sua cabeça e dizia:

– Não preocupa essa cabecinha linda com essas coisas. Vai fazer um cafezinho pra gente, vai.

A mulherzinha se resignava. E um dia o marido chegou em casa, foi dar um beijo na sua testa, como fazia sempre, e não acertou a testa.

– Ué, você está diminuindo de tamanho?

Mas não esperou para ouvir a resposta. Nunca ouviu as respostas da mulher. Ela era o seu mimo. O seu cachorrinho. Naquela noite notou que a mulher realmente parecia estar encurtando. E na manhã seguinte levou um susto. A mulher estava do tamanho de uma criança. Quando a carregou pela mão ao médico, preocupadíssimo, ela já estava da altura do seu joelho.

O médico não soube explicar o fenômeno. A mulher permanecia perfeitamente proporcionada, só menor. O marido apavorou-se. Não era apenas o fato de não ter mais uma mulher para abraçar. Ela não podia fazer as coisas que fazia antes. Levava dois, três dias para cerzir uma meia. Tinha que trazer o cafezinho xícara por xícara, pois não agüentava o peso de mais de uma. Não podia mais cozinhar sob risco de cair na panela. Ia na feira e trazia um tomate na cabeça, como uma trouxa. Um aspargo debaixo do braço. Para costurar os botões na camisa do marido, tinha que segurar a agulha com as duas mãos. Os amigos, estranhando que não eram mais convidados para visitar a casa deles, perguntavam:

– Como vai a mulherzinha?

E o marido queria brigar. Quem é que você está chamando de mulherzinha?

Um dia, aconteceu. O marido chegou em casa com uma caixa de bombons para a mulher – ela levava um dia só para chegar no recheio – e não a encontrou. Tinha desaparecido. Estava, provavelmente, do tamanho de um cisco. E até hoje o marido anda pela casa na ponta dos pés, cuidando onde pisa, para não pisar na sua mulherzinha. Desconsolado.

CRÔNICA 07

Fantástico, os olhos de Boxer

Discordavam sobre coisas pequenas. Ela, por exemplo, adorava o Nelson Ned: ele não gostava. Mas nunca tinham brigado de verdade. Até que um dia...

Um dia (era domingo) ele ligou a televisão para ver um programa de debate esportivo e ela disse que queria ver o *Fantástico*. Ele olhou para ela, meio confuso.

– Como, *Fantástico*?

– *Fantástico, o show da vida*.

– Sim, minha filha, mas...

– E outra coisa, não me chame de sua filha.

Ele tinha 34 anos, ela tinha 29. Estavam casados há oito anos. Tinham dois filhos, Denise, de seis, e Júnior, de quatro. Uma irmã dela, asmática, morava junto. Havia um acordo tácito: domingo, ele escolhia os programas na televisão. E sempre via o debate esportivo.

– Que é que há? – perguntou desconfiado.

– Não há nada, eu quero ver *Fantástico, o show da vida*, só isso.

– Eu também – disse, timidamente, a cunhada asmática, que sempre sentava numa das cadeiras da mesa de jantar para ver televisão. Ficava apoiada com um braço fino sobre a mesa. No centro da mesa havia um prato de louça com frutas artificiais.

Ele olhou para a cunhada, de boca aberta, depois para a mulher. Era preciso pensar antes de reagir. Era um homem razoável, nunca tinham brigado antes. Só por coisas pequenas.

– Mas domingo eu sempre vejo o meu programa.

– Hoje eu quero ver o *Fantástico*.

– Eu também – repetiu a cunhada, com mais força.

Ele ficou de pé num salto. Como se tivesse tomado a decisão de acabar de uma vez por todas com aquela bobagem. Com aquele motim. Afinal, o que é que estavam pensando. Mas não tinha nada para dizer e sentou-se em seguida, com cara de assunto encerrado. Como se só o seu gesto de ficar de pé já tivesse restabelecido a hierarquia do domingo, e estava acabado. Mas a mulher caminhou ameaçadoramente para o aparelho de televisão. Era preciso pensar depressa.

– Minha filha...

– Não me chame de sua filha.

Ela nem virara a cabeça para dizer isto. Abaixava-se para girar o seletor de canal. Ele sentiu que aquele era o momento definitivo do seu casamento.

– Não toque nesse botão.

A mulher hesitou, depois tocou no botão. Mas não o girou. A mulher ficou imóvel. Ele reforçou a sua ordem com uma ameaça vaga mas firme.

– Se você virar esse botão, não sei não.

– Vira! – disse a cunhada, com surpreendente autoridade.

Ele ergueu-se outra vez, desta vez devagar como se temendo que qualquer movimento mais brusco pudesse precipitar os acontecimentos. Ele podia até levar uma maçã artificial pelas costas, tudo era possível. Recuou até ficar de frente para as duas irmãs. Apontou para a mulher.

– Afaste-se dessa televisão.

“Afaste-se.” Nunca falara assim antes. A gravidade da situação impunha uma certa solenidade à linguagem. Falava como filme dublado na televisão.

A mulher endireitou-se. Olhou para a irmã. Sem se falarem, sem qualquer sinal, mas como se tudo estivesse previamente combinado “se ele resistir a gente pega e...”, as duas caminharam na direção da cozinha. Ele sentiu que sua vitória precisava ser consolidada. Era frágil ainda, o inimigo mantinha a iniciativa. E a vantagem do fator surpresa. Elas já tinham desaparecido pela porta da cozinha quando ele gritou:

– E quero meu jantar em seguida!

Durante dois, três minutos, ele ficou imóvel, encostado no guarda-louça, tentando decifrar os sons que vinham da cozinha. O seu coração batia. Era um homem razoável, não gostava de briga. Casara com ela por causa de seu gênio dócil, submisso. Aqueles olhos de cachorro boxer... A Denise estava no seu quarto. O Júnior dormia. Ele não fazia um movimento, encostado no guarda-louça, esperando a reação das duas irmãs.

E de repente, ele se lembrou. Meu Deus! É o aniversário dela! Eu me esqueci por completo! Precipitou-se na direção da cozinha, ensaiando o seu pedido de desculpas. "Minha filha..."

O almoço fora galinha. O que sobrara da galinha seria servido à noite, frio, com salada. Ele ainda não tinha chegado na porta quando viu passarem por ele, em formação como uma esquadri-lha, vários pedaços de galinha, arremessados da cozinha. Parou onde estava, de olhos arregalados. Segundos depois uma porção de salada também atravessava a sala e ia espalhar-se no chão, em frente à televisão.

Quando, meia hora depois, as mulheres voltaram para a sala para investigar o silêncio, o encontraram ainda de pé, os olhos arregalados, olhando fixo para uma Santa-Ceia na parede. Chamaram um primo que era médico. Ela pediu desculpas ao marido, a cunhada chorava de remorso, mas quando ele voltou a si e viu as duas ao lado da cama, encolheu-se para junto da parede como quem acaba de ver um monstro no quarto.

Ele tirou licença da repartição, passou 40 dias em casa de pijama vendo televisão. Quem escolhia os programas era a mulher. Até aos domingos. Ela escolhia o *Fantástico* e ele ficava olhando para as duas irmãs durante todo o programa com cara de quem quer compreender.

CRÔNICA 08

Sala de Espera

Sala de espera de dentista. Homem dos seus quarenta anos. Mulher jovem e bonita. Ela folheia uma *Cruzeiro* de 1950. Ele finge que lê uma *Vida dentária*.

Ele pensa: que mulherão. Que pernas. Coisa rara, ver pernas hoje em dia. Anda todo mundo de jeans. Voltamos à época em que o máximo era espiar um tornozelo. Sempre fui um homem de pernas. Pernas com meias. Meias de náilon. Como eu sou antigo. Bom era o barulhinho. Suish-suish. Elas cruzavam as pernas e fazia suish-suish. Eu era doido por um suish-suish.

Ela pensa: cara engraçado. Lendo a revista de cabeça para baixo.

Ele: te arranco a roupa e te beijo toda. Começando pelo pé. Que cena. A enfermeira abre a porta e nos encontra nus sobre o carpete, eu beijando um pé. O que é isso?! Não é o que a senhora está pensando. É que entrou um cisco no olho desta moça e eu estou tentando tirar. Mas o olho é na outra ponta! Eu ia chegar lá. Eu ia chegar lá!

Ela: ele está olhando as minhas pernas por baixo da revista. Vou descruzar as pernas e cruzar de novo. Só para ele aprender.

Ele: ela descruzou e cruzou de novo! Ai meu Deus. Foi pra me matar. Ela sabe que eu estou olhando. Também, a revista está de cabeça para baixo. E agora? Vou ter que dizer alguma coisa.

Ela: ele até que é simpático, coitado. Grisalho. Distinto. Vai dizer alguma coisa...

Ele: o que é que eu digo? Tenho que fazer alguma referência à revista virada. Não posso deixar que ela me considere um bobo.

Não sou um adolescente. Finjo que examino a revista mais de perto, depois digo "Sabe que só agora me dei conta de que estava lendo esta revista de cabeça para baixo? Pensei que fosse em russo." Aí ela ri e eu digo "E essa sua *Cruzeiro*? Tão antiga que deve estar impressa em pergaminho, é ou não é? Deve ter desenhos infantis do Millôr." Aí riremos os dois, civilizadamente. Falaremos nas eleições e na vida em geral. Afinal, somos duas pessoas normais, reunidas por circunstância numa sala de espera. Conversaremos cordialmente. Aí eu dou um pulo e arranco toda a roupa dela.

Ela: ele vai falar ou não? É do tipo tímido. Vai dizer que tempo, né? A senhora não acha? É do tipo que pergunta "Senhora ou senhorita?" Até que seria diferente. Hoje em dia a maioria já entra rachando... Vamos variar de posição, boneca? Mas espere, nós ainda nem nos conhecemos, não fizemos amor em posição nenhuma! É que eu odeio as preliminares. Esse é diferente. Distinto. Respeitador.

Ele: digo o quê? Tem um assunto óbvio. Estamos os dois esperando a vez num dentista. Já temos alguma coisa em comum. Primeira consulta? Não, não. Sou cliente antiga. Estou no meio do tratamento. Canal? É. E o senhor? Fazendo meu check-up anual. Acho que estou com uma cárie aqui atrás. Quer ver? Com esta luz não sei se... Vamos para o meu apartamento. Lá a luz é melhor. Ou então ela diz pobrezinho, como você deve estar sofrendo. Vem aqui e encosta a cabecinha no meu ombro, vem. Eu dou um beijinho e passa. Olhe, acho que um beijo por fora não adianta. Está doendo muito. Quem sabe com a sua língua...

Ela: ele desistiu de falar. Gosto de homens tímidos. Maduros e tímidos. Ele está se abanando com a revista. Vai falar do tempo. Calor, né? Ai eu digo "É verão". E ele: "É exatamente isso! Como você é perspicaz. Estou com vontade de sair daqui e tomar um chope". "Nem me fale em chope." "Você não gosta de chope?" "Não, é que qualquer coisa gelada me dói a obturação". "Ah, então você está aqui para consultar o dentista, como eu. Que coincidência espantosa! Os dois estamos com calor e concordamos que a causa é o verão. Os dois temos o mesmo dentista. É o destino. Você é a mulher que eu esperava todos estes anos. Posso pedir a sua mão em noivado?"

Ele: ela está chegando ao fim da revista. Já passou o crime do Sacopã, as fotos de discos voadores... Acabou! Olhou para mim.

Tem que ser agora. Digo: "Você está aqui para limpeza de pernas? Digo, de dentes? Ou para algo mais profundo como uma paixão arrebatadora por pobre de mim?"

Ela: e se eu disser alguma coisa? Estou precisando de alguém estável na minha vida. Alguém grisalho. Esta pode ser a minha grande oportunidade. Se ele disser qualquer coisa, eu dou o bote. "Calor, né?" "Eu também te amo!"

Ele: melhor não dizer nada. Um mulherão desses. Quem sou eu? É muita perna pra mim. Se fosse uma só, mas duas! Esquece, rapaz. Pensa na tua cárie que é melhor. Claro que não faz mal dizer qualquer coisinha. Você vem sempre aqui? Gosta do Roberto Carlos? O que serão os buracos negros? Meu Deus, ela vai falar!

– O senhor podia...

– Não! Quero dizer, sim?

– Me alcançar outra revista?

– Ahn... *Cigarra* ou *Revista da Semana*?

– *Cigarra*.

– Aqui está.

– Obrigada.

Aí a enfermeira abre a porta e diz:

– O próximo.

E eles nunca mais se vêem.

CRÔNICA 09

Duas Histórias Sutis

- **B**eleza, a sua cozinha.
- Obrigado, eu...
- É você quem cozinha sempre ou...
- Não, Não. Tem uma senhora que vem arrumar o apartamento e deixa um prato feito na geladeira. Sou cozinheiro de fim de semana. Marinheiro de... Como é mesmo que se diz?
- O quê?
- Doce.
- Eu?
- Água doce. Marinheiro de água doce. Você quer esperar na sala, enquanto eu...
- Fico aqui com você. A menos que...
- Não, pode ficar. Quem sabe a gente já abre o vinho e fica bebericando, enquanto eu...
- Adoro bebericar. Uma beleza, o seu abridor.
- Obrigado. Este vinho precisa respirar um pouco antes de ser servido. Pode parecer bobagem mas...
- Não, não. Respirar é das coisas mais importantes que existem.
- Ele precisa estar na temperatura ambiente.
- Adoro a temperatura ambiente.
- Você está disposta a experimentar o meu bobó?
- O seu...
- Bobó de camarão. Minha especialidade.
- Ah, claro. Não foi para isso que você me convidou? Adoro bobó.

- Você já comeu alguma vez?
- Nunca. Mas adoro.
- Olha o vinho.
- Mmmmm.
- Hein?
- Eu disse "Mmmmm"... Epa!
- Desculpe. Estou um pouco nervoso. Sabe como é, a responsabilidade. Você pode não gostar do meu...
- Bobo.
- Bobó.
- Bobo é você. Vou adorar o seu bobó.
- Será que o vinho vai manchar o seu vestido?
- Não. Em todo o caso...
- Quem sabe um pano com água quente? É só esquentar a água e...
- Adoro tudo o que é quente. Uma beleza a sua chaleira.
- Enquanto isto, vou preparando os ingredientes. Deixa ver. Pimentinha...
- Sim?
- Não, eu disse "pimentinha".
- Não me diz que leva pimenta!
- Leva. Você não gosta?
- Adoro!
- É da braba.
- Ui! Você, hein? Com esse jeito tímido... Só de ouvir falar em pimenta, fiquei toda arrepiada. Passa a mão aqui...
- É mesmo. Que estranho. Só de ouvir falar em pimenta...
- Mal posso esperar o seu bobó.
- Calma, calma.
- Demora muito?
- Se você me der uma mão... Na geladeira na parte de baixo, estão os camarões... Você vai ter que se abaixar um pouco e...
- Beleza a sua geladeira. Foi você que assobiou?
- Não, foi a minha chaleira. Mas...
- Sim?
- Eu concordo com ela.
- Mmmmm...

Os dois tinham fama de grandes conhecedores de vinho e nenhum dos dois se interessava em desmentir o equívoco. Iam enganando a todos e um ao outro com sua suposta cultura enológica. Que, como se sabe, só depende de ter uma pose, duas ou três frases e uma razoável pronúncia em francês. Mas aconteceu o seguinte: os dois foram almoçar juntos. Pela primeira vez, as duas falsas autoridades se encontravam diante de pratos e – suspense – copos vazios. Embora o motivo do almoço fosse outro, para todos os efeitos era um desafio. Qual dos dois entendia mais de vinho?

Não pediram aperitivos para não amortecer o paladar. Até aí eles sabiam. Fizeram sua escolha do cardápio. Os dois pediram carne. Depois um deles sugeriu, com estudada indiferença:

– Quem sabe um vinhozinho?

– Claro – disse o outro, com naturalidade. Mas suava, temendo o desmascaramento. Fez uma rápida recapitulação mental de tudo o que realmente sabia sobre vinhos. Não daria para encher um copo. Mas não podia se entregar.

– Qual você prefere? – perguntou o outro, tomando a ofensiva. Também temia ser descoberto. Tinha um enorme livro sobre vinhos impresso na Suíça em 117 cores, na mesa de centro da sua sala. Era para decoração, jamais o abria. Esperou a resposta do outro com ansiedade. O que fosse sugerido ele aceitaria em seguida. Era mais seguro. Depois, seria só uma questão de beber polidamente e fazer todos os ruídos apropriados até o fim do almoço. Mas o outro hesitou. Depois, riu e disse:

– Um tinto, claro.

– Claro – riu o primeiro, dando a entender que também achava graça da simulada inocência do outro. Com carne, vinho tinto. Até aí todos nós sabemos. O outro disse:

– Olha, para mim qualquer tinto seco está bem. Escolha você.

O primeiro estremeceu. E agora? O *maître* esperava o pedido, impassível. Resolveu blefar. Era a única saída. Audácia e surpresa, e o inimigo recuaria em desordem. Inventaria um nome francês qualquer, com a pronúncia correta para intimidar o outro, e esperaria a reação.

– O que acha você de um Cave de Mourville?

O outro nem piscou. Fez um ar de aprovação, mas sem muito entusiasmo. Tinha as suas dúvidas.

– Não sei... O último que provei me pareceu um pouco, sei lá.

Reticente. Algo contido. E um Cave de Mourville não tem o direito de ser egoísta, você não concorda?

Epa. Era preciso ter cuidado. O primeiro comeu uma azeitona para reagrupar as suas forças. Reatacou:

– Você deve ter tomado um 57. Foi um péssimo ano para a região.

– Não, um 62.

– Impossível.

– Meu caro, não precisei nem olhar o rótulo. Conheço os meus 62 de olhos fechados.

A tensão era grande. O primeiro agora sabia que o outro era um farsante. Mas não podia descartar a possibilidade de que o outro entendia mesmo do assunto, pegara o seu blefe e agora o estava testando. Virou-se gravemente para o *maître* e perguntou:

– O Cave de Mourville de vocês, de que ano é?

– Infelizmente, nosso último Cave de Mourville saiu ontem – disse o *maître*, outro farsante.

E os dois, aliviados, gritaram ao mesmo tempo:

– Então traz uma mineral!

CRÔNICA 10

Tá

— Você quer?

— Se você quiser...

— Como, se eu quiser? Você quer ou não quer?

— Se você quiser eu quero.

— Se eu não quisesse não teria perguntado.

— Então você quer?

— Quero.

— Então tá.

— Como, "tá"?

— Tá. Está bem. Sim. Vamos.

— "Tá"... Que coisa triste. A que ponto chegamos. Francamente:

"tá"?

— Pedro Henrique, você não vai fazer um drama só porque...

— Não, não. Tudo bem. Eu acho perfeito. Assim termina um grande amor. Não com uma explosão, não com um suspiro. Com um "tá".

— Pedro Henrique...

— É perfeito. Curto, preciso e definitivo. “Tá.” Como um ponto final. “Tá”, ponto. Que vida conjugal pode existir depois de um “tá”? Nenhuma. Boa noite.

— Sabe o que eu acho, Pedro Henrique? Acho que você também não estava a fim e está usando um pretexto para...

— Ah, então você não estava a fim? O “tá”, além de tudo, era mentiroso?

— Não desconversa, Pedro Henrique. Você é que estava louco para ir dormir mas decidiu que, já que fazia tanto tempo, tinha a obrigação de perguntar se eu queria. Não era vontade, era desincargo de consciência.

— E já me arrependi. Se era para ouvir um “tá”, melhor não ter perguntado.

— Confesse. Você não sente mais nada por mim.

— Não é verdade.

— Não faz tanto tempo assim, você nem teria perguntado.

— Ah, desculpe a boa educação. Você preferia que eu atacasse você sem avisar? Pimba, sem dizer nada?

— Sem dizer nada, não, Pedro Henrique. Dizendo tudo o que você costumava dizer no meu ouvido, antes do pimba, lembra? Você nem se lembra.

— Lembro. E lembro de muito mais. Lembro de quando você é que tomava a iniciativa. Coisa que não acontece desde, sei lá. Desde o governo Sarney.

— O Sarney não.

— O Collor, então.

— Não tomava a iniciativa para não ser repelida, porque sabia que você não me amava mais.

— Que injustiça. Que injustiça! Eu nunca deixei de amar você. Não sou mais o mesmo, reconheço. Não digo mais coisas no seu ouvido.

O tempo passa, que diabo. Ninguém é mais o mesmo. Nem o Agnaldo Rayol, que não envelhece, mas aposto que não diz mais o que dizia. Nós todos mudamos com o tempo. Mas isso não quer dizer que eu ame você menos.

— Tá certo...

— Jurema, você, pra mim, é uma semideusa!

— “Semi”, Pedro Henrique?!

— Hein?

— Você disse “semideusa”.

— Bom...

— Antigamente era uma deusa.

— É o tempo, Jurema. Nós todos nos desgastamos um pouco.

— Quer saber de uma coisa, Pedro Henrique? Boa noite.

— Tá.

CRÔNICA 11

A estrategista

Bete especializou-se na prospecção de viúvos. Procura convites para enterro de senhoras em que o marido é um dos que convidam. E em que não constem “netos”. De preferência, nem “filhos”. Sinal de que a mulher morreu jovem. Falecida moça, viúvo moço. Precisando de consolo imediato. O ideal é quando há mais de um convite para o enterro, quando a firma do marido também convida. E dá a posição do viúvo na vida. “Nosso gerente”, ótimo. “Nosso diretor financeiro”, melhor ainda. “Nosso diretor presidente”, perfeito! Um diretor presidente com 40 anos ou menos é ouro puro. Segundo a Bete.

Bete comercializa sua informação. Tem uma lista de clientes. Dá instruções sobre a abordagem do viúvo, que deve começar no próprio velório. Recomenda um conjunto escuro e sóbrio, mas com um decote que mostre o rego dos seios. O rego dos seios é importantíssimo. O viúvo precisa ter uma amostra do que existe por baixo do terninho compungido já no abraço de pêsames.

— O que que eu digo?

— Chore. Diga "Eu não acredito". Diga "A nossa Pixuxa".

— "Pixuxa"?!

— Era o apelido dela. Estava no convite.

— A nossa Pixuxa. Certo.

— E não esquece de beijar perto da boca, como se fosse descuido.

Bete não cobra muito pelo seu trabalho. Faz mais pelo desafio, pelo prazer de um desfecho feliz, cientificamente preparado.

Quando consegue "colocar" uma das suas clientes, sente-se recompensada. Não é verdade que tem informantes nos hospitais de primeira classe da cidade e que muitas vezes, quando a mulher morre, ela já tem um dossiê pronto sobre o viúvo, inclusive com situação financeira atualizada. Trabalha em cima dos convites para enterro, empiricamente, com pouco tempo para organizar o ataque.

Procura se informar o máximo possível sobre o viúvo, depois telefona para uma interessada e expõe a situação.

— O nome é bom. Parece que é advogado. Entre 55 e 60 anos. Aproveitável. Dois filhos, mas já devem ter saído de casa.

— Entre 55 e 60, sei não...

— É pegar ou largar. O enterro é às cinco.

Bete vai junto aos velórios. Para dar apoio moral, e para o caso de algum ajuste de última hora. Como na vez em que, antes de conseguir chegar no viúvo, sua pupila foi barrada pela mãe dele, que perguntou:

— Quem é você?

A pretendente começou a gaguejar e Bete imediatamente colocou-se ao seu lado.

— A senhora não se lembra da Zequinha? Uma das melhores amigas da Vivi e do Momô.

Era tanta a intimidade que a mãe do viúvo, embora nunca soubesse que o apelido do seu filho fosse Momô, recuou e deixou a Zequinha

chegar nele, com seu rego. Foi um dos triunfos da Bete. Naquele mesmo ano, Momô e Zequinha se casaram. Alguns comentavam que tudo começara no enterro da pobre da Vivi, outros que o caso vinha de longe. Ninguém desconfia que foi tudo planejado. Que havia um cérebro de estrategista por trás de tudo.

Bete tem medo das livre-atiradoras, das que invadem o seu território sem método, sem classe, enfim, sem a sua orientação. Quando o viúvo é uma raridade, uma pepita — menos de 40, milionário, quatro ou cinco empresas participando o infausto evento, sem herdeiros conhecidos, e bonito —, Bete faz questão de que sua orientada chegue cedo ao velório, abrace o prospectado, expresse seu sentimento (“A nossa Ju! Eu não acredito!”), beije-o demoradamente perto da boca, por descuido, e fique ao seu lado até fecharem o caixão, alerta contra outros decotes.

Enquanto isso, Bete cuida da retaguarda. Observa a aproximação de possíveis concorrentes e, quando pode, barra o seu progresso em direção ao viúvo. (“Por favor, vamos deixar o homem em paz.”) De tanto frequentar velórios, Bete já conhece a concorrência. Sabe que elas vêm dispostas a tudo. Quando o viúvo é muito importante e forma-se uma multidão à sua volta, dificultando o acesso, abrem caminho a cotoveladas. Não hesitam nem em ficar de quatro e engatinhar, entre as pernas, até o viúvo. A Bete compreende. Sabe o valor de um bom viúvo em tempos como este.

“Estamos numa selva”, diz Bete, para encorajar alguma cliente que hesita. E lembra sempre:

— Mostre o rego. O rego é importantíssimo.

CRÔNICA 12

Don Juan e a Morte

Quando a mulher revelou que era a Morte e que viera buscá-lo, Don Juan não pulou da cama nem tentou fugir. Apenas sorriu e disse:

— Eu deveria ter desconfiado.

— Por quê? — perguntou a Morte.

— Porque nenhuma mulher tão linda se entregaria a mim tão facilmente, se não fosse uma armadilha.

— Mas você não é um sedutor famoso? Um homem irresistível?

— Sim, mas na minha experiência, quanto mais linda a mulher, mais difícil a sedução. E com você não precisei usar nenhum dos meus truques. Nem meu olhar de desatar espartilhos, nem os versos que orvalham o portal do amor antes mesmo do meu primeiro toque... Você é a mulher mais bonita que já conheci, mas bastou dizer “vem” e você veio. Eu deveria ter desconfiado.

— Eu talvez tenha me precipitado, ao ceder tão facilmente. Gostaria de ouvir seus versos, que também são famosos. Se eu tivesse resistido um pouco mais...

— Pois é. Agora é tarde.

— O que você diria da minha beleza, se fosse obrigado a recorrer à poesia para me trazer pra cama?

— Bem. Assim, de improviso... Ainda mais depois de saber da minha morte iminente...

— Tente.

— Eu começaria elogiando o seu porte heráldico. Compararia a brancura da sua pele às primeiras neves, quando os cristais ainda reluzem, e o rego dos seus seios ao estreito de Gibraltar, onde dois continentes portentosos se roçam. Comentaria as estrias roxas do seu cabelo e... e...

— Que foi? Por que parou?

— Acabo de me dar conta. Está explicado por que nos amamos em todas as posições possíveis, inclusive algumas que eu mesmo inventei, sem que eu ouvisse um "ui" da sua boca. Um mísero "ui". Você manteve-se fria o tempo todo. Claro! Onde se viu a Morte gozar?

— Desculpe, eu...

— Não se desculpe. Você não vê? Isto redime a minha masculinidade. Pensei que tivesse perdido meu jeito de satisfazer as mulheres, que nunca tinha falhado antes. Mas não era eu. Era você. Você só estava aqui a serviço, não para se divertir.

— Não deixou de ser agradável.

— Obrigado, mas não precisa mentir. Vou morrer feliz, sabendo que não falhei. E o irônico é que passei a vida inteira seduzindo mulheres para adiar a velhice, enganar o tempo e protelar a morte, e ela, a morte, você, me aparece assim. Na forma da mulher mais bonita que já conheci. Olhos como lagos fosforescentes, pescoço como a coluna de mármore de Amastar, onde peregrinos encostavam a testa para rejuvenescer; tornozelos como...

— Não quero interromper, mas acho que deveríamos partir.

— Certo, certo. E se a gente desse mais uma, rapidinha, só para eu me lembrar depois? Ouvi dizer que, no céu, o canto coral substitui o sexo e no inferno é só com um cabrito.

— Não é uma boa ideia. Vamos?

— (Suspiro) Vamos.

CRÔNICA 13

A paixão de Jorge

Não é incomum apaixonar-se pela mulher de um amigo. Acontece de várias maneiras. O longo convívio com o amigo e a mulher pode ser tão íntimo e agradável que só muito tarde você se dá conta de que o que estava havendo entre você e a mulher do amigo, o tempo todo, era um namoro, que evoluiu para o amor. Ou você pode simplesmente acordar no meio da noite, depois de um sonho revelador, e dizer com espanto: “Eu amo a mulher do Nogueira!” Pode acontecer num acidente, num detalhe do cotidiano, um roçar de dedos ou um cruzar de olhares que detona a paixão incontrolável. Mas o nosso Jorge encontrou um jeito original, decididamente incomum, de se apaixonar pela mulher de um amigo. Apaixonou-se pela mulher do Nogueira (digamos que seu nome seja Nogueira) quando foi visitá-la na maternidade, depois que ela teve o primeiro filho com o Nogueira. A mulher do Nogueira estava amamentando a criança quando o Jorge entrou no quarto. O Jorge apaixonou-se pelo conjunto. Perdidamente. Até hoje, ele não pode contar sem se emocionar.

O Jorge não sabe explicar o que houve. Antes, mal prestara atenção na mulher do Nogueira. Ela era bonita, mas de um jeito artificial, um jeito de boneca. Sempre bem penteada e bem maquiada, costumava sentar na ponta das cadeiras com as pernas coladas e um pé ligeiramente perpendicular ao outro, como se fosse uma característica superior da sua tribo. O Jorge só descobrira que ela estava no último estágio da gravidez quando notou um dia, por acaso, que a barriga avantajada a obrigava a sentar-se com as pernas um pouco abertas, mas sem perder a linha. Ela falava pouco e certa vez, quando a discussão no grupo era sobre política internacional, divertira a todos dizendo que não tinha nada contra o Bush, “mas ele lá e eu aqui”. O Jorge conhecia o Nogueira desde a adolescência e não entendia o que o amigo tinha visto naquela boneca decorativa e fútil. Mas, enfim, não era problema dele. E então entrara no quarto da maternidade e vira a Juliana (digamos que seu nome seja Juliana) amamentando seu recém-nascido.

* * *

A Juliana sem maquiagem, com o cabelo em desalinho, com aquela calidez meio úmida e resplandecente que, segundo o Jorge, as mulheres adquirem depois do parto, sorrindo para o bebê que sugava o seu peito com uma calma e uma sabedoria tão antigas que o Jorge quase deixou cair as flores e levou as mãos ao coração, como no cinema mudo. “Sardas!”, nos disse o Jorge, extasiado. “Ela tem sardas!” As sardas no rosto limpo da Juliana tinham completado o sortilégio da cena, para o Jorge. Nos três dias que Juliana ficou no hospital, Jorge foi visitá-la todas as tardes, e ficava até ser expulso pelas enfermeiras. Para surpresa da Juliana, que também nunca prestara muita atenção naquele amigo meio esquisito do Nogueira e não entendia aquela súbita devoção.

O problema, para o Jorge, passou a ser o que fazer com sua paixão. Não podia declará-la a Juliana. Muito menos confessá-la ao Nogueira. E, mesmo, poucas semanas depois do parto Juliana voltara a ser o que era, com as sardas escondidas por camadas de maquiagem e um pé ligeiramente perpendicular ao outro. A mesma boneca, só com seios maiores. Jorge perguntava muito pelo bebê, mas, fora isso, não tinha muito assunto com a mulher decorativa e fútil do Nogueira. Ao contrário das tardes no hospital, quando lhe contara a sua vida, quando assunto era o que não faltava. Aos poucos, a paixão do Jorge amainara. Até que um dia...

* * *

Um dia, num dos almoços da turma, ouviu o Nogueira anunciar:

— A Juliana está grávida de novo.

O coração do nosso Jorge deu um pulo, depois só ficou ronronando de prazer dentro do seu peito como um gato contente. A Juliana teria outro bebê. A sua amada estaria de volta!

* * *

O Nogueira e a Juliana já estão com quatro filhos. (O terceiro é até afilhado do Jorge.) A cada novo parto o amor de Jorge por Juliana aumentou. E ninguém entendeu — só nós, que sabíamos da sua insólita paixão — o “Não!” que Jorge deixou escapar quando, no outro dia, Juliana disse que chegava, que não pretendia ter mais filhos. E por que Jorge em seguida passou a pontificar, indignado, sobre o absurdo preconceito dos casais modernos contra famílias grandes como as de antigamente. Oito, doze, dezessete filhos, por que não? Ele era contra o controle de natalidade por meios artificiais. Neste ponto, estava com o papa.

CRÔNICA 14

Gencianáceas

Dizem que não há afrodisíaco melhor do que amendoim, mas com casca. Você espana as cascas do colo dela, ela espana as cascas do seu colo, e em pouco tempo vocês não precisarão mais do pretexto das cascas. Outros afrodisíacos, no entanto, precisam ser ingeridos, e sobre estes existe uma vasta literatura — quase toda ela em francês, claro.

Mme. de Maintenon mandava fazer costeletas de vitela com anchovas, basilico doce, cravo, coentro e conhaque para animar Luís XIV. Não se sabe o resultado que elas produziam no rei, mas o prato *Côtelettes de veau à la Maintenon* é famoso até hoje, um exemplo de efeito colateral histórico. Já Mme. Du Barry fazia fé em suflês de gengibre para manter o interesse de seu amante real, Luís XV. Dizia que ele nunca desandava. O suflê, não o rei.

Alcachofras eram consideradas afrodisíacas. E o escritor Hector Dirssot preparava-se para noites de loucura na alcova comendo enguias com trufas, enroladas em papel amanteigado, assadas na brasa e servidas sobre um ragu de siri apimentado, e que só tinham o efeito desejado se

acompanhadas por um bom vinho Sauternes. Não se conhece qualquer depoimento de uma parceira do escritor sobre a eficiência da receita. Pela sua descrição, desconfia-se que muitas vezes Dirssot recorria ao prato não para assegurar o sexo, mas para substituí-lo.

As trufas brancas da região do Piemonte já foram consideradas infalíveis, e ficavam ainda mais estimulantes se preparadas com fígado de ganso e um pouco de vinho branco. Brillat-Savarin escreveu que uma determinada senhora francesa quase sucumbiu ao assédio de um jovem gourmet que lhe propunha servir aves com trufas de Perigueux em troca de amor, e sua admiração era menos pela sólida virtude da dama do que pela sua resistência, decididamente inexplicável. Brillat-Savarin insinua que o pretendente insistiu e a dama resistiu até ele oferecer trufas de Perigueux inteiras assadas na cinza, porque aí também já seria desumano.

Todas estas receitas — tiradas, por sinal, de um livro de George Lang chamado *Compêndio de bobagens e "trivia" culinárias* — ficavam melhores e mais poderosas se acompanhadas de um "Vin de Gentiane", ou vinho de genciana, assim preparado: rale-se uma raiz de genciana e deixe-a de molho no conhaque por um dia. Acrescente-se vinho Bordeaux, filtre-se tudo por uma peneira fina e deixe-se num receptáculo lacrado por oito dias. Não abrir perto das crianças.

* * *

— Você já ouviu falar de vinho de genciana?

— Não. Por quê?

— Eu estava lendo que parece que genciana é afrodisíaco.

— Eu nem sei o que é isso.

— Afrodisíaco?

— Não. Genciana.

— Nem eu. Vamos ver no dicionário?

Depois:

— Senta aqui do meu lado. Assim a gente vê juntos.

— Tã.

— Deixa ver. Gê, gê, gê... “Genioso”, “genista”, “genital”...

— Quando você era pequeno, não procurava nome feio no dicionário?

— Procurava! Me lembro quando eu descobri que no dicionário tinha “bunda”. Foi uma sensação. Depois procurei todos os sinônimos de “bunda” que conhecia.

— Eu fui logo procurar o, você sabe. Pênis.

— E todos os seus apelidos.

— Como a gente era boba, né?

— “Genitália”... “genitivo”... Espera aí, estou olhando na página errada. “Genciana”... “genciana”... Está aqui! “Genciana”. Hmm... “Planta da família das gencianáceas”...

— Qual é a família?

— Gencianáceas. Por quê, você conhece?

— Não, não. Foi a maneira como você disse. Achei...

— O quê?

— Bonitinho. “Gencianáceas”...

— Deixa eu guardar o dicionário que eu já volto.

Depois:

— Você não quer uns amendoins?

* * *

Hoje, com a química, toda esta literatura ficou ainda mais antiga. Trufas, enguias, ostras, raiz de genciana, casca de amendoim no colo, tudo foi substituído por uma pílula. É verdade que alguns dos recursos a que o

homem recorria no passado, como chifre de rinoceronte pulverizado, não fazem falta. Mas a humanidade perdeu alguma coisa quando perdeu o risco de morrer de congestão durante o ato sexual, depois de se empanturrar para garantir que ele seria bom. Diminuiu-se a nossa aventura sobre a Terra. E fico pensando naquele ragu de siri...

CRÔNICA 15

A Fidelidade

Ele chegou na praia numa terça-feira, que é um dia esquisito. Quando as crianças vieram do banho de mar deram com o pai na varanda. "Ué", observaram. Pouco depois chegou a mulher e também estranhou ele ali, numa terça e com aquela cara. Pensou no pior. "A mamãe!" Não, não, a mãe dela estava bem. Tudo na cidade estava bem. Ele sentira saudade, pegara o carro e viera para a praia. Só isso.

Mais tarde, longe das crianças, disse a verdade.

– Me contaram que você tem um namorado.

A mulher deu uma gargalhada. Mas quem é que tinha contado tamanha bobagem?

– Me contaram – disse ele, vago. E acrescentou: – Um surfista.

– Eu, namorando um surfista?!

A mulher não podia acreditar que ele tinha acreditado numa história daquelas. Logo ela! Ele foi dramático:

– Me preocupo com as crianças.

– Mas isso é uma loucura! Eu, namorando um garoto?

– Eu não falei na idade do surfista – disse ele, como se isto a incriminasse sem apelação. Ela tentou brincar:

– Homem, aqui, só tem garoto, velho ou brigadiano.

Ele não riu. Estava resignado. Talvez merecesse a infidelidade dela. Mas se preocupava com as crianças. Ela o abraçou. Mas o que era aquilo? Depois de tantos anos de casado, aquela desconfiança? Nunca tinham desconfiado um do outro. Nunca. Ela o afastou. Disse:

– Isso é coisa da Marjóri, não é? Aposto que é coisa da Marjóri.

Não. Não era coisa da Marjóri. Um telefonema anônimo. Ele se esforçara para não dar importância ao telefonema. Se esforçara para não acreditar. Mas não resistira.

– Me desculpe...

Ela o abraçou de novo, emocionada. Fez ele jurar uma coisa.

– Nunca, mas nunca mais vamos desconfiar um do outro. Promete?

– Prometo.

Abraçaram-se e beijaram-se longamente, até uma das crianças vir mostrar o sapo que achara no banheiro.

– Você dorme aqui, hoje? – perguntou a mulher.

– Não. Tenho um compromisso na cidade amanhã cedo.

Voltou pra Porto Alegre no fim da tarde. Seu compromisso era naquela noite mesmo, e ela se chamava Maitê. Com a história do telefonema anônimo tinha conseguido um habeas-corpus preventivo. Que diabo, pensou, com o mundo neste estado, aquele podia ser o último verão da sua vida. Mas não conseguiu nem encerrar o guarda no pedágio.

CRÔNICA 16

A vida não é uma comédia romântica

Homem e mulher se conhecem numa sala de espera de médico. Ela grávida, ele esperando a mulher, que se consulta com o médico. Ele oferece a *Caras* que estava folheando:

— Quer dar uma olhada?

Ela:

— Acho que essa eu já vi. É nova?

Ele, depois de consultar a data da revista:

— Bom, é deste século...

Os dois riem. E se apaixonam.

* * *

Dessas coisas. Destino, química... Quem explica essas coisas?

Apaixonam-se, pronto. Mas não caem nos braços um do outro.

Mesmo porque a barriga dela, de sete meses, não permitiria.

Ficam apenas se olhando, atônitos com o que aconteceu. Pois junto com

o amor súbito vem a certeza da sua impossibilidade. Como uma ferida fazendo casca em segundos. E como nenhum dos dois é um monstro de frivolidade, e como a vida não é uma comédia romântica, é uma coisa muito séria, e como eles não podem largar tudo e fugir, trocam informações rápidas, para pelo menos ter mais o que lembrar quando lembrarem aquele momento sem nenhum futuro, aquela quase loucura. Sim, é o primeiro filho dela. Menino. E a mulher dele? Está consultando o médico porque a gestação complicou, o parto talvez precise ser prematuro. Também é o primeiro filho deles. Filha. Menina. Que mais? Que mais? Não há tempo para biografias completas. Gostos, endereços, telefones, nada. A mulher dele sai do consultório. Ele tem que ir embora. Dá um jeito de voltar sozinho e perguntar o nome dela. Maria Alice. E o dele? Rogério! Rogério! E sai correndo, para nunca mais se encontrarem.

* * *

Mas se encontram. Três anos depois, na sala de espera de um pediatra.

Ela chega com uma criança no colo. Ele está lendo uma revista. Talvez a mesma *Caras*. Os dois se reconhecem instantaneamente. Ele pega a mãozinha da criança. Pergunta o nome. É João Carlos. Caquinho.

— Ele está com algum...

— Não, não. Consulta normal. Ele é saudável até demais. E a de vocês? O parto, afinal...

— Foi bem, foi bem. Ela está ótima. Chama-se Gabriela. Só veio fazer um checke. Eu não posso ficar lá dentro porque fico nervoso.

E declara que não houve dia em que não pensasse nela, e no que poderia ter sido se tivessem saído juntos daquele consultório, anos atrás, e seguido seus instintos, e feito aquela loucura. E ela confessa que também pensou muito nele e no que poderia ter sido. E ele está prestes a pedir um telefone, um endereço, um sobrenome para procurar no guia, quando a

mulher sai do consultório com a filha deles no colo e ele precisa ir atrás, e só o que consegue é um olhar de despedida, um triste olhar de nunca mais.

* * *

Mas se encontram outra vez. Dois anos depois, na sala de espera de um pronto-socorro. Ele com a mulher, ela com o marido. Ele leva um susto ao vê-la. O que houve? É o Caquinho. O cretino conseguiu prender a língua numa lata de Coca. Ele se emociona. A mulher dele não entende. De onde o marido conhece aquele Caquinho? E aquela mulher? Ela está perguntando se aconteceu alguma coisa com a Gabriela. Não foi nada, Gabriela só bateu com a cabeça na borda da piscina e está levando alguns pontos. E nem a mulher dele nem o marido dela entendem por que, ao chegar a notícia de que o Caquinho só ficará com a língua um pouco inchada, os dois se abraçam daquela maneira, tão comovidos.

Depois, em casa, ele se explica:

— Solidariedade humana, pô.

* * *

A história não precisa terminar aí. Rogério e Maria Alice podem continuar se encontrando, de tempos em tempos, em salas de espera (dentistas, traumatologistas, psicólogos especializados em problemas de adolescentes etc), até um dia ela sair do quarto de hospital onde está o Caquinho, que teve um acidente de ultraleve, e avistá-lo na sala de espera da maternidade, e perguntar:

— A Gabriela está tendo bebê?

E ele fazer que sim com a cabeça, com cara de para onde foram as nossas vidas?

CRÔNICA 17

A mulher do vizinho

Sérgio abriu a porta e era a mulher do vizinho. A fantástica mulher do vizinho. A fantástica mulher do vizinho dizendo “Oi”. A fantástica mulher do vizinho perguntando, depois do “Oi”, se podia pegar uma toalha que tinha voado da sacada deles — “Sabe, o vento” — para a sacada dele.

— Entre, entre — disse o Sérgio, checando rapidamente, com a mão, se sua braguilha não estava aberta. Morava sozinho, às vezes se descuidava destas coisas.

Ela começou a entrar, mas parou. Ficou como que paralisada, só os olhos se mexendo. Os grandes olhos verdes e arregalados indo de um lado para o outro.

— Ih — disse a mulher do vizinho. — Surtei.

— Que foi? — perguntou Sérgio, já pensando em como socorrê-la (“Vamos ter que desamarrar esse bustiê”), já pensando em ambulância, hospital, confusão, mal-entendido com o vizinho...

Mas ela explicou:

— O seu apartamento é exatamente o oposto do nosso. Preciso me acostumar...

Ela entrou devagarinho. Como se, além de ser o avesso do seu, o apartamento de Sérgio pudesse conter outras surpresas. O chão podia estar no teto e o teto no chão.

— Que coisa! — disse a mulher do vizinho, passando por Sérgio e parando no meio da sala.

Exatamente o que Sérgio tinha pensado ao ver que sobrava um pouco de nádega onde acabava o shortinho da mulher do vizinho. No caso, que coisas!

— Você quer sentar?

— Como?

— Até se orientar...

Ela sentou-se, ainda maravilhada.

— Nossa televisão também fica ali, só que ao contrário!

Ele tentou acalmá-la.

— Você quer um copo d'água?

— Você é solteiro?

— Sou.

— Meu marido é casado. Aliás, comigo. Viu só?

— O quê?

— É tudo ao contrário!

— É. Eu...

— Palmeiras ou Corinthians?

— Corinthians.

— Ele é Palmeiras!

— Puxa.

— Destro ou canhoto?

— Destro.

— Meu marido é canhoto!

— E você?

— Eu o quê?

— Palmeiras ou Corinthians? Destra ou canhota?

Ela tinha se levantado e estava andando pela sala.

Cuidadosamente, até se acostumar com tudo ao contrário.

Disse:

— Não dou muita importância para essas coisas.

* * *

Foi nesse momento que Sérgio se apaixonou pela mulher do vizinho.

Os grandes olhos verdes tinham ajudado, claro. Os nacos de nádega sobrando do shortinho também. As coxas longas, sem dúvida. O “erre” meio carregado (ela dissera “Palmeirrras” e “Corrinthians”, em alemão) contribuía. Mas Sérgio se apaixonou pela mulher do vizinho quando ela declarou que não dava muita importância para essas coisas, times de futebol, ser destro ou ser canhoto... Ficou esperando que ela dissesse “Isso é coisa de homem” para se atirar aos seus pés e beijá-los, mas ela não disse. Ela conseguiu chegar até a sacada, apesar de desorientada, e apanhar a toalha. Mas quando se virou para reentrar na sala, ficou paralisada outra vez. Ficou em pânico.

— Ai, meu Deus.

— O que foi?

— A porta da rua. Onde fica a porta da rua?

— É aquela ali.

— Ai, meu Deus. Eu não consigo me orientar.

— Pense no meu apartamento como o seu apartamento visto no espelho. A esquerda fica na direita e a direita...

— Por favor: esquerda e direita não, senão complica ainda mais!

Ele foi buscá-la. Ele foi salvá-la da sua confusão. Ele enlaçou sua cintura com um braço, segurou a sua mão e começou a acompanhá-la até a porta, como se dançassem um minueto. Pensou em dizer que também estava desorientado (o amor, o amor) e levá-la para o seu quarto, para a sua cama. Imaginou-se tendo dificuldade para desamarrar o bustiê, os dois chegando à conclusão de que no apartamento dele o bustiê deveria ser desamarrado ao contrário, depois desistindo de desamarrar o bustiê e se amando. O bustiê arrancado. O shortinho arrancado. E a mulher do vizinho, como se não bastassem o “erre” um pouco carregado e tudo mais, revelando que não usava calcinha. E dizendo que ele era tudo que o vizinho não era. Que ele era o oposto do vizinho em tudo. Em tudo!

* * *

Mas chegaram, não ao orgasmo simultâneo (“Com ele isto nunca aconteceu, com ele é o contrário!”), mas à porta. Ela agradeceu, se despediu e já ia saindo, levando a sua toalha, e todas as esperanças do Sérgio, quando se virou, deu outra passada de grandes olhos verdes pelo apartamento, e disse:

— Preciso voltar aqui.

— Para se acostumar — disse Sérgio.

— É — disse ela.

E sorriu.

Ainda por cima, ela sorria!

CRÔNICA 18**Estranhando o André**

Leila aceitou a carona do André. Estava com sono, queria ir para casa e quando o André disse que a festa estava boa, mas precisava ir embora e perguntou se alguém aceitava uma carona, hesitou só por dois segundos. Sabia, por experiência própria, o que significaria ficar sozinha com o André. Uma vez tivera que recorrer à força física para contê-lo, e mesmo com o nariz sangrando o André insistira. "Pô, Leilinha, só um beijinho." Outra vez ela até ameaçara pular do carro em movimento se ele não parasse com aquela mão. Mas Leila aceitou a carona. Afinal, sabia se defender. Se aprendera alguma coisa nos anos de convivência com o inconsequente André, era a resistir aos seus avanços. Resistira ao André lamuriento. Resistira ao André infantil, pedindo como uma criança. Resistira ao André cantando boleros no seu ouvido. Resistira ao André se fazendo de louco apaixonado. Dez anos de avanços repelidos. Tinha prática.

Já estavam rodando uns quinze minutos em silêncio quando a Leila falou.

— Tou te estranhando, André.

— Por quê?

— Estamos neste carro há meia hora e você ainda não me deu uma cantada.

— Pois é.

“Pois é”?! O que queria dizer “Pois é”? E aquele tom sombrio?

— Sou eu, é? Eu não sou mais cantável?

— Não. Quié isso. Você continua linda. É que, sei lá. Desisti.

— Ainda bem. Porque você sabe que era um chato, não sabe?

— Sei, sei.

Ela examinou seu rosto. Perguntou:

— Você está com algum problema de saúde?

— Não, não.

— O que é então?

— É tudo, entende? Tudo. Desisti de tudo.

* * *

Não dava para acreditar. O André deprimido. Ela bem que notara que ele não parecia o mesmo, na festa. Não repetira as brincadeiras sem graça de sempre. “Atenção pessoal: concurso de peitos — mas só dos homens!” Não provocara os protestos de sempre agarrando a bunda das mulheres com quem dançava e explicando que ainda era do tempo do *cheek-to-cheek*. E agora ali, sério daquele jeito. Grave. Não dava para acreditar, o André grave.

— O que foi? Uma desilusão amorosa?

— Não.

— Eu nunca topei as suas cantadas porque sabia que não era coisa séria. Foi para proteger a nossa amizade.

— Eu sei. A culpa não é sua.
 — O que é, então?
 — Desencanto. Sabe como é? Comigo mesmo. Com a humanidade em geral. Com tudo.

* * *

Tinham chegado ao edifício em que morava a Leila.

— Você quer subir pra conversar?
 — Não. Obrigado, Leila. Não estou a fim.
 — Só pra tomar alguma coisa. Desabafar.
 — Não, não. Obrigado. Vou pra casa dormir.

Era como se ela estivesse falando com outro homem. O André em crise existencial ficara, o quê? Mais denso. Mais interessante. Leila perguntou:

— E se a gente fosse para um motel?
 Ele sorriu tristemente.
 — Não, Leila. Não precisa.
 — Como, “Não precisa”? Eu não estou sendo caridosa. Eu quero

dormir com você.

— No estado em que eu ando, seria um fracasso. Para mim não seria uma transa, seria uma forma de psicoterapia heteroempática. Você não merece isso, Leilinha.

Não dava para acreditar, o André dizendo “psicoterapia heteroempática”. Leila ficou ainda mais excitada. Ordenou:

— Vamos para um motel!

* * *

No motel, ela tomou a iniciativa. Aquela não seria uma relação inconsequente. Seria uma relação complicada. Seria uma relação muito, muito complicada. Pensou Leila, arrancando as calças do André.

CRÔNICA 19**O náufrago**

Um náufrago é resgatado de uma ilha deserta. Não consegue dizer quanto tempo passou na ilha. Perdeu a noção do tempo. Pelo seu aspecto ao ser encontrado — a barba quase no umbigo, as roupas reduzidas a fiapos, a pele curtida pelo sol e o sal —, foram muitos anos. Mas quantos? Ele não se lembra do naufrágio. Não se lembra do nome do navio, do tipo do navio, do que fazia a bordo... Não se lembra nem de onde é.

— Que língua eu estou falando?

— Inglês. Mas com sotaque.

— Sotaque de onde?

— É difícil dizer...

— Estranho. Não me ocorre nenhuma outra língua além do inglês, embora eu sinta que não é a minha língua materna. Talvez seja por causa de Pamela...

— Pamela?

— A mulher que eu fiz, de arcia.

— Você fez uma mulher de areia?

— Você não sabe o que é a solidão numa ilha deserta.

* * *

Ele precisava de companhia humana. No princípio, só precisava de sexo. Fizera um buraco na areia. Mas, com o tempo, sentira que precisava de mais do que apenas um buraco. Construiu um corpo de mulher em torno do buraco. Seios, grandes seios. Quadris, uma cintura delgada, coxas longas. Sempre gostara de coxas longas. Mas logo sentira que ainda faltava algo. E fizera uma cabeça para sua mulher de areia. Um rosto, com feições, nariz, boca. Um rosto bonito, cuidadosamente esculpido, e que ele retocava constantemente, consertando os estragos feitos pelos caranguejos e o vento. O rosto de uma mulher satisfeita. O rosto de uma mulher que o amava, que mal podia esperar pelas noites de paixão sob as estrelas, com ele. Mas...

— Mas o quê?

— O corpo desmentia o rosto. O corpo era estático e sem vida. Não se mexia, não acompanhava o meu ardor, permanecia ausente e frio. O corpo negava o brilho faiscante das conchas azuis que eram os olhos de Pamela.

* * *

— Por que "Pamela"?

— Porque decidi que, fria daquela jeito, só podia ser inglesa. Eu tinha feito uma inglesa! Deve ser por isso que conservei o meu inglês. Era a língua com a qual eu fazia declarações de amor a Pamela e tentava despertar no seu corpo a calidez que o rosto prometia. Ela não reagia. Ela não me respondia. Ficava muda e distante. Também não respondeu quando eu comecei a gritar com ela, e a xingá-la, e acusá-la.

— Acusá-la de quê?

— De me trair. Pamela estava me enganando.

— A mulher de areia estava enganando você?

— Estava!

— Com quem?

— Não tenho a menor ideia. Eu só não tinha dúvida de que, com o outro, ou com os outros, ela se mexia. Uma loucura, eu sei. Mas eu tinha pedido aquilo. Eu tinha criado o meu próprio tormento. Não se tem companhia humana impunemente. Onde há um outro, há confusão, há conflito, há desgosto. E há traição.

— O que você fez?

— Um dia, destruí a Pamela a pontapés. Só deixei o buraco no chão. Mas no dia seguinte a reconstruí, os grandes seios, as longas coxas, pedindo perdão, jurando que aquilo nunca mais aconteceria. E no dia seguinte a destruí a pontapés outra vez.

— Grego.

— Hein?

— O seu sotaque. Pode ser grego.

— Hmmm. Grego. É possível. Me sinto muito antigo.

— Qual é a última lembrança que você tem do mundo, antes de naufragar?

— Deixa ver... Rita Pavone. Não tinha uma Rita Pavone?

Decidiram não contar nada ao náufrago sobre o 11/9 e a Rita Pavone até ele estar completamente recuperado. E o resgataram, apesar da sua insistência em levar o buraco junto.

CRÔNICA 20

Convenções

A classe média é uma terra estranha.

A Mirtes não se agüentou e contou para a Lurdes:

– Viram teu marido entrando num motel.

A Lurdes abriu a boca e arregalou os olhos. Ficou assim, uma estátua do espanto, durante um minuto, um minuto e meio. Depois pediu detalhes. Quando? Onde? Com quem?

– Ontem. No Discretissimu's.

– Com quem? Com quem?

– Isso eu não sei.

– Mas como? Era alta? Magra? Loira? Puxava de uma perna?

– Não sei, Lu.

– O Carlos Alberto me paga. Ah, me paga.

Quando o Carlos Alberto chegou em casa a Lurdes anunciou que iria deixá-lo. E contou por quê.

– Mas que história é essa, Lurdes? Você sabe quem era a mulher que estava comigo no motel. Era você.

– Pois é. Maldita hora em que eu aceitei ir. Discretissimu's! Toda a cidade ficou sabendo. Ainda bem que não me identificaram.

– Pois então?

– Pois então que eu tenho que deixar você. Não vê? É o que todas as minhas amigas esperam que eu faça. Não sou mulher de ser enganada pelo marido e não reagir.

– Mas você não foi enganada. Quem estava comigo era você!

– Mas elas não sabem disso!

– Eu não acredito, Lurdes. Você vai desmanchar nosso casamento por isso? Por uma convenção?

Mais tarde, quando a Lurdes estava saindo de casa, com as malas, o Carlos Alberto a interceptou. Estava sombrio.

– Acabo de receber um telefonema – disse. – Era o Dico.

– O que ele queria?

– Fez mil rodeios, mas acabou me contando. Disse que, como meu amigo, tinha que contar.

– O quê?

– Você foi vista saindo do motel Discretissimu's ontem, com um homem.

– O homem era você.

– Eu sei, mas eu não fui identificado.

– Você não disse que era você?

– O quê? Para que os meus amigos pensem que eu vou a motel com a minha própria mulher?

– E então?

– Desculpe, Lurdes, mas...

– O quê?

– Vou ter que te dar um tiro.

O Dado, dezesseis anos, informou ao Caco, quinze, e ao Marcelinho, quatorze: "É hoje". Os pais dele iam passar o fim de semana fora. A casa estaria livre. As condições eram perfeitas. 'Oba!', disse o Caco esfregando as mãos. O Marcelinho ficou mudo.

Já tinham escolhido o anúncio: "Samantha – Massagem para executivos. Atende a domicílio". O Dado telefonou. Afinal, era o dono da casa. Enquanto o Dado telefonava, o Marcelinho falou paa o Caco:

– Será que não vai dar galho?

– Que galho pode dar?

O Dado desligou o telefone.

– Ela vem! Às 10.

– Como era a voz dela? Como era a voz? – quis saber o Caco.

– Tipo Maria Zilda.

– Ai.

.. – Ela não desconfiou? – perguntou o Marcelinho.

– Do quê?

– De que nós não somos executivos?

O Dado e o Caco deram uma gargalhada e foram investigar o estoque de bebidas da casa. O Marcelinho anunciou: “Vou dar um pulo até em casa”. E saiu correndo pela porta.

– Rá! – disse o Dado. – Esse não volta mais.

– Eu sabia. Estava todo nervosão.

Às 5 para as 10 a campainha da porta tocou.

– É ela!

Mas não era a Samantha. Era o Marcelinho. De terno e gravata.

– Pra que isso?

– Sei lá. Por via das dúvidas.

E ficou sentado numa poltrona, muito sério, esperando a Samantha.

CRÔNICA 21

Trapezista

Querida, eu juro que não era eu. Que coisa ridícula! Se você estivesse aqui – Alô? Alô? – olha, se você estivesse aqui ia ver a minha cara, inocente como o Diabo. O quê? Mas como ironia? “Como o Diabo” é força de expressão, que diabo. Você acha que eu ia brincar numa hora desta? Alô! Eu juro, pelo que há de mais sagrado, pelo túmulo da minha mãe, pela nossa conta no banco, pela cabeça dos nossos filhos, que não era eu naquela foto de carnaval no “Cascalho” que saiu na *Folha da Manhã*. O quê? Alô! Alô! Como é que eu sei qual é a foto? Mas você não acaba de dizer... Ah, você não chegou a dizer. . . Ah, você não chegou a dizer qual era o jornal. Bom, bem. Você não vai acreditar, mas acontece que eu também vi a foto. Não desliga! Eu também vi a foto e tive a mesma reação. Que sujeito parecido comigo, pensei. Podia ser gêmeo. Agora, querida, nunca, em nenhum momento, está ouvindo? Em nenhum momento me passou pela cabeça a idéia de que você fosse pensar – querida, eu estou até começando a achar graça – que você fosse pensar que aquele era eu. Por amor de Deus. Pra começo de conversa, você pode me imaginar de pareô vermelho e colar havaiano, pulando no “Cascalho” com uma bandida em cada braço? Não, faça-me o favor. E a cara das bandidas! Francamente, já que você não confia na minha fidelidade, que confiasse no meu bom gosto, poxa! O quê? Querida, eu não disse “pareô vermelho”. Tenho a mais absoluta, a mais tranqüila, a mais inabalável certeza que eu disse apenas “pareô”. Como é que eu podia saber que era vermelho se a fotografia não era em cores, certo?

Alô? Alô? Não desliga! Não... Olha, se você desligar está tudo acabado. Tudo acabado. Você não precisa nem voltar da praia. Fica aí com as crianças e funda uma colônia de pescadores. Não, estou falando sério. Perdi a paciência. Afinal, se você não confia em mim não adianta nada a gente continuar. Um casamento deve se... se... como é mesmo a palavra?... se alicerçar na confiança mútua. O casamento é como um número de trapézio, um precisa confiar no outro até de olhos fechados. É isso mesmo. E sabe de outra coisa? Eu não precisava ficar na cidade durante o carnaval. Foi tudo mentira. Eu não tinha trabalho acumulado no escritório coisíssima nenhuma. Eu fiquei sabe para quê? Para testar você. Ficar na cidade foi como dar um salto mortal, sem rede, só para saber se você me pegaria no ar. Um teste do nosso amor. E você falhou. Você me decepcionou. Não vou nem gritar por socorro. Não, não me interrompa. Desculpas não adiantam mais. O próximo som que você ouvir será o do meu corpo se estatelando, com o baque surdo da desilusão, no duro chão da realidade. Alô? Eu disse que o próximo som que... O quê? Você não estava ouvindo nada? Qual foi a última coisa que você ouviu, coração? Pois sim, eu não falei – tenho certeza absoluta que não falei – em “pareô vermelho”. Sei lá que cor era o pareô daquele cretino na foto. Você precisa acreditar em mim, querida. O casamento é como um número de... Sim. Não. Claro. Como? Não. Certo. Quando você voltar pode perguntar para o... Você quer que eu jure? De novo? Pois eu juro. Passei sábado, domingo, segunda e terça no escritório. Não vi carnaval nem pela janela. Só vim em casa tomar um banho e comer um sanduíche e vou logo voltar para lá. Como? Você telefonou para o escritório? Meu bem, é claro que a telefonista não estava trabalhando, não é, bem? Ha, ha, você é demais. Olha, querida? Alô? Sábado eu estou aí. Um beijo nas crianças. Socorro. Eu disse, um beijo.

CRÔNICA 22

Baboseiras

O motoboy entregou o pacote de cartas e disse:

— Ele falou que tinha resposta.

— Espera — disse ela. E pôs-se a examinar as cartas. Procurava uma em especial, que não encontrou. Fez um sinal para o motoboy aguardar enquanto telefonava.

— Alô...

— Amauri, cadê a carta do ursinho?

Era uma das primeiras cartas que ela tinha lhe mandado. Ainda eram namorados. Uma carta toda escrita como se fosse de uma criança para o seu ursinho de pelúcia.

— Eu mandei. Não mandei?

— Não. E se você não mandar a carta do ursinho eu não mando as suas.

— Heleninha...

— Não tem "Heleninha", Amauri. Ou você manda todas as minhas cartas ou eu começo a mostrar as suas. Sou capaz até de publicá-las. Quero ver como fica a sua reputação no meio.

— Eu pensei em guardar pelo menos uma carta sua, Heleninha.

— Logo a mais ridícula? Devolve a minha carta, Amauri. Nosso trato foi esse. Todas as cartas.

— Deixa eu ficar só com esta. É a minha favorita.

— Eu sei o que você está pensando, Amauri. Quer ficar com a carta para me chantagear depois.

— Chantagear, Heleninha?!

— Chantagear. Eu conheço você.

— Heleninha! Eu acho essa carta linda. Uma lembrança do tempo em que a gente se amava.

— Não banca o sentimental comigo, Amauri. Essa carta é só um exemplo das baboseiras que a gente diz e escreve quando acha que o amor nunca vai acabar. Mas o amor acaba e fica a baboseira. Me devolve essa carta, Amauri!

— Heleninha, você lembra como eu chamava você? Na cama?

— Eu não quero ouvir!

— Lembra? Está certo, era baboseira. Mas era bonito. Era carinhoso. Eu era o seu ursinho e você era a minha...

— Amauri, manda essa carta ou eu publico as suas. Já sei exatamente para quem mandar a primeira.

— Está bem, Heleninha. Manda o motoboy de volta.

* * *

Zuneide pensou: não dá mais. Morar nesta cidade, não dá mais. Não vejo mais o Ique, não sei nada da vida dele. E todas as noites é este suplício, nunca sei se ele vai voltar pra casa ou não, se está vivo ou morto. Dizem que morre um motoboy por dia na cidade. Todos os dias uma

mãe perde um filho nesta cidade. Se o Ique ainda fosse procurar outra coisa pra fazer. Mas não. Trata aquela moto como se fosse um bicho de estimação. À noite, a moto fica ao lado da cama dele. Dorme com ele. Vou tentar convencer o Ique a voltar para São Carlos. Respirar outros ares. Antes que ele morra e me deixe.

* * *

— Não dá mais, doutor Amauri. Esta cidade está me deixando maluco. Sabe que no outro dia, quando me dei conta, estava correndo pela calçada e buzinando? A pé, na calçada, e buzinando para os outros pedestres saírem da frente. Bi, bi, bi. Olha que loucura.

— Você acha que isso pode ter alguma coisa a ver com os problemas em casa? Com a Mercedes?

— Não sei. Nosso amor acabou, doutor. Não tem mais sexo, não tem mais nada. Na outra noite eu chamei ela por um apelido que a gente usava quando era recém-casado, eu era Pimpão e ela era Pimpinha, e ela deu uma gargalhada. Não se lembrava mais. E ela também está enlouquecendo, doutor. Agora deu para dizer que se eu não comprar uma TV digital ela se mata. Vou dizer para ela vir consultar com o senhor tam...

Tocou o telefone e Amauri pediu licença para atender.

— Alô? Sim, Helena. Não chegou? Eu mandei pelo motoboy perto do meio-dia. Mandei, Helena. Por que eu iria mentir? Deve ter acontecido alguma coisa com o motoboy.

* * *

Só em casa, depois de deixar o Ique no hospital, Zuneide descobriu a carta no bolso do blusão do filho. Uma carta carinhosa, que começava

assim: “Querido Ursinho.” Ele tinha uma namorada e ela não sabia! O nome dela era Heleninha. Uma boa menina, ingênua, pura, que obviamente o amava muito, a julgar pela carta. Preciso encontrar um jeito de avisá-la de que o Ique teve um acidente, pensou Zuleide. Será uma maneira de conhecê-la, também. De conversarmos, de combinarmos a ida deles para São Carlos, para outros ares, depois do casamento. Zuneide leu e releu a carta várias vezes. Que coisa bonita. Que coisa carinhosa. No dia seguinte ela diria ao Ique que ainda não conhecia a Heleninha, mas já gostava dela.

* * *

— Amauri, você pediu. Vou começar a distribuir as suas cartas.

— Heleninha...

— Você mentiu. O tal motoboy não apareceu com a minha carta.

— Heleninha...

— Prepare-se para o pior, Amauri.

CRÔNICA 23

O amor acaba

— “O amor às vezes acaba na mesma música que começou, com o mesmo drinque, diante dos mesmos cisnes.”

— O que é isso?

— Paulo Mendes Campos.

— Paulo Mendes Campos?!

— Estou relendo. Eu nunca mais tinha lido esta crônica. “O amor acaba”. Uma vez nós lemos juntos, você se lembra?

— Não.

— Faz tempo.

— Você e eu lendo uma crônica juntos é difícil de acreditar.

— Eu sei. Não fazemos mais nada que fazíamos juntos. Mas eu, pelo menos, me lembro.

— Só você, mesmo, pra desenterrar esse livro velho.

— Foi você que me deu.

— Eu?!

— Olha a dedicatória. “Amor eterno”. .

— Meu Deus. “Amor eterno”?!

— Uma coisa que existia antigamente.

— Ih, lá vem drama...

— “Diante dos mesmos cisnes...” O que seriam os cisnes, no nosso caso? Que eu me lembre, começamos a namorar numa reunião dançante e eu pedi você em casamento numa fila de cinema. Não havia nenhum cisne por perto.

— Aposto que você se lembra até do filme.

— Era, era...

— Eu não acredito. Você vive no passado. Na outra noite, foi o único do grupo que se lembrava de toda a letra de “Marcianita”.

— Sabe o que o Ernestão me contou? Olha que história triste. Ninguém entendia por que ele e a Vanda nunca tinham se separado. Não podia ser para manter as aparências. Todo mundo sabia que o casamento deles era um fracasso, nem um nem outro escondiam isso. Os filhos já tinham saído de casa, já eram adultos, a separação não os afetaria. Os amigos do casal não se surpreenderiam com um divórcio, era óbvio que o amor entre eles tinha acabado havia muito tempo. Era até bom que se separassem, para nos poupar dos seus constantes bate-bocas na nossa frente. Você mesmo dizia que não entendia como eles ainda se aturavam, vivendo na mesma casa e se odiando daquele jeito. A gente até especulava: uns achavam que era ela que não dava o divórcio, para infernizar a vida dele, outros achavam que era o contrário. Finalmente se separaram, e ontem o Ernestão me contou por que tinha demorado tanto, e o que o levou a concordar com o divórcio. Foi uma descoberta que ele fez.

— Que descoberta?

— Uma coisa banal. Uma coisa que existe há anos, mas ele não sabia.

— O quê?

— O cortador de unha. Entende? Durante anos, mesmo se odiando, a Vanda cortava as unhas dele com tesourinha. Ele precisava dela para cortar as unhas da sua mão direita. Ela talvez usasse a tesourinha como um símbolo do seu domínio sobre ele. Por isso escondera a existência do cortador de unha, com o qual ele poderia cortar suas próprias unhas, inclusive as da mão direita, e que a tornaria obsoleta. A tesourinha era a última coisa que os unia. Não é uma história triste?

— Não, é uma história ridícula.

— Acho que foi por isso que eu procurei esta crônica do Paulo Mendes Campos. O amor acaba com o tempo. O amor acaba com o esquecimento. O amor acaba como começou, mesmo que com outros cisnes. E o amor também acaba entre dois “clics” de uma tesourinha.

— Literatice.

— Olha o fim da crônica: “Em todos os lugares o amor acaba, a qualquer hora o amor acaba, por qualquer motivo o amor acaba, para recomeçar em todos os lugares e a qualquer minuto o amor acaba.”

— Me poupe.

CRÔNICA 24

Café-com-leite

A vida cotidiana num país ocupado não será muito diferente da normal. Os atos de resistência e heroísmo ficarão conhecidos mais tarde, não raro glorificados pela perspectiva do tempo. Hoje não passarão de notícias críticas nos jornais, um tiroteio ouvido à noite e nunca explicado, uma correria na rua, um comunicado do comando tranquilizando a população e alertando contra os heróis. E a população dormirá sem remorso e acordará sem culpa para o seu café-com-leite. A isso não se chamará de covardia, nem de omissão, nem mesmo de indiferença. O fato político — e a ocupação de um país por outro não passa de um fato político — terá o significado que lhe for dado pelas coordenadas da história. Não exige nem depende de uma aferição moral constante, diária, sem a qual não se dorme nem se come. Para o café-com-leite basta o café e o leite, a própria ideologia do leiteiro já pertence a outra esfera de existência, sujeita a outras coordenadas.

Na França ocupada pelos nazistas a resistência forjou uma confraria intelectual e política que por muitos anos depois da libertação sobreviveu — inclusive na sua justa autocelebração — como a consciência moral, a absolvição, de uma nação espezinhada. Do outro lado, outra minoria, a dos colaboracionistas. O grosso da população não tinha convicções ideológicas a serem afiadas na atrição fornecida pela opressão nazista nem se viu em posição de colaborar com o inimigo. Sofreu as privações da guerra, como todo o mundo sofreu. Não perdeu a cabeça durante a ocupação nem o cabelo na hora da represália. No momento em que voltou a ter voz na escolha dos seus governantes, optou pelo café-com-leite de cada dia. O fato político da ocupação foi modificado pelo fato político da liberação e os anos de heroísmo da resistência contribuíram muito pouco para esse desenlace. Mas serviram — como serve toda a ação radical sem acesso possível ao poder — para dar vida e consequência àquelas abstrações que a política institucionalizada homenageia e ao mesmo tempo esteriliza com palavras. A política institucionalizada vive do possível e se nutre do compromisso. A resistência propõe uma alternativa ao compromisso em termos absolutos, éticos, irrealistas. Mas a absolvição histórica, o exemplo que fica, está na

alternativa. Foram muitas as considerações práticas que levaram a França a abandonar a sua própria invasão opressora, na África do Norte, por exemplo, e o barulho feito pela sua esquerda, pelos herdeiros da resistência, terá influído muito pouco na decisão. Mas é a condenação moral da política colonialista e seus argumentos éticos em favor da liberação da Argélia que ficarão nos livros de história.

Está claro que este artigo — escrito, por necessidade, com meias palavras — não trata da França. É uma apologia do café-com-leite. Feita para que, quando chegar a hora de se escrever a história destes dias, haja justiça na repartição da culpa, e que ninguém seja tosquiado apenas por não ter compreendido a hora, ou sabido identificar o inimigo. É tudo muito confuso.

26/06/1968

- No dia 26/06/1968 realizou-se a Passeata dos Cem Mil na Cinelândia, Rio de Janeiro. (N. do E.)

CRÔNICA 25

Absurdo por absurdo

Eu ia começar a falar em futebol e de repente me dei conta que três homens estão a caminho da Lua e que a pior homenagem que se pode prestar, tanto à coragem das cobaias quanto à nossa própria sensibilidade, é deixar que essas experiências se transformem em rotina. Acho que se deve proteger o mérito dos meios do absurdo do fim.

A crítica mais comum que se faz aos vôos espaciais norte-americanos — por que não usar todo esse dinheiro numa tentativa de solucionar os problemas sociais mais agudos, lá deles? — é pouco realista. Em primeiro lugar, não existe precedente para justificar a esperança de que os recursos economizados com uma limitação das pesquisas espaciais ou, já que se está falando de coisas inúteis, com o fim da guerra no Vietnam, seriam automaticamente transferidos para programas domésticos de combate à fome e à pobreza. Segundo, os vôos são inúteis apenas no sentido em que qualquer pesquisa científica sem aplicação prática imediatamente mensurável é inútil. Na medida em que dramatiza — em termos universais, épicos, mesmo românticos — a sempre renovada aventura do homem tentando romper os limites do seu mundo, cada vôo representa um passo adiante na muito útil tarefa de integração da espécie. Isso, dito assim nesse tom de Chardin de fim de linha, pode parecer um simplismo exagerado, e certamente não é a principal preocupação dos responsáveis pela Nasa, mas deve ser a primeira preocupação de quem pretende situar e dar sentido aos fatos, como este que aqui chuta.

Existe uma terceira razão para defender, mesmo que seja soqueando com mão mole, os vôos tripulados da Nasa. De todos os lançamentos feitos nos

Estados Unidos a partir de 1958, mais de dois terços foram de satélites com fins especificamente militares. O Departamento de Defesa norte-americano tem um orçamento próprio — e quase inteiramente secreto — para conservar bem fornido o seu lado da balança de terror que mantém com a União Soviética. Hoje existem satélites militares capazes de fotografar a careca de um russo andando nas ruas de Moscou, de diagnosticar se a próxima safra de arroz na China vai ser boa ou má, de detectar e delatar qualquer prova nuclear ou teste com foguete realizado em qualquer ponto da Rússia ou da China. É claro que os soviéticos não ficam atrás nessa corrida sinistra, e que seus espões infestam os céus do inimigo com a mesma sem-cerimônia. Aí está, portanto, a aplicação prática, útil, mensurável da pesquisa espacial. E está explicado porque devemos torcer sempre pelo mocinho, norte-americano ou não, em vez de condenar o custo da sua aventura. Não existe, nos Estados Unidos, uma competição aberta entre a Nasa e os militares, mas ninguém duvida que qualquer medida de economia atingiria primeiro a agência civil em favor do Departamento de Defesa. E iria por água abaixo a esperança de ver a competição espacial substituir a Guerra Fria na luta pela sua e a minha consciência.

Em suma: não há nada que um homem possa fazer no espaço que uma máquina não possa fazer melhor, a não ser morrer. Mas é justamente essa vulnerabilidade, esse risco, que dá sentido à aventura. A morte dos astronautas seria em nome de nada muito importante, de um golpe frustrado de relações públicas em escala cósmica, mas seria um absurdo compreensível e perdoável. E recuperável.

21/05/69

- Em 24/05/69 a nave *Apolo 10* com os cosmonautas Thomas Stafford, Eugene Cernan e John Young chegou a 15 km da Lua, realizando fotos até então inéditas. Em 20 de julho de 1969 a nave *Apolo 11* pousou na Lua com os cosmonautas Neil Armstrong e Edwin Aldrin. (N. do E.)

CRÔNICA 26

Consciência

Quem tem acesso a publicações estrangeiras sabe que as pessoas ou organizações empenhadas em desprestigiar o atual regime brasileiro no exterior agem com uma diligência a toda prova. Quando o assunto é tortura de presos políticos, então, os safados se esmeram. Dão nomes, datas, detalhes, tudo com uma verossimilhança espantosa. Há pouco, o *New York Review of Books* — bissemanário liberal com grande circulação entre os intelectuais de esquerda norte-americanos — dedicou quase duas páginas ao assunto. Revistas como *L'Express*, a *Newsweek* e a *Observer* de Londres também vêm

dando crédito à campanha. O público da *New York Review of Books* é sabidamente propenso a julgamentos éticos precipitados e àquela desmesurada ansiedade pela integridade dos ovos em vez de pelo proveito do omelete — aquele preciosismo moral a que tantos dão o nome de consciência — que faz do intelectual liberal o alvo preferencial de toda a moderna ação política absolutista. São uns chatos. O tipo de gente que, mesmo se morasse aqui, ao alcance dos desmentidos e das justificativas oficiais e da criteriosa cobertura que nossos jornais dão a boatos envolvendo prisioneiros políticos, manter-se-iam céticos irrecuperáveis para a razão. Aqui, por exemplo, veriam como a revista *Veja*, tendo iniciado uma pesquisa a fundo sobre o problema da tortura, teve de parar, repentinamente, por absoluta falta de assunto. E mesmo assim não se convenceram.

Escrevi ontem, com mais ironia do que hoje, que não compreendia a preocupação de tantos com a nossa falsa imagem no exterior. É um mau cozinheiro o que se vê compelido a explicar cada ovo que sacrifica. O regime grego — que nada tem em comum com o nosso, a não ser no pouco prestígio internacional de que goza — aceitou sua recente expulsão do Conselho Europeu com empáfia exemplar. Mas no caso de torturas, as explicações se impõem. Os leitores da *Newsweek*, pelo menos, receberiam quaisquer esclarecimentos oficiais do governo brasileiro com a maior boa vontade. E acho que estaria na hora de combater os boatos com fatos e provas. Para que nossa reputação não continue dependente do "ouvi dizer" dos inimigos — ou mesmo dos amigos, como o cônsul Curtis Cutter, que antes de partir daqui teve várias conversas extra-oficiais com pessoas bem informadas e prepara um relatório sobre o problema para o governo de Washington.

11/06/70

CRÔNICA 27

Dois que se prezam

O ministro da Justiça declarou que "os escritores que se prezam" não precisam temer a censura, pois a sua obra é — palavra do sr. Buzaid — "sã". Está claro que é por se prezarem que esses escritores se recusam a ser classificados, pelo ministro ou pela delegacia de polícia mais próxima, de acordo com uma arbitrária graduação de salubridade, como leite em pó. "Moral" e "bons costumes" são abstrações imensuráveis e inconstantes. Em política, por exemplo, o que ontem era execrável hoje é rotina. O que é "são" para o sr. Buzaid pode não ser para você ou para mim. O que escandaliza o delegado de polícia pode dar ataques de riso no seu vizinho. Isso,

é claro, partindo-se do princípio um pouco ingênuo de que o censor só vai mesmo se preocupar em catar palavão e cenas de esse, e, xis, o. Já que um denominador comum em matéria de moral nacional é impossível, escolheram a saída mais fácil. A que acrescenta o insulto à injúria. Escolheram o denominador mais baixo.

Tenho evitado envolver minha família nesta coluna, por um escrúpulo elementar e por uma aversão congênita a qualquer sugestão de cabotinismo. Não tem sido fácil, por exemplo, deixar de explorar aqui os ditos e feitos das minhas filhas, Fernanda e Mariana, duas humoristas de alto nível. Mas tudo que está escrito aí em cima é preâmbulo para um registro que me achei na obrigação de fazer. Meu pai e Jorge Amado — dois escritores que se prezam, e mutuamente mantêm uma correspondência frouxa mas persistente há vários anos. E são amigos desde o tempo em que, fugindo da polícia, Jorge se asilou em nossa casa, lá por volta de 39 ou 40. A correspondência e a amizade têm sobrevivido a alguns desentendimentos, todos de ordem política, e passageiros. Quando estourou esse negócio de censura prévia, o velho escreveu ao Jorge, contando a sua posição. Há poucos dias chegou a resposta, junto com alguns recortes de jornais baianos contendo declarações dos dois e a autorização de Amado para que as suas fossem reproduzidas na Imprensa daqui.

Para os jornais, Jorge disse que "o decreto que estabelece a censura prévia para livros e publicações é simplesmente monstruoso. Profundamente lesivo à cultura nacional, ele coloca o ato de criação literária sob a batuta da polícia. Chega a ser incrível de tão agressivo à vida intelectual. Não creio que exista um só escritor que não proteste contra tal decreto. Quem ficar calado, não merece o título de escritor".

Na carta, complementa: "Evidentemente, não sujeitarei livro meu à censura. Prefiro deixar de publicar no Brasil. Estamos os dois de acordo".

A carta termina assim: "A casa vos espera. Temos flores e cigarras. E velhos corações amigos. Um abraço afetuoso do amigo de sempre, Jorge".

11/03/70

CRÔNICA 28

O Estado passional

A única justificativa racional — e ainda assim discutível — para a pena de morte seria seu valor dissuasório. Afastada toda possibilidade de erro judiciário, esgotadas as instâncias de clemência do Estado, recorrer-se-ia assim à pena capital como um exemplo preventivo, o sacrifício de um criminoso para sustar a mão de outro. Está provado, no entanto — estatisticamente, irrefutavelmente —, que nem esse sombrio pragmatismo serve para legitimar o que é, no final das contas, um ato de selvageria institucionalizada. Pelo contrário: as execuções exacerbam o clima de violência, quando não emprestam uma aura de quase inevitabilidade às soluções extremas. Longe de prevenir o crime, a pena capital simplesmente estabelece uma diferenciação técnica, um legalismo normativo, entre formas oficiais e clandestinas de matar. E chega-se a este sinistro contra-senso: a maneira escolhida para expressar a repugnância de uma sociedade diante do crime de morte é imitar o ato que repugna!

Certamente nada que é, em termos moralmente absolutos, proibido ao indivíduo pode ser permitido ao Estado. Da mesma maneira que nenhum argumento do instinto, nenhum dos vestígios da besta no homem pode ser invocado para absolver a irracionalidade eventual do Estado. O Estado é — deveria ser — uma agência administrativa impessoal, emocionalmente neutra. Claro que não é, e nunca foi. Hoje, a grande maioria de governos

na Terra é dominada por compromissos ideológicos antes de representarem o interesse comum. A idéia do Poder temporal como uma projeção política do domínio moderador da mente sobre o corpo, herdada do racionalismo do século 18, está tão desmoralizada quanto o minueto e a peruca branca. O agravamento da cisão ideológica do nosso mundo só serviu para dar o golpe de graça numa ilusão que definhava desde o século passado, a de que o Estado é o avalista incontestável e desinteressado das leis da Razão que regem o contrato social, a tão acalentada ilusão do "império da Lei" sobre a falibilidade humana. Mas se o Estado moderno é humano na medida em que se identifica francamente com os interesses e temores da classe que o domina, deveria — apesar de tudo — ser mais do que humano na sua resistência à ação passional. Você e eu conseguimos, a custo, recuar dos constantes vislumbres do abismo que nos são proporcionados cada vez que agimos com paixão. Duvido que conseguíssemos manter essa precária sanidade se, de uma hora para outra, o Estado a que pertencemos por obrigações legais começasse a ceder às paixões mais baixas, entre as quais a vingança e a retaliação bíblica são certamente as mais cegas e irracionais. Só podemos nos resignar às obrigações repressivas de que o Estado ideológico se investe — mesmo quando o que passa por ideologia é o anticomunismo visceral —, mas alguma coisa deve ser preservada da ilusão perdida. A Utopia já não serve como projeto político mas deve sobreviver, pelo menos, como um projeto de sanidade individual.

Acho fora de dúvidas que a pena de morte imposta àquele terrorista na Bahia será comutada. O governo tem agido, geralmente, sem paixão na sua guerra contra o terrorismo — ou pelo menos nos lances dessa guerra subterrânea que chegam ao conhecimento público. São incontáveis as absolvições, por tribunais militares, de pessoas indevidamente acusadas de subversão. Mas são as exceções a essa impressão geral que devem nos ocupar. Enquanto a guerra for entre o Estado e os seus contestadores, não podemos fazer mais do que lamentá-la. Quando se transforma num vale-tudo entre duas paixões marginalizadas do senso comum, acho que é hora de espernear. Se mais não seja, para negar a nossa cumplicidade.

22/03/71

- Em 18/03/71 a Justiça Militar condenou à morte Theodomiro Romeiro dos Santos por ter assassinado o sargento da Aeronáutica Walder Xavier de Lima. Posteriormente, o Supremo Tribunal Militar transformou sua pena em prisão perpétua. (N. do E.)

CRÔNICA 29

Edmund Wilson

Edmund Wilson era uma raridade nos Estados Unidos, um autêntico e desavergonhado homem de letras. Os intelectuais norte-americanos sempre tiveram um certo escrúpulo de parecerem homens cultos. Wilson fez uma profissão da cultura. Na biografia autorizada da maioria dos romancistas norte-americanos que ganharam notoriedade nos anos trinta, os anos da primeira grande crise do capitalismo industrial nos Estados Unidos, há um esforço transparente em dar como credenciais a experiência mais imediata

e proletária possível da crise. Os que não foram boxeadores ou vagabundos antes de começarem a escrever foram choferes de caminhão ou lavadores de prato — até um aprendizado jornalístico era inconfessável, pelo que poderia sugerir de sofisticação literária — e para todos “cultura” era sinônimo de uma sensibilidade inadequada à experiência urbana do novo mundo, quando não de afetação e bichice. (Hemingway dedicou a vida a convencer os outros do seu machismo. Nelson Algren até hoje gosta de ser fotografado fumando charuto e jogando pôquer com seus amigos marginais.) Wilson, por sua vez, pulou de Princeton, uma das mais aristocráticas universidades da aristocrática Nova Inglaterra, diretamente para o mundo enclausurado das pequenas revistas de crítica e do *establishment* acadêmico, com freqüentes *tours* pelas ruínas da alta cultura européia. Jamais lavou um prato na vida. Mas, paradoxalmente, foi o primeiro crítico do seu país a situar as raízes da nova literatura americana na crise social do seu tempo.

Wilson compreendeu que os romancistas dos anos trinta procuravam transformar a violenta experiência da América num fato novo também da imaginação, enquanto a cultura européia se exauria tentando conciliar idéias antigas e nova realidade. O paradoxo de uma sensibilidade aristocrática revelando aos revolucionários a sua própria revolução, como Wilson fez com seus contemporâneos norte-americanos, se explica. Não era a cultura clássica da Europa que informava a sua perspicácia e sim sua filha bastarda, a tradição herética que frutificara na revisão marxista. Mas assim como Wilson explicava mas não imitava o estilo proletário dos seus contemporâneos (segundo o crítico George Steiner, Wilson escrevia a prosa mais elegante da América), também nunca foi um catequizador marxista. A percepção política era apenas um componente a mais da sua erudição.

Wilson limitou sua prosa elegante quase que exclusivamente ao ensaio e à crítica. Sua obra de ficção mais conhecida — *Memories of Hecate Country* — deve sua fama mais ao escândalo do que à qualidade literária: foi proibida em vários Estados da América devido às suas descrições eróticas — explícitas para a época, tímidas hoje em dia. Nos seus últimos anos, Wilson se notabilizou pela excentricidade. Andou envolvido com o governo por ter se negado a pagar seu Imposto de Renda, alegando que não tinha direito a nenhuma opinião sobre como o seu tributo seria usado, e portanto o reservava para seu próprio uso. Um de seus últimos livros publicados é uma elegia à velha casa senhorial na qual se refugiara da violência americana que tanto excitara sua imaginação na prosa dos outros, mas que agora só ofendia a sua sensibilidade aristocrática. Um velho e paradoxal homem de letras.

16/06/72

- Edmund Wilson (1895-1972). Escritor, jornalista e crítico literário, autor, entre outros livros, de *Rumo à estação Finlândia*. (N. do E.)

CRÔNICA 30

Plataforma

Ouvi dizer — aqui na Cinelândia não se fala noutra coisa — que o meu nome apareceu numa lista de pessoas que seriam convidadas pelo MDB a se candidatar a vereador. Quero deixar bem claro que, se convidado, não aceitarei; se lançado, não concorrerei; se eleito, não tomarei posse, e se empossado, sentarei num canto, emburrado.

No caso de meu sufrágio revelar uma insuspeita fermentação de esperanças naquele segmento da população atualmente marginalizado do processo político brasileiro — a faixa dos 18 aos 90 anos de idade, aproximadamente — serei obrigado a reconsiderar minha posição. Prevendo esta eventualidade, rabisquei, em cima da perna — estragando um ótimo par de calças para sempre —, a minha plataforma eleitoral.

Antes de mais nada, minha atuação será de clara, absoluta e radical oposição ao regime. Me recuso a fazer dieta!

Desde o meu primeiro dia na Câmara, batalharei por uma retirada incondicional do Vietnam.

Não me calarei a respeito de nenhuma das momentosas questões que dividem a opinião pública mundial. Reafirmarei, por exemplo, o ponto de vista que sustento há algum tempo, segundo o qual as Ilhas Malvinas não pertencem nem à Argentina nem à Inglaterra; elas são minhas! Protestarei com veemência contra a reforma ortográfica, que desfigurou a nossa escrita. Como eu gostava do chapeuzinho! Convocarei o chefe da junta grega para explicar os desmandos da sua administração e jurar que não faz mais isto. Proporei uma reconstituição completa do estouro da hidráulica do Menino Deus. Quem começar a suar frio na hora que as águas carregarem casas, carros etc., será culpado.

Lutarei pela liberdade da mulher e da maconha. Quero mulher e maconha de graça para todo mundo. As minorias étnicas e sociais terão o meu apoio. Ninguém ainda se lembrou de defender a causa dos verdadeiros oprimidos na Irlanda do Norte, os muçulmanos bichas. Eu os defenderei. Pedirei um fim imediato para os furacões do Golfo de Bengala, que tanta insatisfação têm causado. Serei intransigente nos ataques ao câncer, ao chope sem pressão e ao imperialismo. Ainda não fixei posição quanto às endemias rurais, mas acho que sou contra. Sou a favor da dublagem de filmes brasileiros, que falados em inglês e com legendas em português se tornariam acessíveis a toda a população. Acho que o Clóvis Stenzel deveria ser proibido.

Reconheço que é uma plataforma revolucionária, mas acho que chegou a hora de as Câmaras Municipais assumirem o seu papel no cenário político nacional. Um papel de alta relevância, de influência e desafio, em vez de ficarem aí incomodando o prefeito. O Poder Executivo está ocupadíssimo, governando o país. Não dispõe de tempo ocioso das Câmaras e das Assembleias para o debate e a exposição, que são — afinal — a razão de ser

dos legislativos. Prometo trazer de volta o debate conseqüente ao convívio dos meus pares. Na minha primeira intervenção em plenário, proporei o seguinte tema para discussão: sendo os anjos entidades imateriais, e portanto ilimitáveis no espaço, será possível determinar quantos, teoricamente, podem dançar na ponta de uma agulha? Isto deverá ocupar nosso tempo por mais oito anos, no mínimo. Aguardo os apertes.

26/07/72

CRÔNICA 31

Espírito olímpico

O espírito olímpico morreu, ontem, em Munique. Vinha agonizando há anos, mantido vivo com doses maciças de boa vontade e dissimulação, mas ontem acabou de morrer. As Olimpíadas talvez continuem; o Espírito Olímpico só sobreviverá como um grotesco monumento à hipocrisia e ao faz-de-conta. Na verdade está morto.

Não sei quem já disse que, numa época revolucionária, ninguém pode se queixar do sacrifício de espectadores inocentes, pois numa época revolucionária o "espectador" é o menos inocente de todos. A frase pode ser um exagero cruel, mas confere. Cada vez mais o espectador se transforma em cúmplice e a sua omissão em inconsciência. Você não pode mais manter a sua inocente distância da crise. A crise não tem mais lugar certo. A crise do Oriente Médio pode ter embarcado no avião junto com você. A crise do Vietnã pode explodir num pacote ao seu lado. Você tomou café com a crise esta manhã, você pode estar atravessando na sua mira neste exato instante, você é a crise. E não adianta virar as páginas dos jornais, de repente a crise está nas páginas de esporte, exigindo um sentimento seu. Pode ser o nojo, já é um comprometimento.

O ideal olímpico é o ideal do espectador, do descompromisso com a História. De acordo com o espírito olímpico, a História é um relato da imperfeição humana, e o Homem é muito mais do que a história das suas crises. Quando a História exigia o compromisso subolímpico da espécie — como nas guerras mundiais — as Olimpíadas eram suspensas. A aristocracia européia tirava férias até que o Homem voltasse à Razão. Isso nos tempos em que a crise era localizada e a História tinha prazo fixo para dar seus pulos. Numa época de revolução permanente, o Espírito Olímpico persiste como uma mentira, uma insistente e oca declaração da nossa inocência. Como diz aquela piada, que fica cada vez mais amarga com o passar do tempo: se você consegue manter a cabeça quando todos à sua volta estão perdendo a sua, é que você ainda não se deu bem conta da situação... Hoje não existem mais distâncias num mundo a jato, e a pirataria tem seu primeiro renascimento desde o tempo das caravelas. As fronteiras nacionais já não significam muita coisa, e o seu desaparecimento só serve para revelar com

maior violência as verdadeiras fronteiras que dividem a raça humana. Em Munique disputava-se a primeira Olimpíada totalmente computadorizada da História, mas sua principal notícia fala de coisas anacrônicas como reféns, morte por grosseiras armas de fogo, comandos, ultimatoss suicidas, o Homem mais distante do que nunca da razão e da organização eletrônica. De certa maneira, o mundo, hoje, recupera ao mesmo tempo que desmente o ideal olímpico. As fronteiras foram vencidas mas o Homem continua o mesmo. A comunidade mundial é possível, mas o mais que ela consegue é dispersar a crise por todo o mundo. Não existem mais países neutros. Ninguém mais é imune. O espectador morreu, ontem, em Munique.

06/09/1972

- Durante as Olimpíadas de Munique, sete terroristas árabes fortemente armados invadiram a Vila Olímpica e mantiveram atletas israelenses como reféns durante vinte horas. Houve dezessete mortes. (N. do E.)